QUANDO PECADORES DIZEM "SIM"

DAVE HARVEY

DAVE HARVEY

QUANDO PECADORES DIZEM "SIM"

EDITORA FIEL

Quando Pecadores dizem "Sim"
Traduzido do original em inglês
When Sinners Say "I Do" por Dave Harvey
Copyright © 2007 by Dave Harvey

Publicado por Shepherd Press
P.O Box 24, Wapwallopen, PA, 18660

■

Copyright © 2009 Editora Fiel
1ª Edição em Português: 2009
Reimpressão: 2011

■

Todos os direitos em língua portuguesa reservados por
Editora Fiel da Missão Evangélica Literária

PROIBIDA A REPRODUÇÃO DESTE LIVRO POR QUAISQUER MEIOS, SEM A PERMISSÃO ESCRITA DOS EDITORES, SALVO EM BREVES CITAÇÕES, COM INDICAÇÃO DA FONTE.

■

Presidente: James Richard Denham III
Presidente Emérito: James Richard Denham Jr.
Editor: Tiago J. Santos Filho
Tradução: Ana Paula Eusébio Pereira
Revisão: Gwen Kirk; Francisco Wellington Ferreira e
Tiago J. Santos Filho
Diagramação: Layout
Capa: Edvânio Silva

ISBN: 978-8599145-71-5

EDITORA FIEL
Caixa Postal, 1601
CEP 12230-971
São José dos Campos-SP
PABX.: (12) 3936-2529
www.editorafiel.com.br

Dedicatória

Para Kimm,

Por transformar toda a minha desventura em "Seja feliz! Seja feliz!"
Vinte e cinco anos se passaram, e ainda não acredito que você disse: "Sim!"

Sumário

Agradecimentos 7

Apresentação 9

Prefácio 11

Capítulo 1 ..... O Que Realmente Importa no Casamento 15

Capítulo 2 ..... Acordando com o Pior dos Pecadores 30

Capítulo 3 ..... A Névoa da Guerra e a Lei do Pecado 41

Capítulo 4 ..... Colocando a Doutrina em Prática 55

Capítulo 5 ..... A Misericórdia Triunfa Sobre o Juízo 69

Capítulo 6 ..... Perdão, Pleno e Gratuito 89

Capítulo 7 ..... O Cirurgião, o Bisturi e o Cônjuge em Pecado 107

Capítulo 8 ..... Graça Resoluta 125

Capítulo 9 ..... Sobre Sexo 140

Capítulo 10 ..... Quando Pecadores Dizem Adeus 157

Notas 171

Sobre o Autor 175

Agradecimentos

Para algumas pessoas talentosas, escrever é um exercício solitário que se desenvolve espontaneamente, em reclusão. Fico admirado quanto a isso, porque comigo acontece o oposto. John Piper escreveu certa vez: "Perseverança na fé é um projeto de comunidade".[1] No meu caso, isso é verdade no tocante à produção de textos.

Permita-me apresentar o grupo de pessoas sem as quais não haveria este livro. A primeira série de agradecimentos é dirigida aos cooperadores mais próximos – aqueles que aceitaram a missão editorial de melhorar o meu trabalho de escritor. Por mais de duas décadas, Andy Farmer tem provado ser não somente um amigo fiel, mas também um homem que ouve as coisas que digo e torna-as compreensíveis. Kevin Meath era, na época em que escrevi, um editor eventual no ministério Sovereign Grace. Ele colocou de lado outros projetos, a fim de servir neste livro. O seu trabalho de edição resultou num aprimoramento sério. Erin Sutherland, minha secretária excepcional, foi além do que o trabalho exigia, empregando seus talentos notáveis em quase todos os aspectos deste projeto. Um agradecimento simples a estes colegas não é suficiente.

Entre os que integraram o grupo mais distante está C. J. Mahaney, que demonstrou sua famosa bondade em aconselhar-me sobre todo o projeto. A visão editorial aguçada de Rob Flood, aperfeiçoada em seu serviço no ministério Family Life, valorizou inegavelmente o livro. Trish Donohue também foi graciosa ao deixar de lado as alegrias de cuidar dos assuntos da família, para ajudar por algum tempo na elaboração de um dos capítulos.

A equipe pastoral da Covenant Fellowship Church merece um agradecimento especial, não somente por reestruturar as coisas, a fim de me proporcionar mais tempo livre, mas também por me conceder a indescritível honra de liderá-los nestes últimos dezessete anos. Finalmente, agradeço à minha família – Kimm, Tyler, Alyce, Asa e Shelby – pois, sem o amor e o apoio de vocês, este livro seria um desperdício de palavras.

Esses foram os meus cooperadores. Ora, sei que costuma-se isentá-los da responsabilidade pelas deficiências do livro, mas parece-me que um livro incomum pode permitir uma abordagem diferente. Então, se você não gostar do livro, culpe-os!

Apresentação

Eles me procuraram em busca de aconselhamento. Jeff e Ellie sentaram em lados opostos do sofá, em minha frente. O ambiente estava pesado e tenso. Eles tinham quinze anos de casados e haviam chegado a um ponto em que mal podiam dizer uma palavra cortês um para o outro. Quase tudo que diziam era acusação; suas palavras eram proferidas com raiva extrema. Meu coração entristeceu-se. Sabia que houve um tempo em que eles se amavam muito. Sabia que, no passado, se prendiam às palavras um do outro e amavam a companhia um do outro. Embora tivessem nutrido expectativas de empolgação e esperança para seu casamento, este era agora um relacionamento de fúria ("Não acredito que ele/ela fez isso comigo!") e arrependimento ("Desejaria nunca ter casado!").

Dave Harvey sabe exatamente o que há de errado com esse casal. Sabe o que os levou da amabilidade à frieza e como levá-los à condição designada por Deus. É isso que considero tão útil neste livro que você está prestes a ler. Foi escrito por um homem que entende bem o assunto. Não porque ele é um pastor (embora isso certamente ajude), ou porque é um bom teólogo (embora este livro seja rico em teologia), ou porque compreende a destruição e a restauração de um casamento. Não, ele entende o que está errado no casamento de muitos cônjuges porque se dispôs a contemplar-se a si mesmo no espelho da Palavra de Deus e a admitir o que vê. Dizem que o melhor pastor é sempre aquele que está disposto a se submeter ao seu próprio ensino.

Este livro compreende a tensão central do relacionamento dos casados. Essa tensão não respeita raça, origem étnica, lugar ou período da história. Ela

explica a condenação e a esperança de cada relacionamento humano. É o tema que, de algum modo, está presente em cada página deste livro. Que tensão é esta? É a tensão entre o pecado e a graça.

O que todos fazemos, de alguma maneira, em nosso casamento? Tendemos a negar o nosso pecado (enquanto ressaltamos o pecado do outro). Ao negar o nosso pecado, menosprezamos a graça. Um fato importante sobre este livro é que, ao tratar de assuntos relacionados à vida diária da família, ele é muito honesto quanto ao pecado e repleto de esperança quanto aos maravilhosos recursos da graça de Deus em Jesus Cristo.

Não posso deixar de desejar que Jeff e Ellie tivessem desfrutado da oportunidade de ler este livro. Não posso deixar de desejar que eu mesmo o tivesse lido, anos atrás, pois repetidas vezes vejo a mim mesmo nestas páginas.

Este livro lembrou-me mais uma vez algumas coisas muito importantes. Lembrou-me que sou o maior problema de meu casamento. (Isso é difícil de aceitar, porém é biblicamente verdadeiro.) Lembrou-me, de forma prática, que Jesus é a única solução. Encorajou-me a lembrar que a graça torna possíveis novos começos. E desafiou-me a viver como realmente creio que posso ser – um instrumento da graça de Deus na vida de minha esposa.

Não importa se vocês anseiam pelo dia de seu casamento ou já têm muitos anos de casados. Tenho certeza de uma coisa: seu relacionamento não é perfeito. E, visto que ele não é perfeito, como casal vocês precisam contemplar o espelho da Palavra de Deus mais uma vez. Este livro os ajudará a fazer isso.

Paul David Tripp
13 de abril de 2007

Prefácio

Você pode estar curioso a respeito de um homem que escreveu um livro intitulado *Quando Pecadores Dizem: "Sim"*. Meu nome é Dave e... bem... sou um pecador. Dizer "sim", há vinte e cinco anos, para minha linda esposa não solucionou esse problema e o aumentou dez vezes mais. Às vezes, os noivos perguntam se o "sim" possui um poder mágico que nos transforma em pessoas abnegadas e instintivamente afetivas. Não, não possui. Eu teria dito "sim", se realmente soubesse o que o "sim" significa? Sem dúvida. O sorriso amplo nas fotos do meu casamento teria sido menos confiante e mais, como posso dizer, *desesperado*? Com certeza!

O que pretendo dizer com a afirmação de que sou um pecador? Imagine um homem vestido de pano de saco, coberto de cinzas, prostrado no chão, envergonhado, jogando terra na cabeça. Não, não. Esqueça isso.

Imagine o seguinte: eu tinha um método infalível de aspirar o meu carro. Precisava apenas de cinqüenta centavos e quatro minutos; depois, você poderia fazer uma cirurgia em cima dos carpetes do carro. O segredo era a colocação dos tapetes, pés ágeis e portas entreabertas. Uma vez que a máquina começava a funcionar, eu trabalhava como um buraco negro humano, sugando com o aspirador tudo que não estava parafusado. Certamente havia um custo – perdi papéis importantes, cheques e um ou dois bichos de estimação – mas sempre há infortúnios em mantermos um sistema ordeiro. Essa era minha maneira de limpar o carro, a única maneira.

Você já se dedicou tanto à sua maneira de fazer as coisas, que isso fez de você um, bem... um tolo?

Um dia, no lava rápido, depositei minhas duas moedas e comecei a trabalhar rapidamente, mas acabei batendo o joelho na porta aberta. O trauma no meu joelho foi tão severo, que minhas pernas dobraram-se. Enquanto eu gemia, deitado no chão, o zunido do aspirador traspassava minha consciência, lembrando-me que segundos preciosos estavam esgotando-se. Entendi que o "Sistema de Limpeza de Carros de Quatro Minutos" do Dave possivelmente ficaria comprometido. Tonto de dor e apertando o joelho palpitante, fiquei de pé, cambaleante, e atirei-me para dentro do carro. No lava rápido as pessoas ainda comentam o espetáculo. Mas tenham certeza de que fui bem-sucedido em limpar todo o carro nos quatro minutos requeridos. Obviamente, tenho um impulso bastante ridículo para competir.

Talvez você pense que um homem que tem pastoreado casais por mais de vinte e um anos não deveria ter esse tipo de comportamento. Continue lendo; a situação é pior do que você pensa.

Eu gosto de controlar as coisas. Adicione a isso o seguinte: amo estar certo. Isso significa que tenho a tendência de considerar inferiores as opiniões de outras pessoas. Odeio estar errado. Além disso, o que as pessoas pensam a meu respeito determina, às vezes, o que faço. Preocupo-me com problemas que nem posso resolver. Neste livro você descobrirá muito mais sobre a minha bagagem de motivações confusas. Entretanto, garanto que, quanto mais você me conhecer, mais admirará a minha esposa.

Encontrei uma passagem na Bíblia que descreve o meu maior problema e o maior desafio de meu casamento. "Porque a carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer" (Gl 5.17).

Nesta passagem, amo não somente o fato de que ela descreve tão bem a minha vida, mas também que foi escrita por alguém que supomos tinha resolvido os problemas do pecado na sua vida. Não foi Paulo quem escreveu: "Tudo posso naquele que me fortalece" (Fp 4.13)? É verdade, mas também foi ele quem confessou: "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" (Rm 7.24).

O apóstolo Paulo era desventurado? Como pode ser isso? Olha, ele deve ter sido realmente mau. E se eu dissesse que um excelente casamento – uma união que glorifica a Deus, estimulante e duradoura – nasce da convicção de que somos

pecadores como Paulo? Isso deixaria você tão intrigado que o levaria ao próximo capítulo? É para lá que estamos indo, se você tiver coragem de vir. Curioso?

Gostaria de ajudá-lo com algo que me tem sido muito proveitoso. Dizer: "Sou um pecador" é encarar com ousadia uma realidade fundamental que muitos não querem nem mesmo considerar rapidamente. Mas, quando reconhecemos essa dolorosa realidade em nossa vida, várias coisas importantes tornam-se claras. Estamos em boa companhia – os heróis de nossa fé, desde os tempos do Antigo Testamento até ao presente, os quais travaram na linha de frente a batalha contra o pecado. Também reconhecemos o que todos ao nosso redor já sabem – principalmente o nosso cônjuge. Entretanto, o maior benefício de reconhecer nossa pecaminosidade é que Cristo e sua obra se tornam preciosos para nós. Como Jesus disse: "Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes. Não vim chamar justos, e sim pecadores, ao arrependimento" (Lc 5.31-32). Apenas pecadores precisam de um Salvador.

Se você é casado, ou casará em breve, está descobrindo que seu casamento não é um livro romântico. O casamento é a união de duas pessoas que trazem consigo a bagagem da vida. Essa bagagem sempre contém pecado. Com freqüência, ela se abre durante a lua-de-mel; às vezes, espera até à semana seguinte. Contudo, a bagagem de pecado está sempre presente, por vezes confundindo os seus donos; por vezes, abrindo-se inesperadamente e expelindo conteúdos esquecidos. Não devemos ignorar nosso pecado, pois ele é o contexto em que o evangelho brilha mais intensamente.

Isso me leva ao ponto principal deste livro. *Quando Pecadores Dizem: "Sim"* não é um pensamento deprimente. Este livro reconhece que, para chegarmos ao âmago do casamento, devemos lidar com o âmago do pecado. Um grande pastor disse certa vez: "Enquanto o pecado não for amargo, Cristo não será doce".[1] Ele estava expressando uma profunda verdade do evangelho. Enquanto não entendermos o problema, não conseguiremos ter prazer na solução. A graça é verdadeiramente admirável por causa daquilo do que fomos salvos.

Creio que nisto há uma poderosa aplicação para o casamento: *quando reconhecemos o amargor do pecado, o casamento torna-se doce*. Quando vemos com realidade o pecado que trazemos para o casamento, o evangelho se torna vital e o casamento, prazeroso.

Parece assustador? Claro que sim. Mas o evangelho é as boas novas que resolvem o problema das más novas. O próprio pecado que você teme contemplar é a razão por que Cristo morreu em seu lugar. O evangelho transforma o nosso medo em adoração.

> Meu pecado, oh! feliz e glorioso pensamento!
> Meu pecado, não em parte, mas totalmente,
> Está pregado na cruz, eu não o carrego mais;
> Louva o Senhor, louva o Senhor, ó minha alma![2]

Para a próxima vida já existe um cuidado garantido; então, por que não trabalharmos para tornar esta vida ainda melhor? Seu casamento pode ser construído ou reconstruído sobre um fundamento sólido e permanente. Mas devemos começar onde o evangelho começa. Ali está a esperança para pecadores que dizem "Sim".

1

O Que Realmente Importa no Casamento

Teólogos no altar

Feixes de luz multicolores pontilhavam o santuário à medida que as grandes portas abriam-se. Um hino processional mesclava-se ao agradável ar de primavera que ondulava pelas janelas abertas. Quando a família e os amigos puseram-se em pé, a madeira escura dos bancos rangeu, era um som de tradição, decoro e retidão.

Tremendo imperceptivelmente e mordendo o lábio numa tentativa de acalmar-se, a noiva iniciou a sua marcha nupcial – passos que ela ensaiou em seu sótão por duas décadas. Ela caminhava em direção a um jovem, um monte de energia num smoking. Um sorriso tomara conta de seu rosto, e seus olhos moviam-se com alegria, enquanto via a noiva aproximar-se.

O pastor fez com a cabeça sinal de aprovação quando o pai da noiva realizou a transferência cerimonial, colocando a mão de sua filha na mão do noivo. "Se existe alguém aqui", o pastor anunciou, "que pode apresentar uma razão pela qual este homem e esta mulher não devam unir-se, fale agora ou cale-se para sempre!" Todos esperaram com solene expectativa, quando o ministro pausou para esta prática obrigatória. De repente, a voz de um senhor interrompeu o silêncio cortês.

"Como vocês sabem?"

Ele estava de pé, no fundo da igreja, apertando o banco à sua frente, tendo olhos penetrantes, cheios de zelo. "Não é minha intenção desrespeitar a cerimônia " – ele apelou, visto que cada rosto se volvera em sua direção.

"Como vocês sabem – quero dizer –, sabem realmente que este casamento vai dar certo?"

A sua entonação era séria, mas não desafiadora. A sua intervenção inesperada talvez tenha sido assustadora para a congregação, mas era completamente sincera.

Então, olhando para baixo e com voz branda, suas palavras finais soaram lenta e refletidamente.

"Como... como alguém pode saber?"

Surpresas, algumas pessoas fitaram o homem. Outras demonstraram indignação. E, quando a sua pergunta inesperada ecoou brandamente por aquele prédio, foi como se o tempo parasse, enquanto dezenas de pessoas, em silêncio, formulavam suas respostas, cada uma delas ouvindo na mente a sua própria voz.

Eles estão apaixonados; o amor pode superar qualquer coisa – pensou a dama de honra.

Compatibilidade é a chave. Este casamento é um fecho – pensou um amigo dos noivos.

O pastor que ministrara aos noivos como jovens, conhecendo ambas as famílias por anos, disse a si mesmo: "*Tudo se resume na questão da criação. Estes jovens cumprirão a jornada porque vêm de boas famílias*".

Tio Bob, perito contador, apertou a gravata e riu discretamente. *Você tem alguma idéia de como será o capital deles em poucos anos, amigo? Um bom planejamento financeiro elimina a maior causa de estresse que um casamento saudável pode sofrer.*

Eles leram todos os livros sobre casamento; o que mais precisam saber? – admirou-se o padrinho do noivo.

Dando prosseguimento à cerimônia, o pastor incluiu sua solução. "Amados, estamos reunidos aqui para dedicar este casamento a Deus. Ele o tornará bem-sucedido. Oremos..."

UMA BOA PERGUNTA, UMA ÓTIMA RESPOSTA

Imagine que essa história seja real. O que você pensaria? Quem está certo? Todos eles? Nenhum deles? O que lhe ocorreria num momento como esse?

Mais importante ainda, como você responderia se aquele homem fizesse essa pergunta sobre o seu casamento agora mesmo? Talvez para você a pergunta não seja tanto: "Este casamento dará certo?", mas algo como: "O meu casamento pode ser tudo que deveria ser?"

Se você está lendo isto, é óbvio que a pergunta lhe interessa. Nossos alvos para o casamento não param em "Vai durar?" ou "Vai dar certo?" O que as pessoas esperam neste relacionamento significativo é um casamento que amadurecerá e prosperará mesmo em tempos difíceis. Então, gostaria de oferecer uma resposta que pode não lhe ter ocorrido. É uma resposta que reflete a idéia principal deste livro.

Primeiro, deixe-me dizer que todas as respostas dos convidados daquele casamento imaginário têm seus méritos: amor, compatibilidade, uma forte história familiar, bom planejamento, conhecimento, uma fé comum. Cada uma dessas respostas é útil ou é um componente crítico para um casamento próspero. Talvez você possa também apresentar outras respostas boas.

Entretanto, por trás de todas as outras há uma resposta que as faz trabalharem juntas, da melhor maneira possível. É uma resposta tão abrangente que passaremos o restante deste livro analisando algumas de suas implicações. Ela pode não parecer tão essencial à primeira vista, mas, baseado nas Escrituras e em tudo que aprendi sobre pastorear, nos últimos vinte e um anos, garanto-lhe que esta verdade pode abalar o seu mundo.

Esta é a resposta: *o que acreditamos sobre Deus determina a qualidade de nosso casamento.*

SIGA O MEU RACIOCÍNIO

Dê-me um momento para explicar. Todos vêem a vida a partir de uma perspectiva – o que alguns chamam de cosmovisão. A nossa cosmovisão é formada por muitas coisas: cultura, sexo, criação, situação atual, etc. O fator mais profundo que modela a cosmovisão de todos é o entendimento a respeito de Deus. As coisas nas quais uma pessoa crê sobre Deus determinam o que ela pensa acerca de como chegamos a este mundo, qual é nosso propósito supremo e o que acontece depois de morrermos. Então, essencialmente, a nossa cosmo-

visão, a nossa perspectiva quanto à vida, é determinada por nossa perspectiva a respeito de Deus. Aquilo em que você realmente acredita sobre Deus e sobre o que significa viver para Deus *é* a sua teologia. Em outras palavras, teólogos não são apenas aqueles senhores muito inteligentes dos seminários ou aqueles superinteligentes que já morreram... você também é um teólogo! Leia o que disse um famoso teólogo de nossos dias, R. C. Sproul:

> Nenhum cristão pode evitar a teologia. Todo cristão é um teólogo. Ele pode não ser um teólogo no sentido técnico ou profissional, mas ainda é um teólogo. A questão não é ser ou não ser um teólogo, mas se somos bons ou maus teólogos.[1]

Que tipo de teólogo você é? Não é difícil dizer. Mesmo que não percebamos, nossas idéias sobre a vida, necessidades, casamento, romance, conflito e tudo o mais revelam-se o tempo todo em nossas palavras e ações, refletindo inevitavelmente a visão que temos de Deus. Se você atentar com mais cuidado, perceberá que a teologia transborda de nossos lábios todo o dia. Veja se você o percebe nesta conversa:

"Fico muito decepcionada quando você faz isso!"

"É, não há nada que eu possa fazer! Sou assim mesmo – não é culpa minha se isso irrita tanto você."

"Você não se importa com o que eu preciso, não é?"

"O que *você* precisa? O que você pensa a respeito do que *eu* preciso? Meus sentimentos não parecem ter importância alguma neste casamento."

"Por que você não confia em mim?"

Um duelo de palavras típico de um casal? Talvez. Entretanto, é muito mais do que isso. Afirmações simples assim, que toda pessoa casada provavelmente pensa (embora nem sempre as concretizemos em palavras), vêm de corações que adotaram certas suposições sobre quem somos, o que precisamos, o que é importante e o que Deus significa em tudo isso. Numa conversa como essa, a teologia está sendo colocada na prática.

Isso talvez não esteja claro para você agora, mas garanto que se esclare-

cerá à medida que o livro prosseguir. Um bom cônjuge-teólogo percebe nesse tipo de conversa que opiniões sobre Deus e sobre ele mesmo, sobre problemas e relacionamentos, sobre o certo e o errado estão sendo defendidas e discutidas com firmeza. Isso se manifesta no vocabulário: "Decepcionada". Revela-se nos pontos de referência: "O que eu preciso". Manifesta-se nas suposições subjacentes: "Sou assim mesmo".

Então, não se engane quanto a isso. A maneira pela qual os cônjuges constroem seu casamento dia a dia, ano a ano, é modelada fundamentalmente por sua teologia. A teologia dirige o modo de pensar, falar e agir dos cônjuges. A teologia deles dirige toda a sua vida e determina como vivem em seu casamento.

EM PRIMEIRO, AS COISAS PRINCIPAIS: CADA COISA EM SEU LUGAR

Você já abotoou sua camisa de modo errado... bem, daquele jeito em que os botões e as casas não se emparelham, e a camisa parece ter sido abotoada por meninos bem pequenos? (Isto é apenas um palpite: erros como esse parecem ser coisa de homem.) Fiz isso recentemente. Coloquei o primeiro botão na casa errada e continuei abotoando, até que exibi uma moda horrorosa. O engraçado foi que pensei que estava muito elegante – talvez houvesse um botão extra lá embaixo, mas, obviamente, era um defeito da camisa.

Momentos como esse deixam minha esposa, Kimm, numa situação complicada. *Devo arrumar a roupa dele de novo?*, ela pensa, *ou deixo o pessoal do escritório se divertir com esta moda?* Dessa vez ela foi misericordiosa, e passei o dia com a camisa abotoada corretamente.

É admirável como uma pessoa pode parecer esquisita e desalinhada por não abotoar direito aquele primeiro botão. Comece no lugar errado e você não poderá corrigir o problema ao longo do percurso. Acertar no começo é a chave para fazer certo todo o resto.

O casamento é como aquela camisa. Se você acertar nas primeiras coisas, os muitos "botões" seguintes – comunicação, solução de conflitos, romance, as funções próprias de cada um –, todos começam a alinhar-se de modo que trabalhem juntos.

Qual é o primeiro botão no casamento? Você já sabe... a teologia! Mas, como é uma teologia "abotoada de modo correto"? Consideraremos brevemente três dos mais importantes componentes de uma teologia de casamento bíblica e íntegra.

O ALICERCE DE SEU CASAMENTO – A BÍBLIA

Para ser um bom teólogo e, portanto, um bom cônjuge, devemos estudar como Deus realmente é. Nossa compreensão e interpretação de Deus e da realidade devem vir das Escrituras. Ele se revela verdadeiramente nas Escrituras – seu caráter, ações, sentimentos e plano glorioso e redentor. Dizendo-o de maneira mais profunda, na Bíblia encontramos a Deus como Ele se revela na pessoa de Jesus Cristo. Cristo é "a verdade" (Jo 14.6). Conhecer a Cristo significa conhecer a verdade. Casamentos alicerçados na verdade são, inerentemente, centrados em Cristo.

É evidente que vivemos numa época em que as pessoas dão ao casamento o significado que desejam. Sem qualquer fonte de autoridade, o casamento segue a cultura... não importa aonde esta vá. Em uma noite de festa com aquela dança de sacudir a cabeça, uma artista pop famosa casou-se e na manhã seguinte anulou o casamento. Talvez o casamento lhe pareceu uma coisa divertida a se fazer por algumas horas, não muito diferente de uma tarde no shopping ou de uma visita à cafeteria Starbucks. Somente um prazer espontâneo, sem mal algum.

É por isso que a Bíblia é tão importante. Como Palavra de Deus, ela enche o casamento de significado eterno e glorioso. Também fala com autoridade a respeito do que o casamento deve ser. A Bíblia é tanto o padrão avaliador para o casamento como a chave para nos unirmos em casamento. É maravilhoso e libertador compreender que a durabilidade e a qualidade do casamento não estão baseadas na força do nosso compromisso com ele. Em vez disso, estão baseadas em algo à parte do casamento: a verdade de Deus, a verdade que encontramos, simples e clara, nas páginas das Escrituras.

Conheço um engenheiro cujo trabalho é complicado demais até para eu começar a entender. Não faz muito tempo que ele me falou sobre um programa de computador que tinha um manual de operação que exigia explicações de seu

próprio criador. Engenheiros de todas as partes do mundo apressaram-se em busca desse inventor para aprender a interpretar o manual e usar o programa. O raciocínio era que ele havia criado o programa, escrevera o manual e, por isso, era a autoridade... comecemos por aqui! Isso é lógico para mim.

Isso também se aplica ao casamento. Deus criou o casamento, escreveu o "manual de operações" e mostra-se fiel em explicá-lo. Ele é a única autoridade e a única pessoa digna de confiança no assunto de casamento. Como seu "inventor" (ver os dois primeiros capítulos de Gênesis), Deus sabe como o casamento funciona e o que fazer para que dure. Sendo Ele Senhor sobre o casamento, tem-nos concedido tudo que necessitamos para a vida e a piedade – incluindo o casamento –, em sua Palavra.

A Bíblia é o alicerce para um casamento próspero.

A FONTE DE SEU CASAMENTO – O EVANGELHO

Se queremos vivenciar um casamento que tem a Bíblia como alicerce, certifiquemo-nos de estar seguros a respeito do que isso realmente significa. Eis um breve resumo da perspectiva bíblica.

Bem, vejamos... nos dois primeiros capítulos de Gênesis, percebemos que Deus criou o homem e a mulher para viverem em dependência dEle e para a glória dEle. Contudo, no terceiro capítulo observamos que eles se desviaram de Deus, voltando-se para si mesmos – o pecado entrou em cena. Como resultado imediato, eles perderam o relacionamento extraordinariamente pessoal que haviam desfrutado com Deus – um rompimento que afetaria todas as pessoas. Muitas, *muitas* páginas depois, no fim do livro de Apocalipse, Deus restaura completamente aquele relacionamento pessoal perdido por Adão e Eva e cria novos céus e nova terra para seu povo.

Vejamos... no passado houve um relacionamento interrompido pelo pecado. Então, porque o pecado foi removido, o relacionamento é completamente restaurado em algum ponto do futuro. Esse é um esboço bem claro. Agora, o que acontece nos sessenta e quatro livros do meio? O evangelho, é isso que acontece. Deus envia seu Filho como resposta para o dilema do pecado, não só para ser um exemplo de bondade moral ou para nos ensinar como viver, mas

para receber o julgamento do pecado prometido em Gênesis 3, a fim de que vivamos num relacionamento restaurado com Deus para sempre.

O evangelho é o âmago da Bíblia. Todas as coisas nas Escrituras são ou uma preparação *para* o evangelho, ou uma apresentação *do* evangelho, ou uma participação *no* evangelho. Na vida, na morte e na ressurreição de Cristo, o evangelho oferece uma solução cabal para o nosso pecado – para hoje, para amanhã, para o dia em que estaremos diante de Deus, para sempre.

Realmente não há limites para as glórias do evangelho, o qual é a razão por que passaremos a eternidade admirados de que o Deus Santo tenha escolhido moer o Filho unigênito por amor ao pecador. O evangelho explica o nosso problema básico e mais óbvio – o pecado nos separou de Deus e uns dos outros. Por isso, somos objetos da ira de Deus. Um cristão compreende a necessidade que temos da cruz; nosso pecado era tão grave que exigiu sangue, o sangue de Deus, para removê-lo! Sem a cruz, estamos em guerra com Deus, e Ele está em guerra conosco.

Portanto, o evangelho é central a toda a verdade teológica; é também a realidade plena que possibilita que todas as demais coisas tenham sentido. Não se engane pensando que o evangelho é bom apenas para evangelização e conversão. Por meio do evangelho, entendemos que, embora salvos, ainda somos pecadores. Por meio do evangelho recebemos o poder para resistir ao pecado. A compreensão correta e a aplicação contínua do evangelho *é* a vida cristã.

Isso também significa que o evangelho é uma fonte inesgotável da graça de Deus em seu casamento. Para tornar-se um bom teólogo e para nutrir uma expectativa de um casamento que dure por toda a vida e seja bem-sucedido, você precisa ter um entendimento claro do evangelho. Do contrário, não *poderá* ver a Deus, a você mesmo ou o seu casamento como eles realmente são.

O evangelho é a fonte de um casamento próspero.

O FOCO DO SEU CASAMENTO - A GLÓRIA DE DEUS

Quando começamos a orientar nosso casamento ao redor da verdade bíblica, vemos algo impressionante. O casamento foi não somente *inventado* por Deus, mas também *pertence* a Ele. O Senhor faz uma reivindicação singular sobre as características, o propósito e os objetivos do casamento. O casamento existe realmente

mais para Ele do que para você, para mim ou para nosso cônjuge.

Isso mesmo. O casamento não diz respeito, primeiramente, a mim e ao meu cônjuge. É óbvio que o homem e a mulher são essenciais, mas também são secundários. Deus é a pessoa mais importante em um casamento. Esta união visa ao nosso bem, mas, em primeiro lugar, visa à glória de Deus.

Isso talvez pareça estranho, surpreendente ou difícil de aceitar, mas é uma verdade vital para cada casal cristão. O culto na igreja pode oferecer as formalidades religiosas de um casamento, mas fazer de Deus a autoridade desse relacionamento é uma realidade diária.

Em meu ministério pastoral, tenho visto os tristes frutos do erro de não entregar a Deus aquilo que é seu por direito.

- Jovens casais precipitam-se em casos amorosos, desconsiderando a sabedoria das pessoas mais próximas e tentando usar o casamento como um meio de legitimar desejos incontrolados. Não vêem o casamento como um relacionamento que, em primeiro lugar, diz respeito a Deus.
- Casais cristãos invertem os papéis que a Bíblia lhes atribui e as responsabilidades conjugais em favor "das coisas que funcionam", embora isso signifique qualidade de vida aquém da que Deus tencionou. Eles não vêem o casamento como um relacionamento que, em primeiro lugar, diz respeito a Deus.
- E, o que é mais trágico, famílias cristãs dividem-se pelo divórcio, quando um ou ambos os cônjuges decidem que as necessidades pessoais são mais importantes do que aquilo que Deus uniu. Eles não vêem o casamento como um relacionamento que, em primeiro lugar, diz respeito a Deus.

O apóstolo Paulo usa grande parte de Efésios 5 para dirigir-se a pessoas casadas. Havendo delineado, nos capítulos anteriores, o que Cristo fez por eles como indivíduos, Paulo exorta aos esposos e às esposas: "Andeis de modo digno da vocação a que fostes chamados" (Ef 4.1). O capítulo 5 de Efésios está repleto de instruções para a edificação de casamentos bem-sucedidos. O aspecto mais notável na abordagem de Paulo é este: *Cristo é o ponto de referência para todas as nossas atitudes no casamento*.

As esposas devem submeter-se ao marido "como ao Senhor" (v. 22). Os maridos devem amar a esposa "como também Cristo amou a igreja e a si mesmo se entregou por ela" (v. 25). Os maridos devem nutrir e cuidar de sua esposa "como também Cristo o faz com a igreja" (v. 29). Em cada exortação, vemos que, embora o agir pertença a nós, há algo mais notável e mais sublime acontecendo por meio dessas ações.

Vemos isso novamente no versículo 32, que descreve a realização de algo glorioso e profundo. "Grande é este mistério, mas eu me refiro a Cristo e à igreja." O comentador George Knight nos oferece este discernimento:

As pessoas dos dias de Moisés desconheciam (era um "mistério") o fato de que o casamento havia sido *designado por Deus*, desde o começo, para ser uma figura ou parábola do relacionamento entre Cristo e a igreja. No início, quando Deus planejou como seria o casamento, Ele o projetou com este grande propósito: seria na terra uma bela ilustração do relacionamento que um dia se concretizaria entre Cristo e sua igreja. Durante muitas gerações, isso era desconhecido das pessoas. Por isso, Paulo o chama de "mistério". Mas, agora, na época do Novo Testamento, Paulo revela esse mistério, que é surpreendente.

Isso significa que, ao falar aos cristãos de Éfeso sobre o casamento, Paulo não ficou procurando em toda parte a fim achar uma analogia proveitosa, chegando, de repente, à conclusão de que "Cristo e a igreja" podiam ser uma boa ilustração do seu ensino. Não, o que aconteceu foi muito mais significativo: Paulo viu que, *quando Deus planejou o casamento, Ele já tinha Cristo e a igreja em mente*. Este é um dos grandes propósitos de Deus no casamento: ilustrar para sempre o relacionamento entre Cristo e seu povo redimido![2]

Acho isso profundo. O casamento foi estabelecido no mundo – no seu lar e no meu – como um lembrete, uma parábola viva do relacionamento de Cristo com a igreja.

Os meses de preparação, o grande dia, a memorável lua-de-mel – essas coisas são importantes, mas há algo mais importante do que um magnífico álbum com as fotos do casamento. Quando um homem e uma mulher se unem em casamento, eles iniciam um novo e vitalício exemplo do relacionamento entre Cristo e sua igreja.

Quão fácil é agir como se o marido e a esposa fossem as únicas partes

relevantes no casamento. Mas, em última análise, o casamento diz respeito a Deus. Além disso, o casamento é maravilhoso não porque traz alegria às pessoas, ou porque proporciona um ambiente para a criação dos filhos, ou porque estabiliza a sociedade (embora o casamento faça todas essas coisas). O casamento é maravilhoso porque Deus o projetou para manifestar a sua glória.

O foco de um casamento próspero é a glória de Deus.

O CASAMENTO É TEOLOGIA NA PRÁTICA

Começamos a desenvolver uma teologia de casamento clara, correta e bíblica. Entretanto, se o seu casamento se parece com o meu, você não vive a sua teologia em uma torre protegida contra problemas, num mundo de silêncio, paz e pensamentos profundos. Somos teólogos de rua, tentando exercitar nossa fé num mundo em que casais ficam furiosos e batem portas.

Portanto, tendo em mente as boas novas do evangelho – que Cristo veio ao mundo para salvar pecadores –, preciso fazer a pergunta trivial da semana... você ainda peca? E o seu cônjuge? Permita-me facilitar isso para você.

Homens, a mulher radiante em cujo dedo você colocou aquela aliança... *é uma pecadora*. Mulheres, o homem que lhe fez um juramento de perfeita fidelidade e de sacrifício vitalícios... *é um pecador*. Em cerimônias por todo o mundo, todos os dias, sem exceção, são pecadores que dizem: "Sim". São pecadores que comemoram o décimo, o vigésimo quinto e qüinquagésimo aniversário de casamento. São pecadores que dão o último beijo em seu cônjuge no leito de morte. É um pecador que escreve este livro. E são pecadores que o lêem.

A luta diária contra o pecado salienta o fato de que, ao mesmo tempo que Cristo nos salva, Ele não nos transforma imediata e completamente em não-pecadores. Esse processo glorioso começa no momento em que somos convertidos e continua durante toda a vida na terra, mas será finalizado apenas quando deixarmos este mundo caído.

É por isso que neste primeiro capítulo – e até no título do livro! – tenho procurado enfatizar e caracterizar a realidade do pecado. Deus está transformando a nós, pecadores. Esse processo de transformação aponta para uma finalidade gloriosa – tornar-nos mais parecidos com o seu Filho, nosso Salva-

dor. Mas, para nos tornarmos mais parecidos com Cristo, devemos reconhecer o fato de que somos pecadores; sim, perdoados, mas ainda batalhando contra o ímpeto interior que nos desvia de Deus e nos faz confiar em nós mesmos.

Sem essa clareza bíblica, não há contexto para a cruz nem uma consciência permanente de que precisamos de graça e misericórdia. Sem uma forte perspectiva acerca do pecado, a própria noção do que significa conhecer a Deus é profundamente enfraquecida. Cornelius Plantinga fez a seguinte observação: "A verdade solene é que, sem uma revelação total do pecado, o evangelho da graça torna-se impertinente, desnecessário e, por fim, enfadonho".[3] Sem "uma revelação total do pecado", uma autoconfiança cega nos estimulará a tentar fazer nosso casamento dar certo com base em nossa própria força. E qualquer coisa que tentamos fazer alicerçados em própria força não tem como alvo a glória de Deus, nem possui a vida proveniente da fonte do evangelho.

Se a sua lua-de-mel é uma recordação distante e seu casamento perdeu o fervor e o brilho; e caso você se pergunte como parou de chamar seu amado ou sua amada de "mamãe" ou "papai" (não somente na frente das crianças), pense o seguinte: será que você abandonou a idéia de que os problemas e fraquezas no casamento resultam da falta de informação, dedicação ou comunicação? Você encarou seus problemas como eles realmente são: causados por uma guerra em seu próprio coração?

Se você está lendo este livro durante o esplendor de uma lua-de-mel feliz, esta é uma boa ocasião para chegar perto do amor de sua vida e dizer-lhe suavemente: "Sou um grande pecador – e sou seu por toda a vida".

É assim que praticamos a teologia no casamento.

ENQUANTO O PECADO NÃO FOR AMARGO, CRISTO NÃO SERÁ DOCE

Neste livro quero convencê-lo de que tratar do problema do pecado é a chave para um casamento bem-sucedido. Quando aplicamos o evangelho ao nosso pecado, ele nos dá esperança quanto à nossa vida pessoal e ao nosso casamento. As más novas conduzem às boas novas. Esta é a história da Bíblia e a história de nossa vida.

O grande pastor que mencionei no Prefácio era Thomas Watson. Lembra as palavras dele? "Enquanto o pecado não for amargo, Cristo não será doce". Ele queria dizer que, enquanto não entendermos o problema, não experimentaremos a solução. O seu testemunho não é este? Você não tem percebido que, quanto mais compreende a extensão do horror do pecado, tanto mais rapidamente corre para o Salvador, revelado agora em uma nova maneira, em sua glória, santidade, beleza e poder?

Ver o nosso próprio pecado como a causa dos problemas em nosso casamento não é fácil e, certamente, não é algo que nos "ocorre de modo natural". O pecado que permanece em nosso coração se opõe a Deus e ao seu povo. Impede nossa alegria e santidade. Obstrui casamentos bem-sucedidos e saudáveis que são testemunhos da bondade e da misericórdia de Deus.

Mas, quando edificamos nosso casamento na Palavra de Deus e no evangelho da vitória de Cristo sobre o poder do pecado; quando encaramos a triste, dolorosa e inegável realidade de nosso pecado; quando o vemos como a coisa amarga e odiosa que ele é e percebemos os seus traiçoeiros desígnios no centro de cada uma de nossas dificuldades de relacionamento, algo maravilhoso acontece. Buscamos o evangelho como a nossa única solução.

Então, começamos a perceber que há uma nova esperança para nosso casamento. Muita esperança. Esperança que vem do poder do evangelho, o mesmo poder que ressuscitou Cristo dentre os mortos. Temos um vislumbre do prazeroso relacionamento em que nosso casamento pode tornar-se – uma união vivificante e feliz em que os pecados são confessados e perdoados. Meus amigos, quando o pecado torna-se amargo, o casamento torna-se doce.

Muitos de nós temos sido entristecidos por casamentos que começaram agradáveis, mas não permaneceram assim, tal como aquela cerimônia de casamento que teria sido encantadora, se não houvesse a interrupção por parte daquele senhor. Cada "Sim" é proferido com a esperança de que um amor devotado permanecerá. Mas, como podemos ter certeza? Como podemos saber que o nosso casamento não somente durará, mas também prosperará, tornando-se mais prazeroso e mais agradável com o passar do tempo?

O que buscamos realmente é um casamento que prospere, brilhe cada vez mais, funcione, seja e pareça o que esperávamos no início – talvez vá até

além do que esperávamos. Estou escrevendo este livro a fim de encorajar os casados a manterem um casamento agradável que glorifique a Deus. Minha esperança é que, ao ler estas palavras, você esteja buscando isso mesmo.

AONDE VAMOS DAQUI

Há vinte e cinco anos, na escadaria da faculdade onde eu estudava, cantei uma música para Kimm e a pedi em casamento. Qualquer pessoa que já me ouviu cantar apostaria que a resposta dela seria não. Mas ela disse: "Sim!" Eu sabia pouco a respeito da aventura que Deus guardara para mim.

Agora temos quatro filhos e um gato. Eu não gosto de gatos, mas sou loucamente apaixonado por minha esposa. E, como *ela* ama gatos, consigo tolerar o gato.

Nossa vida é complicada; "agitada" talvez seja uma descrição melhor. Nosso casamento é um rico e prazeroso caos. Contudo, pela graça de Deus, a nossa jornada é sustentada por um ardente companheirismo que se intensifica a cada ano. É um mistério para mim, mas não para Deus. Foi Ele quem teve a idéia de exaltar seu nome quando pecadores dizem: "Sim".

Por causa da graça de Deus, do aconselhamento de homens a quem devo prestar contas na igreja em que sirvo e de muitos ensinos maravilhosos, as arestas de nosso casamento são aparadas razoavelmente bem, muitas vezes. Isso começou anos atrás quando começamos a aprender uma verdade simples sobre a importância de atentar à Palavra de Deus. A. W. Tozer disse: "O que vem à nossa mente quando pensamos em Deus é a coisa mais importante sobre nós mesmos". Este é o ensino número 1 em meu livro, e é a razão pela qual enfatizo que temos de "ver a Deus, a nós mesmos e o nosso casamento como eles realmente são".[4]

Chegando ao final deste primeiro capítulo, talvez você perceba que tem algumas arestas a serem aparadas. Talvez esteja começando a sentir que, se a sua percepção do pecado não é tão amarga e se a sua experiência de casamento não é tão agradável, a sua teologia não é o que deveria ser.

Acompanhe-me até ao fim deste livro, e farei o melhor para transmitir muitas coisas maravilhosas que aprendi sobre o casamento por meio

das Escrituras e de outras pessoas mais sábias do que eu. Veremos que o pecado, embora enganoso, é, ao mesmo tempo, surpreendentemente previsível. Consideraremos os gloriosos mistérios da misericórdia, da graça e do perdão e veremos como essas virtudes podem se tornar ferramentas poderosas e práticas nas mãos de um bom cônjuge-teólogo. Examinaremos vários meios pelos quais podemos ajudar e servir ao nosso cônjuge, desde a confrontação até à intimidade sexual. Consideraremos aquele tempo em que nossa vida na terra se torna breve, e veremos o que significa honrar a Deus quando o nosso corpo enfraquece.

Você e seu cônjuge são, de fato, pecadores? Então, continue lendo este livro! Será que Deus *já* sabe que vocês são pecadores e provê tudo que precisam para edificar um casamento bem-sucedido? Deus apóia completa, total e entusiasticamente cada esforço que você faz para edificar um casamento forte, que O glorifique. Ele quer que nos deleitemos no casamento; quer torná-lo forte, firme e prazeroso.

Venha, descubramos o que significa ver a Deus, a você mesmo e o seu casamento como realmente são. É aqui que tudo começa.

2

Acordando com o Pior dos Pecadores

As novas sobre quem realmente somos

Oh!... Fiz isso de novo!

Minha esposa havia se atrasado um pouco. E, em vez de esperá-la pacientemente (ou talvez ajudá-la), fiz o que faço tão bem: falei-lhe em tom categórico, especulando sobre quantos minutos de nossa vida ela havia desperdiçado com atrasos. Minhas conjeturas não a impressionaram, mas o impacto doloroso de minhas palavras era óbvio em seu rosto. *Muito gentil, Dave*, percebi tarde demais, *muito construtivo. Uma palavra certa em tempo oportuno.*

Você deve imaginar que um pastor, alguém chamado a pensar e a falar de modo cuidadoso, útil e bíblico, encontraria algo melhor a dizer naquele momento – ou, pelo menos, algo menos prejudicial. Entretanto, apesar de minhas palavras arrogantes, pecaminosas, Kimm conseguiu, mais uma vez, revesti-las de amor e ajudou-me pacientemente a ver o que estava errado nelas.

Sou imensamente grato pelo espírito gracioso e perdoador de Kimm, mas a pergunta permanece: *por que não sou mais amável?* Afinal, somos casados há mais de duas décadas. Tenho trabalhado no ministério durante a maior parte desse tempo, li vários livros sobre casamento, realizei inúmeros seminários sobre esse tema e penso realmente que Kimm é um presente de Deus para mim. *Se amo a minha esposa, por que acho tão fácil tratá-la como se não a amasse?*

O mesmo acontece em relação aos nossos filhos. Certo dia, um deles estava fazendo algo que exigia o que minha avó chamava de "uma conversa". Então, o Grande Pontífice atacou novamente. Em vez de aproveitar aquela oportunidade para cuidar de meu filho graciosamente, minhas palavras foram

severas e críticas. Assunto diferente, pessoa diferente, mas o mesmo problema: tratei alguém que amo como se eu não tivesse amor algum.

Homens, vocês sabem o que estou falando. Planejamos uma noite romântica e perfeita, no restaurante favorito de nossa esposa. Mas, de repente, ela ou você diz alguma coisa, ou o garçom diz alguma coisa; e, em mais ou menos dois minutos, vem à tona uma lembrança totalmente diferente ("Querida, você lembra aquela noite em que tivemos aquele conflito realmente sério?").

E o que acham desta outra situação? Em vez de assistir ao jogo de futebol no seu dia de folga, você decide fazer o conserto que ela vinha pedindo que você terminasse. Depois de cinco horas frustrantes, você guarda as ferramentas e procura no rosto de sua esposa alguma expressão de apreciação pelo seu sacrifício. Ela olha para o trabalho e diz: "Queria que você tivesse pedido minha opinião antes de fazer assim". Então, inicia-se o conflito.

Numa situação referente às mulheres, acontece que o marido diz à esposa que estará em casa às 9h da noite e chega às 10h45. "Desculpe amor, a reunião demorou a terminar." Sem aviso, sem um telefonema, sem um pedido de desculpas *verdadeiro*, sem levar em conta a preocupação da esposa. Momentos antes você pensava em como poderia sustentar a família na qualidade de viúva. Agora, depois de imaginá-lo a dormir no carro por uma semana, você não tem certeza do que está para sair de sua boca; provavelmente não será coisa boa.

A CONFISSÃO DE PAULO E A NOSSA

Este é o lado desagradável do casamento: a realidade de viver diariamente com alguém num mundo caído. Mas, o que isso revela? O que isso indica quando percebo a minha própria malignidade? O inimigo separou-me como objeto de sua atenção exclusiva? Talvez eu seja uma ameaça para seu reino, como Frodo o era para os poderes de Mordor ou Luke Skywalker, para o império mal. Isso não é desculpa para o fato de que sei o que é certo e, com freqüência, escolho fazer o contrário.

Bem, imagine: se o pecado é um problema persistente em nós, estamos

em boa companhia? Mesmo sendo tão maus, o apóstolo Paulo parecia pensar que ele mesmo era ainda pior. Talvez possamos aprender algo com ele.

Paulo escreveu a Timóteo: "Fiel é a palavra e digna de toda aceitação: que Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores, dos quais eu sou o principal" (1 Tm 1.15). Bem rigoroso, não é? Ele não deu espaço para hesitação nessas palavras. Começou qualificando a afirmação de "fiel e digna de toda aceitação". Isso é o equivalente antigo de colocar o pequeno sinal de exclamação num e-mail que você envia (significa: esta mensagem é de alta prioridade).

A afirmação de Paulo contém duas partes. "Cristo Jesus veio ao mundo para salvar os pecadores" – isso nos leva ao coração do glorioso evangelho e nos prepara para a segunda parte: "Dos quais eu sou o principal". Ora, o que devemos fazer com este conhecimento? Como o apóstolo enviado aos gentios – o teólogo da fé cristã – pôde dizer isso com franqueza? A quem ele se comparou? Que padrão aplicou a si mesmo?

Essas são perguntas importantes. Não ousamos rejeitar a declaração de Paulo considerando-a um exagero efêmero ou um exercício inútil de falsa humildade. Essa afirmação é a Palavra de Deus e apresenta uma verdade profunda.

Em primeiro lugar, é claro que Paulo *não* estava tentando comparar-se objetivamente com todas as outras pessoas, porque nem conhecia a maioria delas! Isso nos diz que seu foco não era, antes de tudo, exterior, e sim interior. Também não era a sua intenção dizer que seu caráter estava arruinado ou que sua maturidade espiritual era nada. Ele estava apenas falando sobre o que se passava em seu coração.

De fato, ele estava dizendo: "Olha, conheço o meu pecado. E o que tenho visto em meu próprio coração é tenebroso e terrível; é orgulhoso, egoísta, autoenaltecedor e se rebela contra Deus de um modo mais consistente e regular do que já vi no coração de qualquer outra pessoa. Até onde posso perceber, eu sou o maior pecador que conheço".

Paulo estudava o seu próprio coração. Ele prestava atenção aos desejos e impulsos que se agitavam em seu íntimo. E acho que não estou indo longe demais se afirmar que Paulo sabia que era capaz – dadas as circunstâncias corretas – de cometer o pior dos pecados e ter a mais ímpia das motivações. Paulo era realista. Queria ver a Deus e a si mesmo de modo *verdadeiro*. Ele não se

escondia atrás de uma fachada de agradabilidade e religiosidade. Como Henry Scougal comentou a respeito deste verso: "Ninguém pode pensar sobre ele [Paulo] de modo tão vil como ele mesmo pensava".[1]

Agora, consideremos o versículo seguinte. "Mas, por esta mesma razão, me foi concedida misericórdia, para que, em mim, o principal, evidenciasse Jesus Cristo a sua completa longanimidade, e servisse eu de modelo a quantos hão de crer nele para a vida eterna" (1 Tm 1.16).

Com o passar dos dias, duas coisas ficaram mais claras para Paulo: sua pecaminosidade à luz da santidade de Deus e a misericórdia de Deus em face do seu pecado. Conhecer corretamente tanto a Deus como a si mesmo não era, de modo algum, desencorajador ou deprimente. Em vez disso, esse entendimento aprofundou a gratidão de Paulo pela grandeza da misericórdia de Deus em redimi-lo e pela paciência de Cristo em continuar a amá-lo e identificar-se com ele em sua luta diária contra o pecado.

A confissão de Paulo a Timóteo, que lemos anteriormente, nos oferece um exemplo impressionante de honestidade e maturidade teológica: a intensa e dolorosa consciência que Paulo tinha de sua pecaminosidade o fez magnificar a glória do Salvador!

A REALIDADE BÍBLICA DE PECADORES ALEGRES

Esta profunda consciência da pecaminosidade inata não é uma verdade teológica vaga ou um exemplo de fervor religioso radical. Uma forte consciência da pecaminosidade anda freqüentemente lado a lado com uma grande alegria e confiança em Deus. Pouco depois, o mesmo Paulo que se declarou o pior dos pecadores pôde exultar: "Ao Rei eterno, imortal, invisível, Deus único, honra e glória pelos séculos dos séculos. Amém!" (1 Tm 1.17).

Esse é um tema que também ressoa nos Salmos. No Salmo 40, vemos, lado a lado, regozijo no Senhor e lamentação.

> Não retenhas de mim, SENHOR, as tuas misericórdias; guardem-me sempre a tua graça e a tua verdade. Não têm conta os males que me cercam; as minhas iniqüi-

> dades me alcançaram, tantas, que me impedem a vista; são mais numerosas que os cabelos de minha cabeça, e o coração me desfalece (Sl 40.11-12).

O que estas palavras expressam? Algum tipo de espiritualidade bipolar em funcionamento? De modo nenhum! É a alegria da salvação irrompendo, apesar da vida num mundo caído e um coração que ainda luta contra o pecado. É a realidade como a vemos por meio da verdade bíblica.

Essa realidade é muito diferente daquela na qual geralmente estamos atolados até ao pescoço – a realidade falsa, pretensiosa, aparatosa de uma sociedade opulenta, controlada pelo desejo de conforto e obcecada por auto-estima. Em vez disso, essa realidade nos conduz ao Salvador, que traz na cruz a santidade e a misericórdia de Deus. O grande pregador do século XIX, Charles Spurgeon, foi outro homem que viu essa realidade em toda a sua glória centrada em Cristo.

> Muitas pessoas pensam frivolamente sobre o pecado e, por isso, pensam levianamente sobre o Salvador. O homem que se coloca diante de seu Deus, convencido e condenado, destinado à morte, é o homem que chora de alegria quando perdoado, odeia o mal que lhe foi perdoado e vive para honrar o Redentor por meio de cujo sangue ele foi purificado.[2]

Lembra o que Jesus disse a respeito da pecadora? "Por isso, te digo: perdoados lhe são os seus muitos pecados, porque ela muito amou; mas aquele a quem pouco se perdoa, pouco ama" (Lc 7.47). Se assim como Paulo (Davi, Spurgeon...) reconheço a enormidade de meu pecado, vendo a mim mesmo como o pior dos pecadores, entendo que *muito* me foi perdoado. A partir disso, a realidade bíblica começa a fazer sentido. Começo a ver Deus como Ele realmente é. Sua grandeza torna-se maior que meus problemas. Sua bondade vem até mim, embora eu não seja bom. Sua sabedoria e poder são visíveis nos caminhos perfeitos pelos quais Ele age para me transformar de dentro para fora.

Portanto, o pecado – o meu e o seu pecado – é extremamente horrível. É vil. É perverso. Mas, ao mesmo tempo, ele é o contexto de um acontecimento maior. Somos obras em progresso, dolorosamente inclinados ao pecado, mas, apesar disso, podemos ser obras alegres, pois – louvado seja a Deus – fomos redimidos pela graça, mediante a morte e a ressurreição de Cristo. Nosso Salvador veio a este mundo para resgatar-nos da punição do pecado e garantir-nos vida abundante por meio de seu Espírito.

Quando duas pessoas, unidas por casamento, seguem essa percepção da realidade, vivendo de acordo com ela, sua vida e casamento começam a assemelhar-se, cada vez mais, ao exemplo que Deus deseja mostrar a um mundo perdido. Enquanto o pecado não for amargo, o casamento não poderá ser doce.

ROB, SALLY E O RESTANTE DE NÓS

Rob e Sally são crentes há muito tempo. Como acontece com muitos casais, cada um deles adotou certas suposições sobre o modo como o outro deve agir. Cada um deles sente que possui certas necessidades que o outro deve satisfazer. Embora freqüentem a igreja e tenham uma vida cristã cuidadosa, Rob e Sally estão enfrentando um problema sério em seu casamento. Eles não vêem que suas brigas estão fundamentadas em modos errados de encarar a realidade; soluções significativas sempre parecem escapar-lhes.

Eis alguns exemplos. Rob diz que precisa de respeito, mas parece que só recebe críticas de Sally, todas as noites, quando chega do trabalho. Sally diz que necessita de que Rob fique mais perto dela e lhe proporcione um senso mais forte de segurança no casamento; mas tudo que ela parece receber é a passividade dele, dia após dia. De fato, não há nada errado nesses desejos específicos. O problema surge quando, várias vezes na semana, eles repetem reclamações sobre as falhas do outro, reiteram suas exigências por mudanças e proferem (com poucas variações) as mesmas observações dolorosas que têm trocado entre si durante meses. Curiosa e tragicamente, tanto Rob como Sally sentem-se justificados por muitos dos livros que leram a respeito de casamento, livros que alimentam seu senso de justiça negado e parecem legitimar as necessidades que eles sentem com tanta profundidade.

Na qualidade de amigo e testemunha da deterioração gradual do casamento de Rob e Sally, como você tentaria ajudá-los? É claro que eles precisam de alguém que os ouça, para compreendê-los. Mas a maior necessidade deles está em sua teologia. Eles precisam reconhecer que algumas das expectativas que nutrem quanto ao outro – e as perspectivas das quais surgem essas expectativas – não são bíblicas. As acusações, as palavras duras, as atitudes exigentes e egoístas deles estão permeadas de pecado. Como casal, eles precisam de ajuda para harmonizarem-se às Escrituras – à visão de Deus sobre a realidade.

A raiz do problema de Rob e Sally se revela no fato de que a afirmação de Paulo em 1 Timóteo 1.15 ainda não é "fiel" para eles. O reconhecimento sincero de sua própria pecaminosidade não é digno "de toda aceitação". Como muitos casais crentes, Rob e Sally fundiram a afirmação fiel de Paulo e remodelaram-na em um molde antibíblico: "Cristo Jesus veio ao mundo para satisfazer as minhas necessidades, *que possuo em maior número do que todos os outros!*"

Em suma, falta a Rob e Sally a compreensão de como o evangelho realmente age em nós. Eles não estão sozinhos nesta carência. John MacArthur lamenta a perda de realidade bíblica entre muitos crentes:

> Com rapidez os crentes estão deixando de ver o pecado como a raiz de todas as aflições humanas. E muitos deles negam explicitamente que seu pecado pode ser a causa de seu sofrimento. Um número cada vez maior de crentes tenta explicar o dilema humano em termos totalmente antibíblicos: temperamento, vício, famílias disfuncionais, a criança interior, co-dependência e uma multidão de mecanismos de escape promovidos pela psicologia secular.
>
> O impacto potencial dessa inclinação é assustador. Remova a realidade do pecado e você exclui a possibilidade de arrependimento. Anule a doutrina da depravação humana e você invalida o plano divino de salvação. Apague a noção da culpa pessoal e você elimina a necessidade de um Salvador.[3]

Essa necessidade contínua pelo Salvador é exatamente aquilo ao que os crentes professos devem apegar-se. A cruz faz uma declaração impressionante sobre os esposos e as esposas: somos pecadores, e nossa única esperança é a graça. Sem uma consciência clara do pecado, avaliaremos nossos conflitos à parte da história bíblica – a obra consumada de Jesus Cristo na cruz –, eliminando assim qualquer base para o verdadeiro entendimento, a verdadeira reconciliação ou a verdadeira mudança. Sem o evangelho de nosso Salvador crucificado e ressurreto, nosso casamento move-se em direção à superficialidade. Começamos a apresentar justificativas infundadas para nosso comportamento pecaminoso, e os problemas do casamento terminam, na melhor das hipóteses, em acordos incômodos, negociados e parciais.

Entretanto, visto que considero 1 Timóteo 1.15-16 um texto digno de confiança (posso aceitá-lo por completo) e reconheço que sou o pior dos pecadores, o meu cônjuge não é mais o meu maior problema: *eu o sou*. Quando me vejo andando nos sapatos do pior dos pecadores, me esforçarei para proporcionar ao meu cônjuge a mesma graça abundante que Deus me outorgou.

A PIOR COISA SOBRE O PECADO

A esta altura você deve estar dizendo a si mesmo: *Este homem exagera em suas idéias a respeito do pecado! O pior dos pecadores? Homem, tome uma pílula contra desânimo e desconecte o medidor de moral. Isso é motivo para tanta preocupação?*

O motivo de tanta preocupação é que meu pecado não é, em primeiro lugar, contra mim ou o meu casamento. Todo pecado é primeiramente contra Deus. E isso muda tudo.

Veja-o desta maneira. Minha condição de casado diz algo importante sobre mim: diz que tenho uma esposa. Ao identificar-me, essa condição destaca a realidade de outra pessoa – a minha esposa. Também indica quem *não* sou, pois, como sou casado, não sou solteiro.

Agora, lembre que a Bíblia tem uma maneira específica de descrever os seres humanos – pecadores (Sl 51.5; Rm 3.23; 5.12). Todos estamos juntos nessa categoria. Não é um clube exclusivo. Aceitar a designação de "pecador"

é reconhecer o que eu sou *em relação a Deus*. Também revela o que eu não sou: não sou um ator neutro. Por minha própria natureza (que é pecaminosa), sou uma ofensa à natureza de Deus (que é perfeitamente santa).

Então, o termo "pecador", quando usado nas Escrituras, implica claramente que há uma pessoa (*pelo menos* uma) contra quem o pecado é cometido. Quando dirijo a Kimm uma palavra crítica ou rude, na frente de nossos filhos, meu pecado é, até certo ponto, contra eles. Obviamente, num grau maior, é contra Kimm. Contudo, preciso ver que esse pecado ofende de modo sério – e em primeiro lugar – a Deus! E *isso* é o que o meu pecado tem em comum com todos os pecados que já foram ou serão cometidos. Todo pecado, embora tenha pequeno ou grande impacto sobre as pessoas, profana a santidade do Deus perfeitamente justo e santo. O pecado é sempre direcionado a Deus, como o primeiro e principal alvo (Dt 9.16; 1Sm 15.24; Sl 51.4). Jerry Bridges aplica isso diretamente ao contexto da vida familiar, quando diz:

> O pecado é errado não por causa do que ele faz a mim, à minha esposa, ao meu filho ou ao meu vizinho, e sim porque é um ato de rebelião contra o Deus infinitamente santo e majestoso.[4]

Vários anos atrás tomei consciência de um hábito sutil e destrutivo. Sempre que eu sentia haver pecado contra Kimm, confessava-lhe meu pecado e buscava resolver a situação. Esse comportamento parece muito bom quando eu o expresso assim, não? Mas percebi que meu objetivo não era nada nobre. Eu queria uma restauração rápida e eficaz de nosso relacionamento, para que não me sentisse mal e prosseguisse "às coisas mais importantes". Em outras palavras, a confissão era basicamente um instrumento que eu usava para meu próprio bem. Não admira que eu tivesse freqüentemente um sentimento superficial e memorativo que agora creio ter sido uma inspiração amorosa do Espírito Santo.

Após um tempo de oração, reconheci que esquecera, de modo surpreendente, a Deus no pedido de desculpas a Kimm. Vi que eu havia sido quase plenamente indiferente ao fato de que meu pecado fora, em primeiro lugar,

contra Deus e que me tornara culpado perante a sua infinita santidade. Eu havia julgado meus pecados como erros ou, no máximo, como "pequenos pecados" que exigiam pouca preocupação de meu coração. Meu verdadeiro objetivo era apenas um tipo de controle de danos no casamento, e não um reconhecimento honesto diante de meu Pai celestial. Mas, pela graça de Deus, comecei a ver, como J. I. Paker disse tão bem, que "não há pecados pequenos contra um grande Deus".[5]

Quando a realidade bíblica começou a ser apreendida, coisas maravilhosas aconteceram. Comecei a sentir tristeza verdadeira pelos meus "pequenos pecados". Minha compreensão de Deus e sua misericórdia aumentou. Comecei a ver, em meu casamento, os pecados autênticos, embora menos óbvios, que, com regularidade, eu cometia contra Kimm – pecados com os quais "nos tornamos confortáveis", mas que corroíam lentamente nosso relacionamento. Passei a reconhecer situações em que poderia ser tentado a pecar contra ela e comecei a aprender como lutar contra essas tentações. Minhas confissões, tal como as conversas sobre os problemas em nosso casamento, passaram a ter uma profundidade rica e satisfatória. Essas conversas nem sempre eram fáceis, mas ajudaram definitivamente nosso relacionamento. Cheguei a uma percepção mais clara a respeito de Deus, de mim mesmo e de meu casamento.

O PIOR DOS PECADORES – O MELHOR DOS MUNDOS!

Eis minha conclusão: sou um marido e pai melhor e um homem mais feliz quando reconheço ser o pior dos pecadores. Essa condição parece mais óbvia para mim a cada semana que passa. Mas, repetindo: você também é o pior dos pecadores, bem como o seu cônjuge. Pelo menos, você não está sozinho nessa condição.

Você tem medo de ser muito severo consigo mesmo? Se a sua resposta for sim, lembre que para Paulo a percepção de ser "o pior dos pecadores" era um sinal de auto-avaliação perspicaz e uma forte consciência da santidade de Deus. Lembre também o que somos em Cristo, *apesar* do nosso pecado: somos filhos preciosos do Pai, que nos amou tanto que enviou seu único Filho para sofrer a punição por nossos pecados, até mesmo por aqueles que ainda cometeremos.

E lembre que Deus está trabalhando em você, conformando-o, de dentro para fora, a um genuíno exemplo de Cristo. Uma avaliação sensata de nossa condição pecaminosa não impede essa obra; antes, celebra-a!

A pergunta que costumava deixar-me perplexo – "*Se amo a minha esposa, por que acho tão fácil tratá-la como se não a amasse?*" – tem uma resposta universal. Todos somos o pior dos pecadores. Portanto, qualquer coisa que fazemos que *não é* pecado resulta da obra da graça de Deus. No próximo capítulo, falaremos sobre como empregar esta graça na luta proveniente do fato de que somos, ao mesmo tempo, o pior dos pecadores e um filho de Deus. Mas não devemos terminar este capítulo sem apreciar a virtude que surge quando nos vemos como o pior dos pecadores.

Essa virtude é a humildade – que destrói o orgulho e ilumina a percepção. "Há duas coisas que servem para humilhar a alma dos homens", John Owen escreveu, "uma consideração apropriada de Deus e, depois, de nós mesmos. De Deus, em sua grandeza, glória, santidade, poder, majestade e autoridade; de nós mesmos, em nossa condição pecaminosa, vil, desprezível".[6]

O caminho da humildade está aberto para todos os esposos e esposas que desejam ter "uma consideração apropriada" do que são em si mesmos perante um Deus santo. Quero seguir por esse caminho. Sei que você também quer, pois, do contrário, não estaria lendo este livro. Nestes dois primeiros capítulos, você confrontou algumas verdades incômodas. Espero que esteja experimentando a promessa que Deus oferece àqueles que reconhecem com humildade a sua pecaminosidade. Não há nada como ser um pecador perdoado, agradecido ao Deus vivo pela vida, o ar, a salvação e cada provisão. Essa é a única perspectiva a partir da qual você pode começar a ver a Deus, a você mesmo e o seu casamento com verdadeira realidade.

Mas, espere um pouco. No próximo capítulo examinaremos melhor essas coisas. Nossa jornada está para ficar mais empolgante.

3

A Névoa da Guerra e a Lei do Pecado

Preparando-se para o inevitável

21 de julho de 1861. A primeira das grandes batalhas da Guerra Civil Americana começou antes do amanhecer. O rugido da artilharia parecia acordar a todos na Virgínia, enquanto as tropas da União e as tropas Confederadas combatiam entre as fazendas ao lado de um rio chamado Bull Run. Mas uma coisa estranha aconteceu, à medida que a batalha se intensificava. Centenas de pessoas de Washington – senadores, deputados, funcionários do governo e suas famílias, todos usando roupas simples e carregando cestas de piquenique – correram até à colina perto de Manassas para assistir à batalha. Armados com óculos de ópera, eles conversavam amigavelmente, enquanto homens eram mortos nos campos abaixo. Um simpatizante do Norte comentou: "Isto é esplêndido. Oh! Não é um espetáculo de primeira classe? Creio que amanhã, a esta hora, estaremos em Richmond".[1] As pessoas estavam animadas e faziam brindes. Em suma, pensaram que aquela era uma maneira magnífica de passar uma tarde de verão.

De repente, um contra-ataque rebelde, liderado por uma cavalaria muito bem preparada, devastou o flanco da União, fazendo a tropa fugir. Até para olhos desacostumados as implicações eram óbvias; a área tranqüila do piquenique estava para se tornar um campo de batalha. Uma confusão total irrompeu quando os espectadores fugiram, momentos antes de os Confederados chegarem à colina. A diversão havia acabado. A batalha os alcançara.

As pessoas que se divertiam no piquenique descobriram algo sobre a guerra naquele dia: ninguém pode ficar bem próximo de uma guerra e, ao

mesmo tempo, estar seguro. Só os ingênuos pensam que podem ficar perto de um combate e se divertir. Quando a guerra entra em cena, tudo que ela toca transforma-se em um campo de batalha.

No Capítulo 1, aprendemos sobre a importância de ter uma teologia exata e bíblica. No Capítulo 2, consideramos uma verdade central dessa teologia: cada um de nós é, de fato, o pior dos pecadores. Neste capítulo e no seguinte, queremos entender um pouco melhor esta coisa chamada *pecado*, examinando a sua natureza e aprendendo como tendemos a reagir ao pecado. Afinal de contas, visto que somos os piores dos pecadores, vale a pena saber algumas coisas a respeito de como o pecado se manifesta.

Por isso, comecei este capítulo falando sobre uma batalha. A natureza do pecado, você sabe, é guerra. O pecado cria uma guerra – guerra contra Deus, contra os outros e contra você mesmo. Ora, o que você tem no casamento? Dois pecadores, cada um com um potencial de guerra em constante espreita dentro de si. Em última análise, o casamento é apenas a vida em uma forma particularmente concentrada. Portanto, devemos admirar que, assim como a guerra alcançou aquelas pessoas horrorizadas e estultas na Batalha de Bull Run, a guerra do pecado nos subjugue, às vezes, quando menos esperamos?

Entretanto, diferentemente do que aconteceu com aquelas pessoas, temos algum controle sobre a guerra contra o pecado. E, quando atacados pelo pecado, o que devemos fazer depende do tipo de batalha que nos confronta. Logo que somos tentados a pecar – por exemplo, tentados a ficar irados contra nosso cônjuge –, a batalha é interior, e devemos ficar na ofensiva. Nosso alvo é derrotar o pecado, para evitar que ele se propague. Se falharmos nisso, o pecado se expande do coração ao campo de batalha maior de nosso casamento. Somos chamados a ser pacificadores. Nosso alvo é acabar a luta.[2]

Você já compreendeu que é o pior dos pecadores? Neste capítulo, aprenderemos mais sobre a natureza belicosa de nosso pecado. É certo que as epístolas do Novo Testamento admitem a presença beligerante do pecado nos crentes. Felizmente, elas oferecem também instrução e esperança a respeito de como lutar contra o pecado. Os benefícios do

novo nascimento – o perdão de nossos pecados e nosso relacionamento com Cristo – não nos tiram da batalha. Em vez disso, garantem a vitória! Instruído pela Palavra de Deus e capacitado pelo Espírito Santo, você pode tornar suas batalhas menos freqüentes, mais breves e menos danosas, mas também remissórias, permitindo que seu casamento cresça constantemente em doçura.

LUTANDO POR LIBERDADE NO CONFLITO DOS DESEJOS

Os membros da recém-fundada igreja da Galácia estavam confusos. Judaizantes – os homens que atacaram sorrateiramente o apóstolo Paulo e procuraram pregar a sua própria versão falsa do evangelho – haviam se introduzido na igreja, após a partida dele, para levar aqueles novos crentes de volta a práticas religiosas formais arraigadas na lei do Antigo Testamento. Paulo não aceitaria isso. A sua carta dirigida àqueles crentes expressa sua eloqüente e fervorosa defesa da justificação pela graça, por meio da fé no sacrifício expiatório de Jesus Cristo.

> Porque eu, mediante a própria lei, morri para a lei, a fim de viver para Deus. Estou crucificado com Cristo; logo, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim; e esse viver que, agora, tenho na carne, vivo pela fé no Filho de Deus, que me amou e a si mesmo se entregou por mim. Não anulo a graça de Deus; pois, se a justiça é mediante a lei, segue-se que morreu Cristo em vão (Gl 2.19-21).

Nesta carta aprendemos algo maravilhoso. Aqueles que estão em Cristo, por meio da fé no evangelho, são verdadeiramente livres em Cristo – livres do fardo de tentarem justificar a si mesmos pela obediência à lei do Antigo Testamento (Gl 5.1). Sou grato pelo fato de que Paulo entendeu tanto a pecaminosidade de seu próprio coração, que previu aonde os gálatas (você e eu) poderiam chegar com essa liberdade. Não estando mais presos ao fardo do desempenho religioso, somos propen-

sos a interpretar nossa liberdade como uma licença para a impiedade. Por isso, Paulo advertiu: "Vós, irmãos, fostes chamados à liberdade; porém não useis da liberdade para dar ocasião à carne; sede, antes, servos uns dos outros, pelo amor" (Gl 5.13).

Paulo não desejava que permanecêssemos sob a tirania da lei. Também não queria que abusássemos de nossa liberdade em Cristo envolvendo-nos no pecado. A solução dele para ambos os erros é a mesma. Devemos lutar pela liberdade – liberdade em Cristo e por causa de Cristo. Veja quão transparente foi Paulo ao abordar o conflito que o pecado produz em nosso coração: "A carne milita contra o Espírito, e o Espírito, contra a carne, porque são opostos entre si; para que não façais o que, porventura, seja do vosso querer" (Gl 5.17).

Esse é o conflito. Os lados dessa guerra não são homem versus mulher, esposo versus esposa, controlador versus capacitador. É um conflito de desejos – os desejos da carne contra os desejos do Espírito. É uma guerra árdua pela supremacia do coração humano.

Nas Escrituras, "a carne" é outra maneira de falar sobre o princípio contínuo do pecado. Na verdade, existem algumas expressões que os cristãos usam e significam basicamente a mesma coisa: "pecado interior", "pecado remanescente", "pecado natural", "a carne" e "o velho homem", citando poucas. Algumas dessas expressões aparecem nas Escrituras, outras, não; mas todo bom cônjuge-teólogo deve entender que todas elas se referem ao pecado que cada um de nós leva no coração. Não importando como a chamamos, o objetivo da "carne" é simples: impedir que você faça o que deseja fazer (Gl 5.17).

John Newton, autor do hino *Graça Eterna*, descreveu com eloqüência sua experiência de Gálatas 5: "Não quero ser um instrumento ou vítima de imaginações licenciosas, vãs, tolas e malignas. Entretanto, essa maldade encontra-se dentro de mim. Meu coração é como uma estrada aberta ao uso de quem quiser, é como uma cidade sem muros ou portões".[3]

Newton estava expressando algo que pessoas casadas descobrem rapidamente, às vezes antes da lua-de-mel: existe uma maldade "dentro de mim". Embora a condenação pelo meu pecado tenha sido paga por Cristo, o pecado ainda permanece e pode me impedir de fazer as coisas que quero fazer.

Você percebe que há desejos em seu interior que se formam para resistir às boas coisas que você quer fazer em seu casamento? Quando não estamos nos movendo em direção a Deus, esses desejos não nos causam qualquer problema. Mas tente, por exemplo, planejar um tempo regular de oração com seu cônjuge. Ou procure tornar-se responsável numa área em que ele ou ela gostaria que você crescesse. E o que podemos dizer sobre aquela ocasião em que você começa a confessar um pecado "pequeno" e, de repente, quer enfatizar o pecado realmente "grande" que seu cônjuge cometeu contra você na semana passada? Seus desejos pecaminosos e beligerantes manifestam-se. Por quê? Porque o propósito deles é impedi-lo de fazer as coisas que você quer fazer para Deus.

Apesar da clareza da afirmação de Paulo, as pessoas casadas supõem, às vezes, que a causa de alguns dos seus comportamentos errados é o seu cônjuge. Podem até tentar justificar suas palavras e ações pecaminosas com base nisso.

É assim que acontece (confie em mim, eu sei disso). Aqui estou, simplesmente neutro, com o coração cheio de generosidade, cuidando de minha própria vida, quando minha esposa diz ou faz algo que, em minha incontestável opinião, passa dos limites. Agindo rápida e eficientemente como um juiz e um júri constituído de uma só pessoa, avalio o comportamento dela como pecaminoso. A transgressão dela exige minha resposta justa e resoluta. A fim de lidar de modo rápido com qualquer violação de meu espaço aéreo emocional ou com qualquer risco de interrupção da minha segurança pessoal, devo expor com clareza o pecado dela e condená-lo abertamente. Se isso cria um impacto negativo em minha esposa – que, em minha opinião, é a agressora –, uma resposta "firme" de minha parte infelizmente é necessária para manter a paz. De fato, estou apenas ocupado em um ato de liderança; talvez ela aprenda uma lição para o futuro.

Sim, isso parece certo, não é? Parece tão claro. Mas é apenas a minha carne pecaminosa fazendo aquilo que melhor sabe fazer: guerrear contra o Espírito e, neste caso, contra Kimm também.

Ela me diz que sente, na alma, um combate semelhante quando sua vontade colide com a minha liderança legítima. Senhoras, vocês se identificam com minha esposa neste sentido? Quando seu esposo sugere preparar-lhe um banho quente com espuma perfumada, o casamento é uma

alegria, perdendo só para o Éden. Mas o que acontece quando a liderança dele interfere em seus planos? As palavras "Querida, você pode..." tornam-se irritantes na sua lista de afazeres do dia?

Para uma esposa ocupada, cheia de tarefas, a contribuição ou a liderança inesperada do marido pode parecer uma emboscada em suas prioridades. Às vezes, Kimm tem um plano para o dia, com muitas coisas a fazer. Esse plano reflete seu desejo sincero de servir aos melhores interesses de nosso casamento e nossa família. Mas, se o meu pedido ameaça reestruturar seu dia ou sua semana, alterando a agenda que ela programou com cuidado, esse desejo nobre pode tornar-se rapidamente uma anelo sutil de administrar e controlar a vida de Kimm em seus próprios termos. De repente, o "Querida, você pode..." torna-se a granada que começa uma batalha dentro dela. Naquele momento, ela não quer uma guerra do Espírito contra a carne; mas isso é o que acontece.

Se culpar o cônjuge por fazer você pecar parece um pouco suspeito, quão mais estranho é culpar o próprio casamento? Isso acontece só comigo ou com todos?

Um dos cônjuges pode dizer: "Fico bem quando estou no trabalho. A batalha não começa antes de eu chegar em casa". É muito fácil usar a frase "estamos tendo problemas típicos do casamento", como se o casamento os criasse.

"Irmão, você pode orar por mim? Meu casamento está passando por alguns problemas (ou, mais estranho ainda, alguns 'desentendimentos'). O que, *eu*? Não, estou bem. Só tenho de lidar com estes *problemas do casamento*, entende?"

Toda esta idéia de ver a Deus, a si mesmo e o casamento como eles realmente são exige um pensamento claro e bíblico. Identificar o próprio casamento como a fonte dos problemas conjugais é como dizer que a batalha de Bull Run foi causada por alguma região turbulenta. A batalha foi travada *numa* região, mas sua causa vinha de outro lugar.

COMO ESTA LUTA COMEÇOU?

A causa das batalhas matrimoniais, amigos, não é o próprio casamento nem o nosso cônjuge. É o pecado em nosso coração – inteira,

total e exclusivamente, sem exceção. Isso é ensinado de modo claro e consistente nas Escrituras, desde o primeiro pecado até ao juízo final. Ao abordar as tentativas fúteis dos fariseus de lidar com o pecado como algo "exterior", Jesus ofereceu um diagnóstico penetrante e suficiente da origem de nosso problema.

> Mas o que sai da boca vem do coração, e é isso que contamina o homem. Porque do coração procedem maus desígnios, homicídios, adultérios, prostituição, furtos, falsos testemunhos, blasfêmias. São estas as coisas que contaminam o homem (Mt 15.18-20a).

Tiago tomou esse princípio fundamental da natureza humana e enfatizou-o, aplicando-o aos relacionamentos pessoais.

> De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne? Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Nada tendes, porque não pedis; pedis e não recebeis, porque pedis mal, para esbanjardes em vossos prazeres (Tg 4.1-3).

É simples, não? Tudo que eu mostro em palavras ou ações vem de um lugar: meu coração. Deus nos ama tanto que não nos deixa sem respostas para as perguntas confusas e os desafios do casamento. O problema não está ao nosso redor ou fora de nós. O problema é a "grande oposição" dentro de nós.

G. K. Chesterton respondeu, certa vez, ao artigo de um jornal que convidava os leitores de todo o mundo a responder à antiga pergunta: "O que há de errado com o mundo?"

Sua resposta foi breve e objetiva: "Eu".

Qual o maior problema em meu casamento? Eu.

A NÉVOA DA GUERRA

Você já ouviu a expressão "a névoa da guerra"? É algo que acontece no meio da batalha – tudo parece caótico, e nada faz sentido. Sob a névoa da guerra, as pessoas fazem coisas totalmente desprovidas de caráter, coisas que elas juraram que nunca fariam. A guerra entre a carne e o Espírito pode parecer-se com isso – somos jogados de um lado para outro por qualquer impulso que seja mais forte no momento. Nessas ocasiões, podemos fazer e dizer coisas que nunca pensamos seria possível. O que nos leva a tomar atitudes das quais nos arrependemos? Veja o relato que Paulo nos dá em Romanos 7, enquanto travava essa luta.

> Ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim. Porque, no tocante ao homem interior, tenho prazer na lei de Deus; mas vejo, nos meus membros, outra lei que, *guerreando contra a lei da minha mente, me faz prisioneiro da lei do pecado* que está nos meus membros (Rm 7.21-23, ênfase acrescentada).

Paulo descobriu que o pecado tem um propósito, uma intenção. Ele encontrou uma lei, um "sistema operacional" medíocre (para todo nós, computadores) que agia constantemente dentro dele. Paulo disse: "Parte de mim se deleita na lei de Deus, mas vejo outra lei esforçando-se para me tornar cativo". Você já ouviu a si mesmo ou seu cônjuge dizendo:

> "Não acredito que fiz isso!"
> "De onde isso veio?"
> "Eu não sou assim!"

Paulo se identifica com você nesse sentimento. Ele o chama de a lei do pecado em operação. Essa lei se opõe aos nossos desejos por Deus, ainda que a lei de Deus esteja escrita em nosso coração. A lei do pecado quer tornar você prisioneiro do pecado; e, apesar de sua segurança de salvação

em Cristo, isso é muito sério. Qualquer pecado pode escravizar. Todos os pecados causam danos que podem ser complexos e duradouros. Realmente colhemos o que plantamos. Nossas batalhas têm conseqüências reais. Não são jogos de guerra, e sim a própria guerra.

Bem-vindo à realidade.

R. C. Sproul escreveu: "De certo modo, a vida só começa a ficar complicada quando nos tornamos crentes. Quando nascemos do Espírito, nascemos de novo e entramos numa luta violenta entre o velho e o novo homem".[4] Você é crente? É casado? É um novo homem *e* um velho homem; uma mulher do Espírito *e* uma mulher da carne. Bem dentro do seu coração, há uma batalha.

Converti-me há vinte e seis anos e ainda tenho a "lei do pecado" agindo em meu corpo. Não se deixe abater pela palavra "lei". Isso não significa que estamos sob o poder do pecado ou que devemos expiar nosso pecado continuamente. Toda a expiação de todos os nossos pecados foi realizada, de uma vez por todas, pelo nosso maravilhoso Salvador, na cruz! Mas ainda permanece a poderosa e ativa influência do pecado em nós. A palavra "lei" é usada porque é assim que o pecado age em nós: ele procura nos controlar e subjugar; insiste em que nos juntemos a ele; tem como alvo o nosso desejo de fazer coisas santas.

Digamos que, após um dia inteiro de trabalho, volto para casa ansioso por jantar à mesa, por carinhos de minha esposa e serenidade. O meu bem-estar raramente é uma ameaça à lei do pecado. Contudo, suponhamos que a segunda ou a terceira coisa que minha esposa diz seja: "Precisamos conversar sobre o que aconteceu hoje...", usando o tom de voz que demonstra haver por ali uma criança culpada de alguma coisa.

Eu sei a coisa certa a fazer. Entendo a minha responsabilidade de liderar a família. Compreendo a gravidade da situação. Até entendo a sabedoria de resolver a situação o mais rápido possível. Entretanto, a lei do pecado se introduz no momento da decisão. Ela quer que eu faça qualquer coisa, *exceto* aquilo que é certo. Então, ela mostra um plano mais atraente: lançar sobre minha esposa um profundo suspiro, com a mensagem: "Oh! os fardos da liderança!", ou vociferar alguma repreensão vaga para o filho que

estiver mais perto, ou refugiar-me na Internet para me informar de *qualquer coisa* que esteja acontecendo *fora* de minha casa.

O que eu faço quando a lei do pecado me dá essas ordens? Em meio a uma argumentação, quando você *sabe* que está errado, o que o impede de dizer: "Sim, você está certa. Perdoe-me"? A lei do pecado.

O que você imagina ser o principal fator que o impede de ter uma vida devocional consistente? Sim, a lei do pecado.

Quando você sabe que o romance no seu casamento poderia melhorar, por que você não se esforça? Mais uma vez, a lei do pecado.

Somos freqüentemente peritos em encontrar a lei do pecado agindo em nosso cônjuge, mas não somos tão perspicazes em perceber sua atividade em nós. A lei do pecado pode parecer-se com "aquilo que nós mesmos somos" ou com "a maneira como somos constituídos". Afinal, os mandamentos dessa lei vêm de dentro de nós. Mas todo cônjuge, homem ou mulher, deve estar apto a dizer, como Paulo: "Ao querer fazer o bem, encontro a lei de que o mal reside em mim" (Rm 7.21).

Antes éramos cidadãos do reino das trevas do pecado, agora, por causa da obra de Cristo consumada na cruz, somos cidadãos do reino da luz de Deus. Cada um desses reinos possuem leis diferentes para os seus cidadãos obedecerem. Tornar-nos cidadãos do reino da luz garante nosso destino final. Contudo, de vez em quando, o pecado pode fazer, de modo eficiente, nosso coração produzir névoa.

A TRAIÇÃO DO PECADO

Há três coisas sobre a natureza do pecado que o capacitam a gerar névoa tão densa: o pecado é astuto, é sedutor, é traiçoeiro.

O pecado é astuto

O pecado é astuto. É inerentemente enganoso. Num jogo espiritual fraudulento, o pecado se esconde enquanto tenta controlar-nos e escravizar-nos. Mas, diferentemente de um homem fraudulento que só quer nos separar de nosso dinheiro, o pecado quer nos separar do próprio Deus. Por

meio de suas mentiras, o pecado nos compele a adotar uma falsa perspectiva em nosso relacionamento com Deus.

Dependemos de Deus até para viver. Ele é o benevolente provedor de todas as coisas boas; é o nosso sábio e amoroso Deus, que tem para nós os melhores interesses no coração. Mas o pecado quer que vejamos a Deus como *responsável* para conosco quanto aos nossos desejos. Isso O torna um espírito mágico cuja única função é endireitar qualquer coisa que nos esteja aborrecendo ou um déspota mal-humorado e mesquinho cuja indisposição ou incapacidade de suprir as nossas necessidades é a fonte de nossos problemas.

Embora tenhamos sido *abençoados* por Deus, o pecado quer que nos consideremos *vítimas* de Deus. É assim que o pecado age. Era assim que ele agia "no princípio".

O pecado é sedutor

Gênesis 3, a serpente começou a enredar a mulher perguntando: "O que Deus lhe disse?" Quando Eva respondeu, a serpente revelou sua verdadeira hostilidade em relação a Deus, ao contradizer a sua Palavra e distorcer o seu caráter. "Então, a serpente disse à mulher: É certo que não morrereis. Porque Deus sabe que no dia em que dele comerdes se vos abrirão os olhos e, como Deus, sereis conhecedores do bem e do mal" (Gn 3.4-5).

Deixe-me interpretar isso na linguagem do pecado: "Não seja tola, Eva. Você não morrerá. Deus sabe o que acontecerá se você comer o fruto – você se tornará como Ele... *e Ele teme isso*! De fato, Deus treme diante do potencial de um ser humano plenamente desenvolvido, semelhante a Ele. Por isso, Deus quer impedir que você coma do fruto da árvore. Eva, esta é a realidade impressionante: Deus está privando-o de você! Você está sendo vítima de uma grave injustiça... Vamos lá, Eva, você tem seus direitos!"

Vejamos a resposta imediata. No decurso dessa conversa, Adão e Eva começaram a seguir um caminho arriscado. Eva deixou de ser uma pessoa que devia prestar contas a um Deus amoroso, para agir como vítima de um Deus inseguro, intimidado pateticamente pela autonomia dela. Adão foi deixado de fora da conversa entre Eva e a serpente. Por meio de sua bajula-

ção gentil, o pecado levou o primeiro casal – assim como o faz conosco – a uma conclusão absolutamente louca: o Deus que nos fez e que controla cada respiração e cada momento não é digno de confiança!

O pecado nos engana

Quando vemos o pecado como astuto e sedutor, a névoa da guerra se dissipa, e a destruição, a perda e a futilidade que o pecado cria podem ser vistas com clareza. Thomas Watson escreveu: "O pecado primeiramente galanteia, depois mata... o pecado mata aqueles a quem ele trai".[5] Aqui, "trair" significa usar um relacionamento de confiança para entregar alguém nas mãos de um inimigo. É uma grande armadilha, uma promessa de bênção que no final leva a uma maldição. Watson observou a mesma realidade espiritual que Paulo reconheceu ao escrever: "Desventurado homem que sou! Quem me livrará do corpo desta morte?" (Rm 7.24).

Os seres humanos quase nunca conseguem sentir uma ira completamente santa. Quase sempre misturamos um pouco de justiça própria. Mas, quando entendemos as sutilezas maliciosas pelas quais o pecado busca continuamente nos trair, acho que podemos chegar bem perto de sentir ira plenamente santa. Se reconhecermos que a traição do pecado é o maior problema de nosso casamento, isso poderá despertar, se não uma ira perfeitamente santa, pelo menos uma coragem indignante. Esta é uma emoção muito conveniente num campo de batalha.

DANÇANDO NO CAMPO DA VITÓRIA

Amigos, *devemos* guerrear contra o pecado. Se não o fizermos, ele nos *aniquilará*. Entretanto, eis uma promessa que faz toda a diferença: a guerra já foi ganha pela cruz de Cristo! Leia o brado de guerra de Romanos 8:

> Agora, pois, já nenhuma condenação há para os que estão em Cristo Jesus. Porque a lei do Espírito da vida, em Cristo Jesus, te livrou da lei do pecado e da morte. Porquanto o que fora impossível à lei, no que estava en-

> ferma pela carne, isso fez Deus enviando o seu próprio Filho em semelhança de carne pecaminosa e no tocante ao pecado; e, com efeito, condenou Deus, na carne, o pecado, a fim de que o preceito da lei se cumprisse em nós, que não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito (Rm 8.1-4).

O que isso significa em nossa batalha contra a carne? Significa que, não importando quão derrotados nos sintamos na batalha, somos vitoriosos por causa de duas sublimes expressões da graça de Deus. Permanecemos *perdoados na presença de Deus* por causa do sacrifício expiatório de Cristo – Deus não mais nos vê relacionados ao nosso pecado. E somos recebidos com alegria como *justos na casa de Deus*, por causa da justiça imputada de Cristo! ("Imputada" significa que Deus considera a justiça de Jesus como nossa.)

Para Deus você é mais do que um pecador perdoado. Ele o vê como uma pessoa santa. Embora o poder do pecado continue a agir em você, o domínio do pecado foi destruído, e Deus não vê você em referência ao pecado. Por favor, compreenda isto: não importa quão intensa seja a sua batalha contra o pecado, você luta na condição de pecador perdoado. Luta do lado de Deus, e Deus sempre vence no final!

Como este relacionamento com Deus afeta a batalha? Na passagem de Romanos 8 que citamos antes, Paulo mostra que o próprio Espírito Santo age em nosso benefício à medida que andamos "segundo o Espírito". Isso ecoa a linguagem que Paulo usou em Gálatas 5. Ali ele descreve poderes que se contrastam: o fruto do Espírito vence as obras da carne (vv. 18-25). Em Romanos, a descrição é a de leis que se contrastam: a lei do pecado vencida pela lei do Espírito. Em ambos os casos, a verdade é a mesma: uma vida livre da tirania do pecado e um coração cada vez mais conformado ao governo de Cristo.

O casamento é um campo de grandes batalhas espirituais, mas descansa numa guerra já vencida. Nosso verdadeiro oponente não está no outro lado da cama, e sim dentro de nosso coração. Nosso inimigo são os desejos do nosso coração que se opõem aos desejos do Espírito. Esse é o mais feroz e único inimigo de nosso casamento. Temos de conhecê-lo bem.

Essa descoberta chocante sobre a verdadeira natureza do pecado interior não é o fim das batalhas de nosso casamento; é um começo importante. É o começo de uma nova alegria em nosso Salvador e um novo deleite em nosso cônjuge. Significa que não há causas perdidas ou conflitos desesperadores. Cada dia é um dia de nova misericórdia e poder para confessar, amar, perdoar e restaurar. Melhor ainda, as batalhas do casamento deixam de ser apenas situações contra as quais lutamos para avançar em nossa jornada, esperando chegar até ao fim com o relacionamento intacto. Em vez disso, até os nossos conflitos têm possibilidades redentoras, porque a guerra contra o pecado é vencida em Cristo, pela graça e poder de nosso Soberano Deus.

Entretanto, conforme eu disse, o que aprendemos até aqui, neste livro, é apenas o começo. Agora que sabemos como o pecado age para *conosco*, precisamos aprender, no próximo capítulo, como reagimos freqüentemente para com *ele*; pois são as nossas respostas à lei do pecado que determinam o resultado dessa batalha.

Iniciamos este capítulo falando sobre a Batalha de Bull Run, durante a Guerra Civil Americana. A batalha aconteceu na fazenda de um homem chamado Wilmer McLean. Depois que a batalha terminou, Wilmer chegou à conclusão de que estava perto demais do conflito, por isso mudou-se para um lugar tão distante quanto ele podia – uma pequena vila rural no Sul da Virgínia. Passaram-se quatro anos de guerra, e Wilmer viveu em relativa paz – até abril de 1865, quando as tropas furiosas dos generais Grant e Lee se viram novamente em confronto a apenas algumas centenas de metros do refúgio de Wilmer McLean, em Appomattox (Virginia). Felizmente, para Wilmer e o restante do país, as forças oponentes, ao invés de usarem a força bruta novamente, pediram paz.

Não sei se Wilmer era um crente, mas não posso deixar de aprender algumas lições de sua odisséia. Em primeiro lugar, não importa o quanto você tente, nunca conseguirá evitar a guerra contra o pecado neste lado do céu. Entretanto, ainda mais profundo é fato de que o fim da guerra deve ser a paz. À medida que travamos essa batalha interior e ajudamos nosso cônjuge na luta, temos confiança de que um dia a guerra terminará, e a paz, que agora nos guarda em Cristo, será nossa de forma plena, por toda a eternidade.

4

Colocando a Doutrina em Prática

Um teste para a sua doutrina

"Qual é o sentido de ficarmos aqui pisando no acelerador, se não estamos indo a lugar algum?" No momento, a pergunta pareceu inspirada. Quando lembro aquele dia, parece que fui possuído brevemente.

Terry, meu amigo de treze anos, decidiu que deixaria as crianças do bairro impressionadas se pegasse as chaves do carro de seu irmão, desse a partida no Chrysler potente, super-rápido e ficasse lá na rua acelerando. Uni-me a ele como co-piloto, pois eu tinha só doze anos, sendo novo demais para a impressionante responsabilidade de acelerar. A fumaça saía em profusão do cano de escape, enquanto Terry, enaltecido atrás do volante, apertava o acelerador. O plano funcionou, causando certa agitação. Crianças vinham de longe para ver o que estava acontecendo.

Nessa altura, aquela pergunta me veio à mente. Talvez eu deveria tê-la deixado como uma simples pergunta, mas parecia inútil permanecer estacionado naquela máquina impressionante, tão pronta para rodar. Minha mão alcançou lentamente a alavanca de marchas.

Terry estava absorto e acenava para o grupo de crianças, que só aumentava. Um sorriso de triunfo estendia-se pelo seu rosto. No mundo infantil, aquele acontecimento equivalia a ganhar uma corrida de stock car. Ele mal sabia que a corrida não tinha realmente começado.

Numa fração de segundo, engatei a primeira marcha, no momento exato em que ele apertou o acelerador. Foi quando descobri duas coisas. Aquele Chrysler corria mesmo! E Terry nunca aprendera a frear.

Felizmente, o pânico trabalhou a nosso favor, enquanto Terry

adotou, instintivamente, uma postura de colisão, um tipo de posição fetal sentada. De alguma forma, a marcha saiu da engrenagem, o carro foi perdendo o impulso, e paramos gradualmente sem bater numa única casa, árvore ou pessoa. Não houve nenhum dano, pensamos... até que saímos do carro e vimos um mar de rostos paternos severos. Certamente, eles entenderiam que não havia nenhum sentido em ficar sentado num carro como aquele e não colocá-lo para funcionar.

Não, eles não entenderam.

COLOCANDO-A EM ANDAMENTO

O que compele dois adolescentes a agirem de modo tão audacioso (ou negligente, dependendo do ponto de vista)? Adolescentes não querem sentar e ficar quietos. Eles querem engatar a vida. Em nosso relacionamento, existe um pouco desse desejo agitado. A graça de Deus agindo em nós nos impele não somente a sentar atrás do volante, mas também a colocar em prática o que sabemos. Quando Deus nos salva, somos atraídos a coisas incomuns – a santidade, a verdade, as Escrituras e o maravilhoso amor de Deus. À medida que obtemos mais conhecimento, temos mais desejo de agir com base no que sabemos e cremos a respeito de Deus.

Mas, como fazemos isso? Como colocamos nosso conhecimento sobre Deus em operação – especificamente, em nosso casamento? Em termos bíblicos, colocar a teologia em andamento significa dirigir na estrada da sabedoria. Na Bíblia, a sabedoria não é um conhecimento místico nem o simples bom senso popular. É a vida e as decisões de alguém que se relaciona corretamente com Deus. É aplicar o que sabemos ser verdade. O teólogo Graham Goldsworthy disse:

> ...[A sabedoria] não é, em primeiro lugar, o exercício de quão inteligente somos nem de quanta informação temos conseguido acumular em nossa mente. Em vez disso, é uma escolha moral de ser independente de Deus ou de sujeitar-se a Ele em pensamentos e ações.[1]

O caminho da sabedoria está disponível a todos que crêem no evangelho, porque o próprio Cristo é a nossa sabedoria (1Co 1.30). É por isso que podemos pedir sabedoria, de modo confiante, e esperar que Deus no-la concederá (Tg 1.5). Este caminho nos está disponível por causa do evangelho. Portanto, a sabedoria que necessitamos para o nosso casamento não se acha em livros sobre "como fazer isto ou aquilo" ou em fórmulas de sucesso. Ela se acha em colocarmos nossa crença em prática e seguirmos no caminho da sabedoria, com Deus atrás do volante.

Então, por que pisamos no acelerador de nossa teologia sobre o pecado, se não a engrenamos? Por que ter um carro potente que nunca sai da garagem? O progresso vem quando colocamos em prática a nossa teologia e experimentamos o que ela pode fazer. Deixe-me oferecer quatro caminhos pelos quais você pode andar. Estou convencido de que, se você puder dirigir nestes caminhos, poderá chegar a qualquer lugar aonde precise ir em seu casamento.

PRIMEIRA MARCHA: COM HUMILDADE, SUSPEITE DE SI MESMO

Em nossa vida cristã, é muito importante suspeitarmos de qualquer pretensão de justiça que trazemos ao nosso relacionamento com Deus. Confiamos tão-somente em Cristo e em seu mérito. A verdadeira humildade consiste em vivermos confiantes na justiça de Cristo, suspeitando de nossa justiça própria.

A palavra "suspeito" é freqüentemente censurada. Uma nuvem agourenta paira sobre ela – é quase sempre negativa. Pessoas sob custódia são suspeitas. Grupos de pessoas juntas à noite são suspeitos. Crianças sorridentes ao redor de potes de biscoitos vazios são suspeitas. Os cristãos não deveriam ser suspeitos. Ou deveriam?

Retrocedamos até ao último conflito matrimonial. Ela disse alguma coisa; ele fez alguma coisa. As coisas deram errado – isso acontece o tempo todo. Quando procuramos resolver as dificuldades de nosso casamento, uma suspeita humilde de nosso próprio coração influencia nossas suposições e abordagem do caso?

Isso talvez seja chocante, mas *devemos* suspeitar... seletiva, permanente e interiormente. Visto que sou o pior dos pecadores, nos conflitos cotidianos do casamento, eu deveria suspeitar *primeira* e *regularmente de mim mesmo*! Suspeitar de meu próprio coração é reconhecer duas coisas: meu coração tem um

papel central em meu comportamento e uma tendência permanente de opor-se a Deus e aos seus caminhos.

Esta é uma área em que você tem de treinar a si mesmo. A humildade de suspeitar de si mesmo, de modo saudável, não surge de forma natural. É sempre uma rodovia de baixa velocidade – é segura, mas não é exatamente a auto-estrada ladeada de paisagens agradáveis. Infelizmente, ela é sempre a estrada por onde menos se viaja no casamento.

Ao passar por um conflito com seu cônjuge ou avaliar um conflito passado, você diz (em voz alta ou não): "Deus conhece meu coração nesta situação"? Esse pensamento lhe foi consolador e assegurador? Você pensava que a análise divina das suas motivações e desejos mais profundos revelaria somente intenções puras, semelhantes às de Cristo? Se a sua resposta é sim, você andava por um caminho perigoso que não lhe oferecia qualquer segurança e o arremessaria nas profundezas do auto-engano. Estamos falando sobre fracasso total. Contudo, viver em suspeita das motivações do próprio coração é um andar espiritual seguro.

Muitos problemas do casamento poderiam achar solução se o esposo e a esposa vivessem, de fato, como "pecadores" que disseram "Sim". Pecadores humildes conhecem cada vez mais o seu coração. Ao fazerem isso, eles descobrem o que realmente está acontecendo – a habilidade de afirmar justiça própria à parte de Cristo arruína a verdade do evangelho. Não é melhor reconhecer o que a cruz diz sobre você e deleitar-se na verdade que J. I. Packer afirmou de modo tão vívido: "Nossas melhores obras são prejudicadas pelo pecado e contêm algo que precisa ser perdoado"?[2] Parece desanimador? Claro que parece. Mas é o acesso à estrada segura e tranqüila da humildade.

SEGUNDA MARCHA: COM INTEGRIDADE, INSPECIONE A SI MESMO

Talvez você já ouviu a história do lavrador que levou a família à cidade grande pela primeira vez. Andando pelas ruas, fascinada pelos grandes arranha-céus, a família segue uma multidão passando por umas portas de vidro estranhas que giram lentamente. Ao chegar num salão enorme, a mãe e uma das filhas param para admirar uma escada rolante prateada. O restante da fa-

mília continua caminhando pelo prédio, e em poucos momentos param em frente de uma grande parede em que há várias portas duplas de metal lustroso que têm botões luminosos ao lado de cada jogo de portas.

Enquanto olham fixamente para alguns números que piscam acima das portas, uma velha senhora mal vestida, que carrega uma sacola de compras vermelha, aproxima-se das portas mais próximas deles. Como que por mágica, as portas deslizam, afastando-se uma da outra e revelando um cômodo pequeno e vazio, revestido de madeira. A mulher entra e as portas deslizam em direção uma da outra, fechando-se à frente da velha senhora. A família fica paralisada: o que está acontecendo ali dentro? Por que ela quereria entrar num cômodo tão pequeno? Por volta de um minuto depois, as portas abrem-se mais um vez como que de forma mágica. Dali sai uma mulher bela e robusta que passa esbarrando neles, trazendo na mão uma sacola de compras vermelha.

Sem tirar os olhos do elevador, o pai inclina-se em direção ao filho e sussurra: "Filho, vai buscar sua mãe".

À parte valor cômico, gosto dessa história, porque ela fala de uma tendência comum em todo nós: queremos resolver os problemas matrimoniais "consertando" nosso cônjuge. Posteriormente, neste livro, consideraremos com mais atenção o que fazer quando o amor exigir que lidemos com os pecados de nosso cônjuge. No entanto, não é *começando* por esse ponto que resolvemos os problemas no casamento. As Escrituras não me permitem fazer dos pecados de meu cônjuge a minha prioridade. Preciso ir devagar, exercitar a humildade da auto-suspeita e analisar primeiro o meu próprio coração.

Considere as palavras de Jesus a respeito de como devemos tratar o pecado de outra pessoa.

> Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão (Mt 7.4-5).

Imagine um esposo que tenha uma viga de estrada de ferro saliente em

seu rosto e tente remover uma partícula de pó do olho de sua esposa. Ele a terá golpeado antes mesmo de poder remover a partícula de pó. Em aproximar-se dela, ele já machuca.

Usando a figura de trave e argueiro, Jesus revela que essa abordagem é errada, ineficaz e (falando com delicadeza) absurda. Quando nosso objetivo é tratar do pecado de outra pessoa, Jesus nos diz que *nosso próprio pecado* deve mostrar-se claramente a nós mesmos. Deve ser o ponto primário e o mais significativo. O que impressiona é o uso que Jesus fez da palavra "hipócrita" para descrever aqueles que se preocupam apenas com o argueiro. Qual o motivo dessa avaliação aparentemente tão severa? Está relacionado à evidência da trave. Jesus está dizendo que ignorar a trave "óbvia" por causa do argueiro menos perceptível é não somente errado, é hipocrisia. Em outras palavras, ignorar um problema maior para lidar com algo trivial, porque você prefere focalizar-se no trivial, é falta de integridade.

Digamos que você e sua esposa tiveram recentemente um conflito no qual ambos cometeram vários pecados (aliás, isso talvez descreva todos os conflitos que já tiveram). O que aconteceria se você avaliasse esse conflito à luz dessa afirmação de Jesus, *e o seu cônjuge fizesse o mesmo?*

E se você descobrisse que a trave (e não o argueiro) estava em você... ou se o seu cônjuge percebesse que a trave (e não o argueiro) estava nele ou nela? Algum de vocês estaria errado? Isso seria uma aplicação errada dessa passagem? Acho que não. Creio que isso é exatamente o que deve acontecer!

Jesus não está preocupado com qual de vocês é *mais culpado* em um caso específico. A ênfase dEle está no *foco* que você tem, o que você julga ser *o fato mais óbvio* sempre que o pecado está em vista. Ele manda que a avaliação comece em mim. À luz do que somos, quando comparados a Deus, e da realidade do pecado remanescente, avaliar o nosso próprio pecado, antes de julgarmos o pecado de nosso cônjuge, é integridade básica. Agir de outro modo denota falta de integridade. É hipocrisia.

A sabedoria conecta a integridade à humildade de um modo bem simples. Se você *suspeita* de si mesmo (humildade), está mais apto a *analisar* primeiramente a si mesmo (integridade). Esse caminho parece estreito para

nós, porque estamos constantemente buscando um meio de focalizar os pecados da outra pessoa. Contudo, se permanecemos nesse caminho, podemos estar certos de que ele nos levará aonde Jesus deseja que cheguemos. Então, como permanecer no caminho estreito da integridade?

Certifique-se de suspeitar e analisar a retidão das suas idéias. Quando surge um conflito, o seu discernimento a respeito do pecado de seu cônjuge é claro, decisivo e óbvio? Você anseia por aquele momento em que pode fazer aquela afirmação conclusiva: "Querida, se você examinar esta situação de modo objetivo, terá de admitir seu pecado"? Cuidado com o escape que o orgulho encontra.

Nenhum de nós é onisciente. Nem somos profetas do Antigo Testamento pronunciando juízo. Somos santos que ainda são pecadores. Conhecemos apenas em parte (1Co 13.12); e, visto que não vemos o quadro completo, provavelmente estamos errados.

Talvez você pense que consegue ser mais objetivo do que seu cônjuge. Entretanto, mesmo que isso seja verdade, a sua objetividade é, em si mesma, manchada pelo pecado. Você deve trazer a essas conversas uma consciência de seus próprios impulsos e desejos pecaminosos, uma consciência que seja *mais* real e *mais* vívida do que a sua percepção do pecado do seu cônjuge. Isso diminuirá a sua irritação e suavizará seu tom de voz.

Além disso, evite o caminho que a justiça própria oferece. A integridade o chama a suspeitar de suas motivações e a analisá-las. Você está realmente fazendo isso para abençoar, encorajar e ajudar seu cônjuge? Ou tem, de fato, um grande interesse em marcar alguns pontos em favor de si mesmo? Espera que seja provado que você está certo? Almeja defender-se? Parecer espiritualmente superior? A quem você pretende servir – ao seu cônjuge ou a si mesmo?

Então, se você está à procura de pequenas falhas em seu casamento, isso talvez aconteça porque suas suspeitas estão mal orientadas, e você está examinando o cônjuge errado. Os casamentos florescem quando ambos os cônjuges aprendem a permanecer no caminho estreito da integridade. Quero suspeitar e analisar primeiramente o meu próprio coração. Fazendo isso, descobrirei não somente o pecado mais óbvio, mas também o único pecado que eu mesmo posso mudar.

TERCEIRA MARCHA: ADMITA QUE AS CIRCUNSTÂNCIAS REVELAM O PECADO EXISTENTE

Hoje há muitos discursos sobre a necessidade de honestidade no casamento. Infelizmente, o que está sendo defendido parece mais uma licença para descarregar verbalmente em nosso cônjuge qualquer coisa que estejamos "sentindo", para o bem de nossa "honestidade emocional". É lamentável, mas esse tipo de sugestão produz, na prática, grande tristeza e ofensa. Embora a honestidade seja essencial no casamento, devemos estar aptos a edificar a confiança e desfazer as ofensas. O problema não está na honestidade em si mesma, e sim na intenção das palavras honestas de uma pessoa.

Como já aprendemos, nossos problemas surgem de acordo com a maneira como nosso coração lida com as circunstâncias ao nosso redor. Se aplicamos a sabedoria do evangelho, vemos a mão de Deus trabalhando pelo nosso bem, em cada situação. No casamento, isso significa que Deus criará oportunidades para revelar e lidar com o pecado que nos impede de viver com sabedoria.

Depois que fui salvo e antes de me casar, vivia sob a insensata e audaz ilusão de que era espiritualmente maduro. Eu possuía uma santidade rica e altamente imaginária. Se a ignorância é felicidade, eu estava em exultação permanente. As raras análises de meu coração aparentemente puro revelavam pouca necessidade de melhoria. Eu vivia esperando que Deus mandasse, a qualquer momento, carruagens para me levar ao céu, como o fez com Elias. Eis um homem carente de ensino sobre a doutrina do pecado.

Então aconteceu. Casei-me e tornei-me alguém que lançava a culpa em outrem.

John Bettler disse: "Seu cônjuge sempre expõe o seu ídolo". (Onde o senhor estava há vinte e cinco anos, Dr. Bettler?) Mas o casamento não somente expôs meus ídolos; ele os manifestou claramente e os evidenciou em todos os aspectos da vida conjugal. Nem posso dizer quantas vezes pensei: "Nunca tive estes problemas antes. Isso deve ser culpa de minha esposa". A verdade é que sempre tenho sido alguém que transfere a culpa – a única diferença é que, depois de casar, surgiram mais oportunidades de expressar esse defeito!

Pessoalmente, identifico a culpa desse defeito em minha ampla histó-

ria familiar: Adão o começou. "Sim, Senhor, esta mulher que tu me deste" (Gn 3.12, parafraseado). Assim como acontece comigo, aposto que muito de sua atitude de transferir a culpa se parece com a de Adão.

"Foi este esposo que o Senhor me deu."

"É importunação dela."

"É a grosseria dele."

"Esta pessoa é tão diferente de mim!"

Pensamentos como esses nos lançam no mesmo lugar em que lançaram Adão há muito séculos – no esgoto da autojustificação. Tentar justificar a nós mesmos é negar a nossa culpa diante de Deus. Mas este é um esforço fútil. Transferir a culpa engana algumas pessoas por algum tempo, mas nunca enganará a Deus, em momento algum.

Transferir a culpa é um pouco diferente de algo que discutimos antes – ou seja, pensar que meu cônjuge ou meu casamento é realmente a *causa* de conflitos (visto que a única causa verdadeira é o pecado). Transferir a culpa é o que faço quando *sei* que sou culpado e tento convencer a mim mesmo ou a outrem de que talvez eu não o seja.

Você percebe: os nossos corações perversos (o seu e o meu) são incrivelmente semelhantes. Ambos anelam por defesa. Querem insistir que outra coisa nos fez pecar... uma coisa externa... fora de nosso controle. Ah! as nossas circunstâncias!

O caminho da honestidade é um caminho reto – passa diretamente pelo nosso coração. Se você já dirigiu numa daquelas longas estradas de regiões desérticas, percebe uma coisa: o cenário começa a parecer familiar. Percebe que a estrada não foi construída com finalidades turísticas; foi construída para levar as pessoas aonde elas precisam ir. O caminho reto da honestidade tem esse sentimento. Você anda por ele e vê as mesmas tentações do coração que você sempre viu, as mesmas linhas de pensamentos que o fazem desviar-se. A honestidade nos força a lidar de maneira direta com o pecado interior. E o destino é sempre o mesmo – aos pés da cruz, onde nosso pecado foi expiado e Cristo, nossa sabedoria, está pronto a ajudar-nos em tempo de necessidade.

Não faz muito tempo, meu filho ligou o cortador de grama, que estava com a tampa de óleo solta. Quando o motor aqueceu, o pobre menino banhou-se em óleo. Aquilo virou um gêiser! Visto que não troco o óleo com freqüência

(leia-se: nunca), um líquido preto e viscoso saiu do motor, cobrindo a máquina, meu filho e tudo num raio de quase dois metros. (É por causa de acontecimentos como esse que eu não corto a grama.)

Essa pode ser uma ilustração proveitosa para entender a ação do pecado remanescente. O pecado original encheu o motor de nosso coração com o "óleo" da depravação – escuro, sujo, que mancha tudo em que toca. Acontecem circunstâncias que aquecem o motor. Quando o motor está quente – quando os acontecimentos de nossa vida testam nosso coração, despertando ira, lascívia, ganância, etc. –, tudo que está no motor se expele. O calor (as circunstâncias) não encheu o motor com óleo, simplesmente revelou o que estava dentro dele.

Você tem passado por algum aquecimento ultimamente?

Marido, você entra no carro e descobre (suspiro) que o medidor de combustível, sobre o qual você lembrou sua esposa (hum!), mostra novamente que o tanque está vazio (ai! ai!). O que está acontecendo? A sua esposa pecou contra você? Talvez sim, talvez não. A queixa e o menosprezo que enchem a sua mente são *causados* pelo medidor ou por sua esposa? Não, esses sentimentos apenas mostram a impaciência que já estava no motor de seu coração. O calor da circunstância os incitou e os tornou óbvios.

Esposa, pela centésima vez (olhos giram) ele subiu as escadas (gemido) sem ao menos tocar na pilha de roupas que precisava ser levada ao andar superior (um olhar desgostoso). O que está acontecendo, quando a acusação "Pelo menos ele é consistente em sua preguiça" escapa em voz baixa? O motor está esquentando, a tampa está frouxa, e um derramamento de óleo está a caminho!

Você já considerou a razão por que não existem relatos que nos mostram Jesus batendo uma porta devido a frustração furiosa ou infligindo o "tratamento de silêncio" em alguém que o magoou? Por que Jesus não ficava irritado, ou amargurado, ou hostil? A resposta simples, mas espantosa é esta: quando o seu coração era aquecido pelas circunstâncias, manifestava-se o que havia ali: amor, misericórdia, compaixão, bondade. Cristo não reagia pecaminosamente às circunstâncias de sua vida – até mesmo uma morte atormentadora, imerecida e humilhante – porque o seu coração era puro. O que estava em seu coração transbordava. Era amor!

Seu cônjuge foi uma escolha estratégica feita por um Deus sábio e amoroso. Escolhido por Ele para você, desde o começo do mundo, seu cônjuge é

uma parte essencial da missão resgatadora que Deus planejou para sua vida. Com freqüência, o cônjuge desempenha a sua função elevando a temperatura do motor e aquecendo o óleo. Mas, se formos sabiamente honestos, perceberemos que Deus está por trás de tudo, revelando o pecado familiar, para que ele seja vencido por graça sublime.

QUARTA MARCHA: FOCALIZE A GRAÇA IMERECIDA, EM VEZ DAS NECESSIDADES NÃO SATISFEITAS

Pense em seu último conflito. Qual foi a causa? Se responder: "Minha esposa não está me dando o que preciso!", você não é o único. Pergunte a "especialistas em casamento" como os casamentos se desembaraçam, e muitos começarão falando sobre as necessidades não satisfeitas. Recentemente, o jornal de domingo de nossa região fez uma resenha dos novos livros que abordam a temática do casamento e tentam responder à pergunta: "Como os casais podem se entender melhor?" Em essência, cada autor chegou à mesma conclusão: "Satisfazendo as necessidades emocionais".[3]

No século XXI, o casamento é oferecido como resposta da natureza às nossas carências emocionais. Infelizmente, a igreja repete, com freqüência, sem refletir, esse dogma com uma versão supostamente cristã da mesma mensagem.

Mas, de acordo com as Escrituras, a fonte das palavras cheias de ira, olhares rancorosos e desdém não são as necessidades não atendidas. São desejos insatisfeitos. Discutimos isso brevemente no Capítulo 2. Retornemos àquela passagem e examinemos um pouco mais o tesouro.

> *De onde procedem guerras e contendas que há entre vós? De onde, senão dos prazeres que militam na vossa carne? Cobiçais e nada tendes; matais, e invejais, e nada podeis obter; viveis a lutar e a fazer guerras. Nada tendes, porque não pedis (Tg 4.1-2).*

Sabe o que mais? A sua última discussão exaltada não foi causada por uma necessidade não satisfeita; nem por "falta de respeito dela" ou por "falta

de afeto dele". Foi causada por desejos traidores – "prazeres que militam na vossa carne".

Então, tudo isso é uma questão de saber o que é uma "necessidade real" e o que é "apenas" um desejo? Embora esta seja uma distinção valiosa, devemos atentar ao fato de que as Escrituras atribuem a culpa dos conflitos às nossas paixões – *quanto* desejamos algo, *não importando quão "legítimo" seja esse desejo*. Se o meu desejo é tão forte que sou tentado a pecar, eu sou o problema. É o meu desejo, meu pecado, o óleo sujo que sai com ímpeto de meu coração em resposta ao calor das circunstâncias.

Com poucas sentenças, Tiago altera, habilmente, todo o nosso paradigma de algo que *sentimos falta* (uma necessidade não atendida) para algo que estamos *fazendo* (desejando ardentemente o que não estamos obtendo). Espreitando por trás de nossas necessidades não atendidas, estão os desejos que exigem satisfação. Nós cobiçamos, e nada temos.

As minhas palavras ou o meu comportamento podem *tentar* meu cônjuge a começar ou a desenvolver um conflito? É claro que sim. (E, quando faço isso, acrescento meu próprio pecado a uma situação que já é ruim.) Entretanto, não há nada que eu possa fazer para *causar* uma resposta pecaminosa em meu cônjuge. O pecado que emerge de seu coração já estava lá.

Eu cresci numa casa organizada. Digo mais: quando vivemos numa casa em que as meias são dobradas e arrumadas em sua própria gaveta de acordo com a cor, para facilitar a referência visual, estamos além do organizado. Kimm, por outro lado, cresceu num lar em que nem havia gavetas para meias. Não estou certo de como eram as coisas por lá. Eu costumo lembrar-lhe que são pessoas que têm gavetas de meias organizadas que governam o mundo. Ela, por sua vez, é rápida em lembrar-me que, embora isso seja verdade, tais pessoas não encontram prazer nisso. Então, me calo e volto a dobrar minhas meias.

Não é surpreendente que alguns dos conflitos no começo de nosso casamento eram sobre organização. Eu estava convicto de que precisava de organização. A minha gaveta de meias aplicava-se a quase tudo em minha vida. Para mim aquilo era uma necessidade biológica, igualando-se às vitaminas, ao ar e lasanhas realmente boas. Eu fazia muitas argumentações por causa de organização. Começando em Gênesis, eu falava de toda a Bíblia – a criação, o livro

de Números, o templo, os coríntios; o Deus da minha Bíblia era um Deus de ordem. Se Deus se interessava por ordem, e eu havia sido criado à sua imagem, eu precisava de ordem. Sim, a minha alma dependia dela.

Kimm foi maravilhosa. Ela nunca falou contra a ordem, ela sabe que isso é uma coisa boa. Mas ela fazia perguntas sobre a razão por que aquilo era tão importante para mim. Por que uma interrupção da ordem incitava raiva ou ansiedade em mim? Com o passar do tempo, por meio da ajuda de minha esposa paciente e de alguns amigos fiéis, comecei a ver que minha necessidade de organização era, de fato, uma ansiedade pecaminosa. Isso não significa que a ordem em si mesma seja má. Contudo, eu colocava certo tipo de segurança e confiança no controle facilitado pela ordem. Quando me faltava ordem, meus anseios agitavam-se, e meu coração era exposto. Aquela vontade não era errada em si mesma. Mas era uma vontade que eu achava devia ser atendida. Era um desejo mascarado de necessidade – algo que eu desejava disfarçado de algo que eu precisava ter. E, quando os acontecimentos de meu casamento se colocavam entre mim e a demanda por organização, meias voavam para toda parte.

As necessidades não são coisas erradas; todos nós as temos. Elas existem como lembretes diários de que fomos criados como seres dependentes, em carência fundamental de Deus e de sua provisão para nossa vida. Contudo, manter uma distinção entre as necessidades genuínas e aquelas inventadas por uma cultura egoísta é essencial para um casamento saudável.

É errado desejar o afago gentil da mão do marido ou as palavras agradáveis dos lábios da esposa? Absolutamente, não. Mas até as coisas que são boas para um casamento podem ser corrompidas se as definirmos como necessidades. O problema não é desejarmos – desejar é completamente natural; o problema é que nossos desejos são energizados com esteróides. Calvino chamou os nossos desejos de "imoderados".[4]

Não é errado desejar coisas apropriadas de nosso cônjuge, como respeito ou afeição. Mas é muito tentador justificar as exigências pensando nessas coisas como necessidades e ofender um ao outro, se essas necessidades não são satisfeitas. Um casamento baseado em necessidades não dá testemunho da glória de Deus; focaliza-se em demandas pessoais que competem por supremacia. Duas pessoas preocupadas em manipular uma a outra a fim de suprirem suas

necessidades podem levar o casamento ao caminho das "diferenças irreconciliáveis". Essa é uma linguagem cultural que reconhece que um casamento não pode suportar o peso de exigências que são admitidas como necessidades.

Contudo, talvez a parte mais triste de andar pelo caminho das necessidades não supridas é onde terminamos. O caminho das necessidades não satisfeitas não leva a lugar algum. É uma infeliz extensão de mão única do "eu". Leva apenas a mais de mim mesmo. É pior que uma rua sem saída – é um círculo que não tem fim.

Mas os pecadores que dizem "Sim" têm um caminho diferente a trilhar. É o caminho da graça maravilhosa e imerecida – uma graça tão notável que nos mostra o problema e apresenta a solução. Você já trafegou por uma rodovia cujo cenário era tão lindo, que foi difícil deixar de mover a sua cabeça de uma paisagem para a seguinte? O caminho da graça imerecida é assim. Ela tem uma beleza que encanta, porque todas as nossas verdadeiras necessidades são supridas admiravelmente em Cristo. Entretanto, esse caminho é, também, de constantes surpresas, porque o seguimos com plena consciência de nosso pecado, à luz da cruz. Como esse caminho pode produzir uma alegria assim? Creio que você o entenderá melhor à medida que avançarmos. Então, coloque o cinto e aceleremos.

5

A Misericórdia Triunfa Sobre o Juízo

Como tornar agradáveis os dias e os anos

Gordon e Emma se encontraram numa atividade da igreja. Ela era uma jovem admirável, e ele, um pastor razoavelmente novo no ministério. O dia em que casaram pareceu a introdução de um casal piedoso na promessa de um ministério prolífico nas décadas que viriam. Mas, após alguns dias, ainda durante a lua-de-mel, todos os sonhos de Emma foram despedaçados. Gordon deixou claro que não a amava e que se casara com ela apenas porque havia mais oportunidades para pastores casados.

Durante quarenta anos servindo como pastor, mesmo em face do nascimento de seis filhos, Gordon não fez nenhum esforço significativo para estimular um sentimento de amor por sua esposa. Admitindo sem embaraço um caso de adultério que começara depois do nascimento de seu quarto filho, Gordon insistiu que devia permanecer casado – o divórcio arruinaria sua carreira pastoral. O casamento, para Emma, tornou-se uma vida de vergonha secreta. Ela foi relegada a um quarto que passou a dividir com as duas filhas, enquanto seu esposo ficava num quarto separado, e os quatro filhos, em outro.

Esta é parte da história verdadeira de um casal hoje falecido; conheci pessoalmente um deles. Este não é o fim da história. O caso deles é extremo, talvez o mais grave exemplo de desprezo duradouro que já encontrei num casamento cristão. Mas a história tem um final pelo qual você talvez não esteja esperando. Talvez pareça que a história contenha somente fracasso, mas tornou-se algo totalmente diferente. É uma história de misericórdia.

UMA ORDEM CURIOSA

Jesus tinha algo a dizer a pessoas que vivem uma situação semelhante à de Emma. Ao descer do monte, após uma noite inteira de oração, Jesus trouxe consigo doze nomes. Era hora de começar a formar os crentes em discípulos, e discípulos, em uma igreja. Os homens cujos nomes o Senhor carregava em seu coração se tornariam os seus principais discípulos, seus companheiros mais próximos e (com uma única exceção) os principais líderes da igreja primitiva. Às vezes, pergunto-me se, depois de ver esses homens agindo, Jesus não teve vontade de retornar ao monte e descer com novos nomes – mas Jesus não olhava para trás. Aquele era o momento de prescrever um código de conduta para esses doze e todos os outros a quem o Salvador chamaria. O que significaria servir a Cristo? Primeiro vieram as bem-aventuranças – conforme Lucas as registrou: quatro bênçãos reunidas com esperança para o futuro, seguidas de quatro advertências para aqueles que ainda ignoravam a sua necessidade de um Salvador. Depois, ao chegar no cerne da questão, as coisas se tornaram realmente interessantes.

> *Digo-vos, porém, a vós outros que me ouvis: amai os vossos inimigos, fazei o bem aos que vos odeiam; bendizei aos que vos maldizem, orai pelos que vos caluniam. Ao que te bate numa face, oferece-lhe também a outra; e, ao que tirar a tua capa, deixa-o levar também a túnica; dá a todo o que te pede; e, se alguém levar o que é teu, não entres em demanda. Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles. Se amais os que vos amam, qual é a vossa recompensa? Porque até os pecadores amam aos que os amam. Se fizerdes o bem aos que vos fazem o bem, qual é a vossa recompensa? Até os pecadores fazem isso. E, se emprestais àqueles de quem esperais receber, qual é a vossa recompensa? Também os pecadores emprestam aos pecadores, para receberem outro tanto. Amai, porém, os vossos inimigos, fazei o*

> *bem e emprestai, sem esperar nenhuma paga; será grande o vosso galardão, e sereis filhos do Altíssimo. Pois ele é benigno até para com os ingratos e maus. Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai (Lc 6.27-36).*

Pense em quem estava ouvindo a Jesus: agricultores, pescadores, coletores de impostos, zelotes, prostitutas – um grupo de pessoas da classe mais baixa da sociedade, aos olhos tanto dos ocupantes romanos como das autoridades religiosas judaicas. Pessoas que eram odiadas e amaldiçoadas pelas demais. Pessoas que tinham inimigos de verdade. Agora, considere as ordens que o Senhor lhes deu: amem seus inimigos; façam o bem a quem os odeia; não revidem o golpe; emprestem de bom grado àqueles que talvez nunca paguem a dívida.

Pense no que Cristo estava dizendo: Ele resume tudo na ordem final. Tudo gira em torno da misericórdia.

DANDO FORMA À MISERICÓRDIA

Misericórdia é uma palavra única, maravilhosa, excepcional. A misericórdia de Deus significa sua bondade, paciência e perdão para conosco. É a sua disposição compassiva de sofrer por e com pecadores, para o bem deles.

Na Bíblia, a misericórdia une o rigoroso dever da justiça à ternura do relacionamento pessoal. A misericórdia explica como um Deus santo e amoroso pode relacionar-se com pecadores sem comprometer o que Ele mesmo é. Deus não bate no peito e exibe esse atributo como sendo exclusivamente dEle e inatingível para nós. Ele no-lo concede livremente; é um dom que devemos passar adiante. "Sede misericordiosos, como também é misericordioso vosso Pai" (Lc 6.36).

Antes de sermos crentes, não éramos neutros ou ambivalentes no tocante a Deus, vivíamos contra Ele, éramos seus inimigos (Rm 5.10), destinados à ira como seguidores espontâneos do próprio diabo (Ef 2.1-3). Esse é um quadro bastante severo. Mas Deus escolheu agir em amor para

conosco, seus inimigos. Isso é misericórdia. Essa é a realidade da cruz que os crentes têm experimentado. É o exemplo que devemos seguir.

Isso também levanta algumas perguntas importantes para pecadores que dizem "Sim". Você conhece a Deus como um Deus de misericórdia? Você vê seu cônjuge como Deus o vê – com olhos de misericórdia?

Se a sua resposta a qualquer dessas perguntas é não, o seu casamento não é prazeroso. A misericórdia torna o casamento agradável. Onde ela não existe, duas pessoas fustigam uma a outra por causa de tudo, desde uma falha em consertar a torneira até às contas de telefone. Mas, quando a misericórdia está presente, o casamento fica mais doce e agradável, mesmo em face dos desafios, das contrariedades e dos efeitos persistentes de nosso pecado remanescente.

Kimm ama café. Na verdade, ela diria que seu desejo pelo café se tornou em amor e agora se qualifica como obsessão. Mas alegro-me em dizer que ela não é viciada em cafeína. Ela toma apenas o descafeinado. O que ela mais ama sobre o café é o sabor e a experiência – uma xícara de café quente e uma conversa calorosa. Para mim, isso ainda é uma obsessão, embora seja uma obsessão amável.

Eu sou mais do tipo que prefere chá. Para meus amigos, chá é coisa de mulher. Contudo, quando acordo, não me preocupo tanto com questões relacionadas às coisas que bebemos no café da manhã. Contento-me em ter os sapatos certos nos pés certos. E gosto do meu chá doce. Qualquer que seja o açúcar ou adoçante, não importa. Só rasgo o saquinho e derramo o conteúdo dentro da xícara. Um adoçante realiza a sua mágica tornando doce o que é amargo. Assim como o adoçante que coloco em meu chá, a misericórdia muda o sabor dos relacionamentos – especialmente do casamento. Então, abra o saquinho e derrame a misericórdia.

PASSE ADIANTE

Você já pensou que uma das principais razões por que está casado talvez seja o passar adiante a misericórdia de Deus? Pense nisto: o casamento é um relacionamento em que dois pecadores ficam tão juntos, que todas as

máscaras caem. Não se trata apenas do fato de que, às vezes, usamos nossa melhor expressão facial em público. Quando somos casados, vemos um ao outro em todos os tipos de situações, incluindo algumas muito difíceis. Toda a maravilhosa diversidade (neste caso, uma palavra cortês referindo-se a nossas peculiaridades, fraquezas e pecados) que mantínhamos requintadas e subjugadas, antes do casamento, se revelam depois da lua-de-mel. Começamos a ver um ao outro como realmente somos – em estado natural, sem censura e em cores. Se os nossos olhos estiverem abertos, descobriremos coisas maravilhosas a respeito de nosso cônjuge, coisas que desconhecíamos. Também descobriremos mais acerca das fraquezas da outra pessoa. Não admiramos que Martinho Lutero tenha chamado o casamento de "a escola do caráter".[1] Sem a misericórdia, as diferenças tornam-se divisoras e, às vezes, "irreconciliáveis". No entanto, diferenças profundas são a realidade de todo casamento. Não é a existência de diferenças, e sim a ausência de misericórdia, que as torna irreconciliáveis. Quantos pecadores que dizem "Adeus" continuariam a amar como pessoas que disseram "Sim", se compreendessem o lugar da misericórdia no casamento?

No último Natal, Kimm recebeu uma bola da amizade. É um adorno de natal cheio de misturas aromáticas que os homens tendem a não reparar. Minha esposa explicou que uma bola da amizade é dada como um presente, mas espera-se que ela seja passada adiante, caso seja apreciada. Ela deve ser dada novamente. O propósito não é só receber, mas também transmitir.

Isso é um exemplo do que devemos fazer com a misericórdia. Ela deve ser recebida, desfrutada, celebrada... mas, depois, passada adiante. O Pai nos outorgou misericórdia a fim de que possamos compartilhá-la. Como nos tornamos pessoas que compartilham a misericórdia? Isso não acontece por acidente.

MISERICÓRDIA EM TEMPO REAL

Casamentos felizes são construídos sobre a misericórdia dispensada. Algumas esposas fecham-se num ciclo de reclamações; alguns maridos parecem paralisados pela autocomiseração. Lucas 6 oferece um novo meio

de lidarmos com pessoas assim. Em vez de usarmos a velha receita (despeje acusação na conversa, adicione uma xícara de defesa própria, misture olhares furiosos e asse em temperatura crescente, repetindo-o com freqüência), usamos a nova receita orgânica: Misericórdia Magnífica!

A misericórdia não muda a necessidade de falarmos a verdade. Ela transforma a nossa motivação, que deixa de ser o desejo de vencer batalhas e passa a ser o desejo de representar a Cristo. Ela me tira do centro e coloca a Cristo no centro. Isso exige misericórdia.

A misericórdia toma pessoas capazes de guerrear por causa de um tubo de creme dental e assentos de vasos sanitários e faz com que a visão dessas pessoas seja ampliada de modo a incluir o Salvador. A misericórdia confronta o pecador envolvido em autocomiseração e protegido pelo orgulho, mostrando-lhe a saída das trevas para a luz. A misericórdia nos inspira a deixar para trás "o poder e o domínio do amor-próprio", para atingirmos os princípios mais nobres e benevolentes de nossa nova natureza.

Não somos apenas pecadores, somos também os objetos do pecado de outras pessoas. Temos inimigos, pessoas que não gostam de nós, que abusam de nós, que nos fazem exigências desmedidas. Pessoas que nos tratam como querem, sem qualquer consideração por nossos sentimentos. Em Lucas 6, Cristo descreve alguns detalhes penosos da vida.

Acredito que muitos leitores estejam argumentando: "Sim, mas Lucas 6 não descreve bem o meu casamento. Afinal, inimigos não se casam. Homens não pedem em casamento mulheres que eles odeiam. Pessoas que se amaldiçoam e se maltratam normalmente não olham umas para as outras, nem sussurram 'Sim'. O que esta passagem tem a ver com o casamento?"

Tudo – porque Cristo está mostrando a abrangente extensão da misericórdia. Ao tratar de assuntos graves, Ele estabelece o padrão para a vida normal. Ele está dizendo: "Certo, tratemos agora da misericórdia. Consideremos os casos extraordinários – tal como os seus inimigos, aqueles que o odeiam, amaldiçoam, atacam e maltratam — porque, ao aprender a lidar com inimigos permanentes, você saberá como lidar com inimigos

ocasionais. Quando você consegue estender a misericórdia aos odiosos, violentos, egoístas e perversos, consegue estendê-la àqueles que o aborrecem, ignoram ou decepcionam".

Agora, antes de prosseguir, preciso falar de uma situação muito específica – segurança num casamento abusivo. Há situações em que o comportamento violento ou abusivo de um cônjuge (sejamos sinceros, isso aplica-se predominantemente aos homens) põe em risco a segurança do outro cônjuge ou dos filhos. Nesses casos, que infelizmente ocorrem até em lares cristãos, é imperativo separar aquele que maltrata das pessoas que sofrem seus abusos, e, de fato, isso é uma expressão de misericórdia em tal situação. Essa solução não somente protege aqueles que não têm culpa, mas também proporciona, misericordiosamente, à pessoa presa em pecado violento a oportunidade de enfrentar a si mesma, arrepender-se e mudar. Conheço homens cujas maiores expressões de gratidão a Deus devem-se à maneira como Ele os deteve por meio da misericórdia proibitiva de um cônjuge corajoso, de um amigo ou de um pastor.

A misericórdia é dada a fim de que seja compartilhada. E o que ela toca acaba se tornando agradável. Devemos passar adiante o que temos recebido de Deus – amor constante, bondade inexplicável, compaixão superabundante. Pecamos contra Deus, e Ele nos respondeu com misericórdia. Somos chamados a fazer o mesmo.

Agora, que tal observarmos como a misericórdia funciona no dia-a-dia?[2]

A MISERICÓRDIA ANTES DO ERRO: PRATIQUE A BONDADE

Uma das coisas realmente sublimes sobre a misericórdia de Deus para conosco é que Ele vê *cada* ação, motivação e pensamento pecaminosos que temos e, apesar disso, se relaciona conosco em amor. Deus ama os pecadores, com certeza não por causa do pecado, mas apesar dele. Seu amor se expressa em bondade para com os pecadores, e essa bondade tenciona *conduzir-nos* ao arrependimento (Rm 2.4). A expressão "conduz ao" nos diz que a bondade de Deus nos encontra antes do arrependimento e a este nos

impele. Que generosa demonstração de misericórdia para com aqueles que, entregues a si mesmos, fugiriam de Deus!

A promessa de misericórdia pode ser rastreada em todo o Antigo Testamento. De fato, Deus sempre teve disposição de tratar-nos com bondade. Antes de Adão e Eva pecarem, Deus havia determinado que expressaria amor e misericórdia para com seu povo. Não houve nada no pecado que mudou a mente de Deus ou alterou seu plano. Este plano, é claro, se realiza completamente em Cristo.

Observe que Lucas 6 não é um chamado a atos de misericórdia discretos e isolados, e sim a algo mais amplo – a uma disposição misericordiosa de coração –, um chamado à bondade. Habitando o coração, a bondade antecipa-se aos nossos julgamentos pecaminosos. Deus não somente outorga misericórdia. Ele *é* misericordioso (Lc 6.36).

Essa bondade que nos foi expressada reivindica algo de nossa parte: somos chamados a prosseguir na bondade que temos recebido (Rm 11.22). Não esperamos que pequem contra nós para, então, reagirmos com misericórdia. Em vez disso, adotamos a postura de estarmos dispostos a sofrer o pecado cometido contra nós, como parte do edificarmos um casamento que glorifica a Deus num mundo caído. A bondade diz ao nosso cônjuge: "Sei que você é um pecador como eu e pecará contra mim, assim como pecarei contra você. Mas me recuso a viver em uma postura de autodefesa para com você. Viverei dependendo de sua orientação, com uma postura de misericórdia que o seu pecado e a sua fraqueza não podem anular".

Como podemos ser bondosos sabendo que logo adiante outro pecado pode ser cometido contra nós? Isso é possível porque a bondade não tem sua origem em nós, e sim em Deus. Não é um característica da personalidade, é um fruto do Espírito (Gl 5.22; Cl 3.12) e uma expressão do amor bíblico (1Co 13.4). A bondade reconhece que as misericórdias de Deus se renovam cada manhã (Lm 3.22-23). Há uma nova graça para cada falha tanto do pecador como daquele contra quem o pecado foi cometido. E a bondade é uma postura do coração que resulta em ações – coisas da vida diária que reprogramam o comportamento conjugal, do foco centrado no "eu" para os propósitos redentores de Deus.

A prática fiel da bondade semeia no casamento experiências de graça. O café feito para o esposo que trabalha até tarde, o carro lavado e aspirado em benefício da mamãe que está muito atarefada, as palavras intencionais de encorajamento numa área de fraqueza – essas são mais do que boas maneiras ou obrigações. São bondades cultivadas na rotina normal da vida. São momentos de graça que produzimos em tempos de provação.

A MISERICÓRDIA DURANTE O ATAQUE: DEMONSTRE-A AOS OUTROS

Em seu livro sobre o ministério nos relacionamentos pessoais, Paul Tripp elabora este argumento sensato:

> No ministério pessoal, o pecado de quem você está ajudando eventualmente se revelará no relacionamento de vocês. Se você está ministrando a uma pessoa irada, em determinado momento a ira será direcionada a você. Se está ajudando uma pessoa que luta com problemas de confiança, em algum momento ela desconfiará de você. Uma pessoa manipuladora procurará manipulá-lo. Uma pessoa deprimida lhe dirá que tentou tudo que você sugeriu, mas não funcionou. Não é possível ficar perto de uma poça de lama sem, eventualmente, ser molhado pela sua lama.[3]

Quão sujo de lama você está agora mesmo em seu casamento? Você está sendo molhado pelos pecados de seu cônjuge? Como você deveria reagir? Por que não perguntar o contrário? Quanta lama você tem lançado?

Você já se perguntou onde pode achar a regra áurea do viver em sociedade? Está em Lucas 6.31. Como um jovem presbiteriano, memorizei-a assim: "Façam aos outros a mesma coisa que querem que eles façam a vocês". A versão bíblica diz: "Como quereis que os homens vos façam, assim fazei-o vós também a eles" (RA). Qualquer que seja a esco-

lha das palavras, o ensino é o mesmo. Use o modo como você deseja ser tratado como medida para a maneira como você trata os outros. Com freqüência, essa regra áurea é compreendida como um meio de se evitar fazer inimigos. Mas Jesus a prescreveu especificamente para situações em que os inimigos já estão em cena. É a estratégia de reação que Ele ordenou devemos usar quando somos atacados.

Mais uma vez, uma resposta de misericórdia verdadeira só é possível para pecadores como você e eu quando compartilhamos a misericórdia que recebemos de Deus. Reações caracterizadas por misericórdia fazem toda a diferença no casamento. Eis algumas maneiras práticas de mostrarmos misericórdia quando somos atacados:

- Lembre que seu maior inimigo é o "inimigo interior" – o seu próprio pecado. Tratamos disso nos capítulos 2 e 3. Quando vocês não estiverem em algum conflito, perguntem um ao outro: "Que comportamento meu expressa ira e falta de amor por você?" Considere a resposta de seu cônjuge e tente fazer o oposto, ao sentir que um pecado foi cometido contra você.
- Aprenda a amar como a Bíblia nos diz em 1 Coríntios 13, sendo paciente, benigno, sem ressentimentos. Em sua mente, resista à atitude de advogado de defesa. Elimine o "promotor público" que temos dentro de nós – isso não é nada mais do que uma expressão do pecado de arrogância.
- Memorize e aplique este sábio conselho de Tiago: "Todo homem, pois, seja pronto para ouvir, tardio para falar, tardio para se irar. Porque a ira do homem não produz a justiça de Deus" (Tg 1.19-20). Aplicar somente estes versículos no momento mais intenso do conflito pode ter um efeito espantoso na direção que esse conflito tomará.
- Quando um tipo de pecado está causando problemas persistentes, receba aconselhamento de amigos, pastores,

> etc., que podem ajudá-lo a descobrir onde estão ocorrendo os problemas crônicos e podem receber sua prestação de contas quanto às reações de amor.

Idéias como estas não acabarão com o conflito. Todavia, são estratégias biblicamente corretas para reagir ao pecado de nosso cônjuge, de modo que não aumente as dificuldades ou complique o processo de solução. Eis uma coisa que aprendi: se posso evitar uma discussão de duas horas, usando dois minutos de misericórdia, isso é ganho para todas as pessoas envolvidas.

A MISERICÓRDIA DEPOIS DO ERRO: COBRE O PECADO

Então, aqui está você. Ela fez a mesma coisa de novo. Ele disse aquilo de novo. Ao mesmo tempo que você está ciente de suas próprias tentações, tenta amar verdadeiramente com bondade e trata seu cônjuge como você gostaria de ser tratado. Você tem sido cuidadoso em tentar agradar a Deus na sua maneira de reagir. Mas, apesar disso, o mesmo erro acontece de novo, num momento ruim. Vocês estão entrando na igreja – mas uma pequena batalha está acontecendo discretamente, enquanto você se apressa para assumir sua função na portaria, e ela, no ministério infantil. É necessário parecer feliz diante dos visitantes e dos filhos. Então, você está naquele lugar embaraçoso em que algo não está bem, mas não pode ser resolvido. O que você faz?

Poderia decidir cuidar do assunto mais tarde, o que sempre é uma boa idéia – porém, se esse mais tarde não acontecer por alguns dias? Isso é realmente tão importante que precisa ser mantido na mente? Você poderia separar alguns minutos para resolver a situação naquele exato momento, embora incomodasse outras pessoas. Você tenta esquecer o assunto, somente para vê-lo reaparecer num conflito futuro? Você o arquiva na pasta "Coisas em Meu Cônjuge que Precisam Ser Mudadas"? Que tal um exorcismo?

Talvez você não saiba disso, mas a Bíblia oferece um privilégio especial para lidar com o pecado cometido contra você. Esse privilégio chama-se

longanimidade. Isso significa que você pode praticar o amor de tal modo que perdoe o pecado que alguém cometeu contra você – embora essa pessoa não saiba ou não reconheça o que fez! A longanimidade é uma expressão de misericórdia que pode encobrir tanto os grandes pecados cometidos nos conflitos conjugais como os pequenos pecados resultantes da tensão matrimonial. E reconheçamos: os pequenos pecados alimentam a maioria dos desentendimentos sérios do casamento.

Sejamos criteriosos neste assunto. A longanimidade não significa que guardamos o pecado para mais tarde. Ela não é uma variação da paciência, nem alguma "gentileza" cristianizada e externa pela qual você finge que nada o incomoda. A longanimidade também não é ignorar o pecado no sentindo de recusar-se a reconhecê-lo.

Na longanimidade, sabemos (ou pelo menos suspeitamos) que um pecado foi cometido contra nós, mas resolvemos não atentar à ofensa e esquecer o que passou, estendendo uma atitude sincera de perdão e tratando o (aparente) pecado como se nunca tivesse acontecido. Provérbios 19.11 nos diz que "perdoar as injúrias" é uma glória para o homem. A longanimidade é um perdão antecipado, concedido livre e genuinamente.

É claro que a justiça demanda freqüentemente que abordemos o pecado do outro, mesmo que isso produza resultados desagradáveis. (Discutiremos isso no Capítulo 7.) A longanimidade não é suprimir uma ofensa que você não pode esquecer prontamente; também não é preferir a dor de ser alvo do pecado de alguém, em lugar daquilo que você imagina seria uma dor maior: abordar o pecado cometido. Tampouco é deixar de tratar de um pecado que seu cônjuge comete.

A longanimidade aplica-se a casos específicos de pecado. Envolve uma percepção perspicaz de que um pecado foi cometido contra nós e uma decisão corajosa, inspirada pelo evangelho, de cobrir esse pecado com amor. Pedro nos mostra o segredo da longanimidade: "Acima de tudo, porém, tende amor intenso uns para com os outros, porque o amor cobre multidão de pecados" (1Pe 4.8). Parece que Pedro aprendeu bem as lições de Lucas 6.

Quando pecados são cometidos contra nós, podemos cobri-los – sobrescrevê-los, se você preferir – com a perspectiva do amor. Assim, a

longanimidade inclui um compromisso com a sinceridade em nosso amor, assumindo ativamente a responsabilidade de manter o pecado coberto.

Cobrir o pecado com amor tira de cena o pecado cometido. Isso pode ser bastante útil em certas épocas. Freqüentemente, lidamos com grandes questões no casamento, e esse processo pode ser arruinado por pequenas ofensas. Às vezes, pecados triviais podem ser tão freqüentes que nos desencorajam no tocante a fazermos qualquer progresso. E, às vezes, um dos cônjuges pode estar em um período de desafios que o torna mais suscetível a tentações em certas áreas. Nesses casos, a longanimidade coloca de lado aqueles problemas menores que poderiam distrair-nos ou afastar-nos das coisas mais importantes.

Por exemplo, às vezes, Kimm e eu temos o privilégio de palestrar em retiros para casais. Ao mesmo tempo que ela se sente muito honrada em falar às esposas sobre assuntos que lhe são preciosos, o preparo da palestra não é uma área em que ela se sente talentosa. As semanas de preparação para o evento, somadas às suas responsabilidades diárias, podem ocasionar tentações de ansiedade. Às vezes, essa ansiedade se expressa em reclamações direcionadas a mim. Nas primeiras ocasiões em que vivenciamos essa situação, pensei que ela precisava de perspectiva, algo como: "Se Susannah Wesley podia cuidar de uma casa com umas oitenta e três crianças e ter um momento devocional de três horas, quão grande era seu Deus?"[4] Muito agradável, não? Basta dizer que essas conversas nunca foram produtivas.

Felizmente, aprendi que é não somente sábio, mas também amável levar em conta a "pressão" na vida de Kimm. Preciso observar como ela está lidando com a situação, tentar encorajá-la, em vez de criticá-la, dispor-me a permitir que um pouco da lama (ou do óleo quente do motor) de Kim seja derramada em mim, a fim de que ela cresça na fé por meio da experiência. Que privilégio é representar o amor de nosso Salvador sendo longânimo para com os pecados de minha esposa, por causa do amor! Que lembrete da longanimidade de Deus para com o meu pecado por causa do amor!

Onde encontramos longanimidade em Lucas 6? Para ver isso, precisamos voltar aos versículos anteriores. O versículo 17 nos diz que Jesus

estava falando a dois grupos: "Muitos discípulos seus e grande multidão do povo". O segundo grupo representa você e eu antes de nos tornarmos crentes – pessoas que não tinham a menor idéia de que precisavam de um Salvador. Como judeus, esses espectadores confiavam em sua posição religiosa diante de Deus e, em sua teologia, não viam a si mesmos como inimigos de Deus. Estavam ali por causa das curas e do discurso de Jesus, mas não porque se arrependeram. Posteriormente, muitas delas se voltariam contra Jesus, clamando por sua crucificação. Até seus discípulos O abandonariam, e um deles cometeria a traição que O levaria à morte.

Naquele dia, não houve ali uma pessoa que não pecou ou não pecaria gravemente contra o Filho de Deus. Quando Jesus falou a respeito de estender misericórdia, uns para com os outros, Ele estava sendo longânimo para com seus ouvintes. O chamado para sermos misericordiosos veio do próprio Salvador misericordioso.

A MISERICÓRDIA DERROTA NOSSO VERDADEIRO INIMIGO

Alguns anos atrás, tomei consciência de uma suposição hedionda que influenciava alguns de meus relacionamentos. Era assim: *eu não tinha de lidar com o aborrecimento do pecado de outras pessoas*. Afinal, isso era doloroso, inconveniente e muito difícil. Além disso, eu tinha coisas melhores e mais importantes a fazer. Então, quando parecia que as pessoas estavam pecando contra mim, eu reagia de maneiras que eram lógicas para mim, maneiras que pareciam sensatas e até justas. Pareciam justas... mas, na verdade, isso era *justiça própria*! Imagine qual era o resultado disso em meu lar feliz.

Você já ouviu alguma destas frases escapulindo de seus lábios?

"Não acredito que você fez isso!"

"Eu não mereço isso."

"Eu tenho o direito de ficar com raiva."

"Por que você não leva a sério a necessidade de mudar?"

Repletas de misericórdia, não? Na verdade, elas estão despejando o óleo quente da justiça própria. A justiça própria é um senso de superioridade moral que nos revela como acusador da pecaminosidade de outras

pessoas. Nós nos relacionamos com as outras pessoas como se fôssemos incapazes de cometer os pecados que elas cometem. A justiça própria faz guerra contra a misericórdia.

É fácil celebrarmos o dom do casamento durante uma lua-de-mel romântica, quando tudo são flores. Entretanto, somos criaturas caídas, e isso se torna evidente no casamento, de maneiras desagradáveis. A misericórdia é mais necessária quando nos deparamos com a fragilidade da pessoa com quem nos casamos. Ela brilha mais intensamente em experiências específicas da vida: o momento de pecado e o momento de fraqueza seguidos de misericórdia e perdão.

A maneira como reagirmos ao pensarmos que alguém cometeu um pecado contra nós pode revelar justiça própria. Talvez a reação mais cômoda e mais comum seja a de nos posicionarmos como juiz, promotor, escrivão do tribunal e júri. Não admiremos que essas atitudes tendam a ser bastantes óbvias. Começamos atribuindo mentalmente um motivo para o crime de nosso cônjuge-réu. Rapidamente, antecipamos o júri interno, apresentamos o caso e instantaneamente chegamos a um veredicto que não surpreende: "Culpado". Ao réu não foram dirigidas perguntas, não lhe foi dada oportunidade de testemunhar nem reconsideração das circunstâncias.

Você tem levado seu cônjuge ao seu tribunal ultimamente? Eu tenho. Entretanto, eis algumas perguntas que tenho aprendido a fazer a mim mesmo na batalha contra a justiça própria:

- Estou seguro de que vejo com clareza os supostos "fatos"?
- Quando sinto que alguém errou para comigo, sou rápido em atribuir razões para esse erro?
- Acho fácil criar um argumento contra alguém, de modo que eu pareça correto e ele pareça errado?
- Faço perguntas tendo em mente suposições que creio serem corretas? Ou faço perguntas imparciais, que buscam genuinamente novas informações, sem me importar com as implicações em meu resultado preferido?
- Eu me preocupo demais em saber quem é o culpado de alguma coisa?
- Rejeito perguntas como estas por considerá-las irrelevantes?

Se alguma dessas perguntas se aplica a você, talvez você esteja preso no pecado de justiça própria.

A justiça própria não se manifesta apenas quando as pessoas *pecam* contra nós. Também se expressa quando nos deparamos com a *fraqueza* dos outros. Não é a minha intenção traçar uma distinção perfeita entre pecados e fraquezas, pois o pecado tem, de fato, um efeito enfraquecedor sobre nosso caráter. Entretanto, a Bíblia reconhece a fraqueza – áreas que são vulneráveis ou suscetíveis a tentações que variam de pessoa a pessoa. Não somos completamente fortes em todas as áreas. Alguns são mais suscetíveis do que outros ao desânimo, ou à ira, ou à ansiedade. Alguns lutam mais com a fraqueza física do que outros. Todos somos fracos em alguma área; do contrário, não haveria necessidade de que o poder de Deus agisse em nossa vida (Rm 8.26).

As fraquezas de nosso cônjuge podem ser uma prova para nós – elas são inconvenientes e frustrantes para o que desejamos de nosso casamento. Como reajo quando determinada fraqueza de meu cônjuge surge *novamente*? Continuo insistindo (em voz alta ou em silêncio): "Não vejo como isso pode ser um problema para você"? Essa é uma expressão bastante infeliz de justiça própria. Em vez de nos compadecermos das fraquezas ou limitações dos outros, agimos com superioridade e de modo exigente. Estamos bem afinados com as fraquezas dos outros, mas somos demorados em ver a nossa própria fraqueza.

"Porque não temos sumo sacerdote que não possa compadecer-se das nossas fraquezas; antes, foi ele tentado em todas as coisas, à nossa semelhança, mas sem pecado" (Hb 4.15). As Escrituras admitem que todos temos fraquezas. Cristo sabe disso e estende misericórdia a cada um de nós. Ele pode se identificar com nossas lutas e nos chama a fazer o mesmo em relação a nosso cônjuge.

O seu cônjuge diria que você se compadece das fraquezas dos outros? Diria que você estende a ele (ou ela) a mesma misericórdia que Cristo lhe outorgou profusamente, à luz da sua fraqueza? Ou você só julga?

As boas novas para pessoas justas aos seus próprios olhos, que gostam de julgar (o que todos nós somos de tempos em tempos), é que a

misericórdia triunfa sobre o juízo (Tg 2.13). Quando entendo a misericórdia que Deus expressou para comigo, meus olhos vêem a ruína de minha justiça própria e impelem-me à cruz, em busca da justiça de Cristo. Então, posso compadecer-me das fraquezas de meu cônjuge e alegrar-me nas minhas, pois elas revelam o poder de Deus (2Co 12.9). Como disse John Stott: "O poder de Deus age melhor na fraqueza humana. A fraqueza é a arena em que Deus manifesta mais fortemente o seu poder".[5]

A MISERICÓRDIA TRIUNFA SOBRE O JUÍZO

Alguns dos que lerem este capítulo talvez clamarão em seu íntimo: "Não! Isso não pode ser assim!" Para muitos cônjuges, oferecer a outra face ou perdoar mais um pecado está além do que podem suportar. Eles experimentaram usar a misericórdia, mas isso "não deu certo". Nada mudou. De fato, a misericórdia foi menosprezada e abusada. Ela simplesmente não produz resultados.

Mas precisamos voltar atrás e perguntar: qual é o propósito da misericórdia? Eu concedo misericórdia para obter um resultado? Os resultados são o objetivo? A misericórdia é uma moeda espiritual com a qual compro o bom comportamento de meu cônjuge?

Em Lucas 6, Jesus deixa claro que a misericórdia leva consigo uma promessa. Mas é uma promessa de recompensa, não de resultados (v. 35). Jesus nunca prometeu mudar os nossos inimigos (o caso extremo que inclui todos os casos). O que Ele tem em vista para nós é um relacionamento de amor com nosso Pai celeste, o que ofuscará progressivamente qualquer ação odiosa e prejudicial contra nós.

Lembra-se de Gordon e Emma que mencionei no começo deste capítulo? Ele era o pastor que, na lua-de-mel, disse à sua esposa que se casara com ela por causa de sua carreira. Está na hora de contar o resto da história.

O desprezo de Gordon por Emma permeava quase todos os aspectos do casamento deles. Embora continuassem a viver sob o mesmo teto, ela jamais experimentou o cuidado dele. O desdém de Gordon por seu ca-

samento, aparentemente normal em seu exterior, criou um lar governado pela hipocrisia e indiferença para com o bem-estar de sua esposa. Seus filhos cresceram com uma percepção clara da diferença entre a sua família e as demais, mas pouco entendiam o principal erro cometido contra sua mãe dia após dia.

Entretanto, Emma amava o Salvador que era misericordioso para com ela e apegava-se a Ele nas provações, através dos anos. Privada do amor humano da parte do homem com quem se casara, ela se entregou à misericórdia de Deus. O evangelho recordava-lhe que precisava de um Salvador – e que sua principal necessidade não era o ser salva do doloroso curso dos acontecimentos ou do homem perverso com quem dividia sua casa, e sim de sua profunda pecaminosidade diante de Deus.

Emma entendeu a misericórdia e o perdão de Deus para seu pecado e aceitou o chamado do Pai para estender a misericórdia ao seu esposo. Emma nunca permitiu que a amargura se arraigasse em seu coração. Em vez disso, ela aprendeu a tolerar, com dignidade, confiando o seu bem-estar a Cristo.

Por quatro décadas, a misericórdia definiu as ações, os pensamentos e as palavras que ela dirigia ao homem cujo propósito na vida parecia ser o de oprimir o seu espírito. Sabendo que a maneira como ela reagiria ao seu marido seria um testemunho para seus filhos a respeito do Deus a quem ela servia, Emma estava determinada a chegar-se a Cristo em busca de graça, para honrá-Lo em suas ações.

O casamento terminou de modo triste e doloroso após quarenta anos – um aparente chamado ministerial desperdiçado, uma família financeiramente desamparada, destroçada pelo pecado de um homem que não se arrependeu. Nos anos posteriores ao divórcio, Emma enviou cartões de aniversário e cartas para Gordon, chamando de volta para Deus o homem solitário e rebelde. Ela estava provando a agradável alegria de um relacionamento profundo com o Pai; e desejava cada vez mais que Gordon experimentasse aquele relacionamento, por si mesmo.

Em algum momento, naquela época, a misericórdia de Deus tocou Gordon, que respondeu ao chamado do evangelho em fé salvífica. Os filhos,

agora adultos e crentes, confrontaram em amor os pecados passados dele, e, pela primeira vez, Gordon assumiu a responsabilidade pela destruição de sua família. Ele escreveu uma carta para Emma confessando o seu pecado contra Deus e contra ela. Emma defrontou-se com um teste sobre o qual falaremos no próximo capítulo – o teste do perdão. Será que é fácil? A misericórdia pode cobrir quarenta anos de erro? Temos a escolha de Emma preservada na carta que ela escreveu de volta ao seu ex-marido:

> Tenho um misto de emoções ao ler sua carta. Senti tristeza enquanto lembrava os muitos anos difíceis, mas também fiquei feliz pela obra que o Espírito de Deus está fazendo em sua vida. Feliz por saber que você está se referindo aos seus erros de modo tão franco, pedindo-me perdão. Feliz também porque você está compartilhando-os com seus filhos. Gordon, eu o perdôo. Eu o perdôo por não me amar como Cristo amou a igreja e por desonrar nossos votos de casamento. Embora muitas lembranças de nosso casamento me entristeçam, eu as entreguei ao Senhor e guardei meu coração das desolações da amargura. Exulto na misericórdia de Deus, porque, apesar de nosso casamento ter fracassado, todos os nossos filhos servem ao Senhor fielmente... Deus usa a confissão e o perdão para trazer cura. Confio em Deus que isso será verdade para nós dois.

Ambos, Emma e Gordon, partiram para estar com o Salvador, que teceu com os vigorosos fios da misericórdia a restauração de uma família dilacerada. Todos os filhos desse casal amam o Salvador e agora vêem o propósito misterioso de Deus, quando olham para trás. Embora Emma e Gordon nunca tenham se restaurado como esposo e esposa, Gordon viveu muitos anos e, quando partiu, não estava mais sozinho; estava cercado não só pela sua família, mas também por amigos da igreja, aos quais ele unira a sua vida. Com o passar do tempo, Emma não resistiu a problemas de saúde, mas seu espírito e sua história de-

finem uma obra de Deus que transcende o fracasso de um casamento. A sua história e a sua atitude tocaram muitas vidas.

Para Emma, a misericórdia triunfara sobre o juízo décadas antes de Gordon se arrepender. A misericórdia triunfou em cada oração dirigida aos céus, em cada pecado coberto pelo amor, em cada rejeição de amargura. Para Gordon, a misericórdia significou a conquista daquilo que ele não merecia – o perdão de seus pecados, o amor de sua família, um lar em que o Salvador estava presente, seis filhos que honram a Deus, o amor vitalício de Emma, em Cristo. Cada uma dessas notáveis conseqüências ressaltam o efeito triunfante e prazeroso da misericórdia – a notável misericórdia que Emma recebeu de Deus e estendeu com generosidade à sua família.

A misericórdia triunfa sobre o juízo? O que você acha? Deparei-me com estas palavras de Shakespeare que são uma resposta melhor do que a resposta que eu poderia oferecer:

> A natureza da misericórdia jamais se esgota.
> Ela goteja como chuva benéfica do céu
> Que cai sobre a terra. É duas vezes bendita:
> Abençoa aquele que dá e aquele que recebe.[6]

A misericórdia nunca se esgota porque é capaz de cobrir tudo que toca. Ela torna agradável tudo que toca porque é vinda do céu – do próprio trono do Salvador misericordioso. A misericórdia é uma bênção para aqueles que recebem e aqueles que dão. Receba toda a misericórdia que você puder. E não se esqueça de passá-la adiante.

6

Perdão, Pleno e Gratuito

Como unir o que o pecado separou

O acordo era cancelar quarenta bilhões de dólares em débitos, uma ação sem precedentes nas relações internacionais. As nações representadas na reunião de cúpula do G8, em 2005, decidiram cancelar o débito de dezoito países pobres da África, que estavam altamente endividados e se qualificavam para receber a redução do débito.[1] Foi a maior anulação de débito na História. Esta ação do G8 testificou a capacidade das nações que o compõem de perdoarem meros interesses econômicos. Quarenta bilhões de dólares – são muitos zeros! À medida que corriam pelo mundo os rumores que confirmavam essa generosidade dramática, uma coisa ficou clara: cancelar um débito enorme dá muito o que falar.

No capítulo anterior, consideramos o poder da misericórdia no casamento – como o chamado à misericórdia provém da misericórdia que recebemos de Deus, em Cristo. Neste capítulo, consideramos outro aspecto da misericórdia: o perdão.

Nas Escrituras, as idéias sobre a misericórdia e o perdão estão de tal modo entrelaçadas, que são quase sinônimas. Entretanto, há uma diferença importante. A misericórdia pode ser estendida àqueles que não a reconhecem, ao passo que o perdão, com freqüência, é um procedimento entre indivíduos.[2]

Segundo o acordo do G8, nações prósperas assumiram a responsabilidade por um débito que não lhes pertencia, enquanto as nações devedoras, felizes, aceitavam o perdão e seguiam o seu caminho. Contudo, embora isso tenha sido importante, o capítulo 18 do evangelho de Mateus se refere à

anulação de um débito muito mais significativo, uma anulação que deveria exercer enorme influência em pecadores que dizem "Sim".

O foco de nossa discussão é uma parábola instigada por uma pergunta que veio do próprio "Senhor Não Consigo Pensar Fora do Quadrado", Simão Pedro. A parábola começa em Mateus 18.21, quando Pedro perguntou: "Senhor, até quantas vezes meu irmão pecará contra mim, que eu lhe perdoe?" Pedro estava tentando avaliar coisas que pareciam não fazer sentido. Jesus acabara de ensinar uma lição elementar sobre o modo de lidar com os pecados dos outros na comunidade da fé. Pedro queria definir bem as coisas – quantas vezes tenho de perdoar alguém, antes de fazê-lo pagar o que me deve? Pedro desejava fazer um trato. "Senhor, resolvamos a situação de modo que beneficie a todos. Sabemos o valor do perdão no mercado. Eu proponho sete vezes, agora mesmo, e encerramos o assunto."

Mas parece que Jesus tem uma idéia diferente quanto ao valor do perdão. Ele oferece a Pedro um exercício de multiplicação divino. Quanto é setenta vezes sete? O que Pedro precisava não era de uma calculadora. Ele precisava de uma completa renovação de seu entendimento do amor e do perdão de Deus. Então, Cristo apresenta a Pedro um ato de perdão que não deixa dúvidas a respeito do custo do verdadeiro perdão. Juntemo-nos a Jesus na história:

> *Por isso, o reino dos céus é semelhante a um rei que resolveu ajustar contas com os seus servos. E, passando a fazê-lo, trouxeram-lhe um que lhe devia dez mil talentos. Não tendo ele, porém, com que pagar, ordenou o senhor que fosse vendido ele, a mulher, os filhos e tudo quanto possuía e que a dívida fosse paga. Então, o servo, prostrando-se reverente, rogou: Sê paciente comigo, e tudo te pagarei. E o senhor daquele servo, compadecendo-se, mandou-o embora e perdoou-lhe a dívida. Saindo, porém, aquele servo, encontrou um dos seus conservos que lhe devia cem denários; e, agarrando-o, o sufocava, dizendo: Paga-me o que me deves. Então, o seu conservo, caindo-lhe aos pés, lhe implorava: Sê paciente co-*

> *migo, e te pagarei. Ele, entretanto, não quis; antes, indo-se, o lançou na prisão, até que saldasse a dívida. Vendo os seus companheiros o que se havia passado, entristeceram-se muito e foram relatar ao seu senhor tudo que acontecera. Então, o seu senhor, chamando-o, lhe disse: Servo malvado, perdoei-te aquela dívida toda porque me suplicaste; não devias tu, igualmente, compadecer-te do teu conservo, como também eu me compadeci de ti? E, indignando-se, o seu senhor o entregou aos verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida. Assim também meu Pai celeste vos fará, se do íntimo não perdoardes cada um a seu irmão (Mt 18.23-35).*

Para ajudar Pedro (e todos nós) a entender, o Senhor contou a parábola de um rei que perdoou um débito de 10.000 talentos, um número fora da compreensão de seus ouvintes. Depois, o devedor perdoado encontrou um conservo que lhe devia 100 denários. Como este não tinha condições de pagar, aquele o lançou na prisão. O rei descobriu o que aconteceu e, indignando-se, entregou o devedor perdoado aos "verdugos, até que lhe pagasse toda a dívida". A fim de evitar qualquer confusão, o Senhor resume a parábola no versículo 35: "Assim também meu Pai celeste vos fará". Naquele momento, o Senhor não estava olhando somente para Pedro ou para seus discípulos. Ele estava esquadrinhando todos nós, o seu casamento e o meu, dizendo precisamente que, se nos recusarmos a perdoar uns aos outros, "Assim também meu Pai celeste vos fará".

Caso isso o deixe desanimado – se parece sugerir que Deus é impiedoso para com seus filhos –, deixe-me enfatizar a verdade dessa parábola. O oferecimento do perdão verdadeiro é uma evidência clara e persuasiva de que fomos perdoados por Deus. O ensino central é este: *pecadores perdoados perdoam pecados*.

No capítulo anterior, falamos sobre a longanimidade, a graça de perdoar ofensas cometidas contra nós, por amor a Cristo. A longanimidade entra em ação quando somos capazes de cobrir uma ofensa com o amor de Deus, sem guardarmos o menor ressentimento. Este capítulo trata de um

assunto diferente: o pecado que não deve ser ignorado, e sim tratado por amor a Cristo. Falaremos sobre o perdão exigido quando o pecado é reconhecido e confessado. E procuraremos definir o perdão de modo bíblico, talvez de um modo que você nunca entendeu ou praticou.

A minha experiência como pastor me diz que o perdão é um meio de graça que tem sido aplicado de maneira errada no casamento. Entretanto, quando o perdão é expresso no casamento de acordo com a verdade, não há um agente maior de mudança e esperança. Para nos ajudar a manter a nossa discussão sobre esse tema fundamentada no mundo real, deixe-me apresentar uma parábola da vida real, a história de meus amigos Jeremy e Cindy.

UM CASAMENTO EM RUÍNA

Talvez você conheça Jeremy e Cindy. Você já os viu por aí ou conhece pessoas como eles. São o tipo de casal que têm tudo: inteligentes, atraentes e talentosos – um grande modelo para a igreja. Mas, às vezes, ter essas coisas exteriores somente disfarça o caos interior; e o casamento deles era um caos.

Como personalidades ambiciosas de "primeira categoria", ambos estavam conquistando muito na vida. Apaixonaram-se e pareciam destinados a ficar juntos. Depois do deslumbrante casamento, eles estabeleceram uma vida de classe média alta, mas não demorou a perceberem que isso não era o que tinham idealizado.

Eram um casal de carreiras distintas e imaginaram que viveriam aquele casamento como um time. Em vez disso, uma competição sutil desenvolveu-se entre eles. Orgulho e egoísmo dirigiam cada vez mais a vida deles. Visto que suas ambições pessoais seguiam direções diferentes, logo se abriram fendas no fraco alicerce de seu casamento. Envolvidos nas muitas ocupações da vida, nenhum deles conseguia ver as fissuras crescendo.

Jeremy começou a desviar-se, primeiro em seus pensamentos, depois, de forma cada vez mais ousada, em suas ações, até que se entregou completamente a um relacionamento adúltero. Como ele o descreve:

O orgulho fomentava minhas ações e meus pensamentos. Minhas opiniões eram as únicas corretas, e eu tinha o "direito" de que todas as minhas necessidades fossem satisfeitas. Quando Cindy ressaltava áreas em que ela sentia que eu poderia crescer, eu a contestava com as grandes coisas que ela não estava levando em conta e com a idéia de que ela tinha "sorte" por ser casada comigo.

Para minha humilhação e vergonha, quando brigávamos, eu dizia freqüentemente coisas como: "Qualquer outra mulher adoraria ser casada comigo". Em vez de lidar humildemente com os problemas que só aumentavam, escolhi fugir das minhas responsabilidades dadas por Deus e dos meus votos, buscando um relacionamento com outra mulher.

Esta fuga deu início a um endurecimento gradual de meu coração e se manifestou numa arrogante tentativa de ver quão perto eu poderia chegar do fogo, sem me queimar. À medida que eu investia meus pensamentos e meu tempo naquele relacionamento pecaminoso, interessava-me cada vez menos por Cindy. A religião superficial não podia vencer o engano e o poder da lascívia. O que começou como uma atração mundana eventualmente desenvolveu-se em adultério. Durante os meses que precederam o adultério físico sofri uma insônia e ansiedade fora do comum. Era como se eu estivesse correndo numa linha férrea em direção a um trem que se aproximava. Eu não o via, mas podia ouvi-lo. Eu sabia que a coisa certa a fazer era saltar para fora dos trilhos, mas continuava correndo mais rápido, de algum modo atraído pela "empolgação" dos sentimentos. Rejeitando a paciência de Deus, quando Ele me deu meses de oportunidade para desviar-me do meu pecado, resolvi correr impetuosamente para o abismo.

(Se me permitem, quero fazer um apelo: esposos e esposas, caso algum de você se encontre em viagem para o abismo da infidelidade, seja com uma pessoa ou algum tipo de pornografia, por favor, arrependa-se de seu pecado e procure ajuda de uma pessoa em quem você confia. Leia esta história como uma advertência e um apelo do Deus que ama você e quer livrá-lo deste pecado. E, especialmente para os homens: por favor, não pensem que são melhores do que Jeremy; pelo contrário, identifiquem-se com ele. Todos somos mais como ele do que imaginamos.)

Seguiremos o testemunho de Jeremy e Cindy por todo este capítulo. Mas deixemos isso de lado por enquanto e aprendamos mais sobre como funciona o perdão, especialmente no casamento.

O PERDÃO ACERTA AS COISAS COM O DEUS SANTO

Quando usamos padrões de avaliação humanos, podemos começar a pensar que nossos pecados "comuns" contra nosso cônjuge (indiferença, preguiça ou falar indelicado, por exemplo) estão no nível do pecado dos "100 denários". E poderíamos com facilidade considerar o pecado de Jeremy como o pecado de "10.000 talentos". Esse tipo de pensamento pode nos fazer supor que, se o nosso pecado não é tão mau quanto o de outra pessoa (meu cônjuge, por exemplo), o meu problema com Deus não pode ser tão grave. Permitir que meus pensamentos cheguem a esse ponto significa deixar de compreender não somente as lições da parábola de Mateus 18, mas também o âmago do próprio evangelho.

Com certeza, muitas esposas e esposos sofrem horrivelmente os pecados cometidos contra eles. Alguns que lêem estas palavras sofrem por causa de abusos físicos ou emocionais cometidos contra eles; outros, por causa de cônjuges que parecem não mais se importar. Entretanto, como vimos no Capítulo 2, não compreendemos realmente as boas novas de Jesus Cristo, no evangelho, se não vemos que o nosso pecado contra o Deus santo é uma injustiça muito maior do que qualquer coisa feita contra nós.

Nosso Pai amoroso se importa profundamente com a severidade de qualquer pecado cometido contra você. Em sua perfeita santidade e

onisciência, Ele não ignora um só pecado. Contudo, é com base nessa mesma santidade e onisciência que Ele vê cada pecado que você comete, independentemente da grandeza, da pequenez e das circunstâncias que o trazem à luz.

Isso significa que, aos olhos de nosso Deus compassivo e amoroso, pecado é pecado, culpa é culpa, e todo pecado é cometido contra a infinita santidade de Deus. A indiferença que demonstro para com minha esposa é suficiente para justificar a completa ira do Deus santo e exigiu o sangue de meu Salvador para limpá-la.

Sim, alguns pecados que os cônjuges cometem um contra o outro podem ser vistos, bíblica e racionalmente, como maiores ou menores. Mas Jesus foi intencional em transformar, com graça admirável, o tom de perdão dessa história em uma qualidade preciosa que vai além de nossa imaginação mais extraordinária e magnânima. O senhor referido na parábola (que representa a Deus) foi benevolente em extremo para com o servo ingrato (que nos representa), o qual pelo seu comportamento demonstrou não haver compreendido o significado do que se fizera por ele.

Perceba: *é fundamental reconhecer a posição daquele contra quem o pecado é cometido*. E o fato de que todo pecado é cometido contra Deus nos coloca, todos, na classe do devedor dos 10.000 talentos – um ponto central nesta parábola. Na obra *The Valley of Vision* (O Vale da Visão), lemos esta oração de um dos puritanos: "Nunca me deixe esquecer que a crueldade do pecado reside não tanto na natureza do pecado cometido, e sim na grandeza da Pessoa contra quem ele é cometido".[3] Em última análise, o "tamanho" de um pecado não é determinado pelo pecado em si mesmo, e sim por aquele contra quem é cometido. O pecado é infinitamente maligno porque rejeita Àquele que é infinitamente santo e bom. Quanto mais reconhecemos a perfeição da santidade de Deus, tanto mais óbvia essa verdade se torna.

Para o bem de nosso casamento, devemos ver a nós mesmos no lugar do homem que devia 10.000 talentos. A apreciação do perdão de um débito imenso (nosso pecado contra o Deus santo) constitui a base e o ponto de partida de nossa atitude de perdoar uns aos outros por ofensas muito menores (em termos de comparação). Sem o entendimento da profundidade

de nosso pecado contra Deus e das riquezas de seu perdão para conosco, nunca conseguiremos perdoar os outros.

Então, antes de continuarmos a falar sobre Jeremy e Cindy, admitamos aquele débito de 10.000 talentos. Todos precisamos de alguém que fique entre nós e a ira justa de Deus. Todos precisamos do Salvador. 2Coríntios 5 fala sobre esta nossa necessidade nos seguintes termos: "Aquele que não conheceu pecado, ele o fez pecado por nós; para que, nele, fôssemos feitos justiça de Deus". Jesus pagou nosso débito e nos concedeu sua posição perfeita diante de seu Pai santo.

Ao comentar esta parábola, o puritano Matthew Henry escreveu: "Se essa é a medida do perdão que o discípulo recebeu, qualquer limitação de perdão que ele demonstre ao seu irmão é inconcebível".[4] Por isso, essa parábola termina com uma advertência tão solene. Deus não deixará que seu santo perdão seja escarnecido.

Conforme veremos, foi a confrontação de Jeremy com o Deus santo que o levou a confessar o adultério à sua esposa.

> Creio que Deus usou a natureza desenfreada de meu pecado, pelo qual eu não podia culpar ninguém mais, e seu efeito devastador sobre Cindy para me trazer à razão e me fazer confessar que precisava do Salvador. Abandonei toda a confiança religiosa anterior e lancei-me à misericórdia de Deus. Embora eu desejasse o perdão de Cindy e a restauração de nosso casamento, sabia que o perdão de Deus era a minha maior necessidade. Minha confissão sincera aconteceu numa noite solitária: ó Deus, ainda que Cindy escolha o divórcio (que, conforme a Bíblia, eu sabia ela tinha todo o direito de fazer), sei que não tenho nenhum direito neste casamento. Tudo que sempre mereci foi a tua ira. Perdoa-me por meu adultério no coração e em minhas ações contra Ti e contra ela. Perdoa-me baseado somente no sangue derramado de teu Filho. Eu O aceito, e a sua obra, e qualquer disciplina

> que o Senhor exija para mudar meu coração.
> Desta confissão surgiu o meu primeiro amor genuíno por Deus. Desejei ser o esposo e o pai que Ele me chamara a ser. Eu havia me mostrado indigno dessas funções e incapaz de cumpri-las. Pela primeira vez na vida, eu estava encarando a minha fraqueza e insuficiência para uma tarefa. Em toda a minha vida, acreditei que poderia fazer qualquer coisa se apenas me dedicasse. Agora, eu sabia que qualquer fruto em minha vida tinha de ser uma obra de Deus e que eu era apenas um recipiente de sua graça e de seus dons. Eu não podia apagar a dor do passado ou instilar esperança para o futuro. Não podia criar em nosso lar uma paz que excedia todo o entendimento. Não podia mudar o coração de Cindy, para que ela me perdoasse ou amasse. Somente um Deus com o poder de salvar um pecador como eu poderia restaurar um casamento tão prejudicado como o nosso.

O caminho de volta de Jeremy começou quando ele se prostrou aos pés da cruz. Ele era um homem fraco e arruinado. Era exatamente isso que seu casamento precisava.

O PERDÃO É CUSTOSO

E o que aconteceu com Cindy? Como o adultério de Jeremy a afetou?

> Quando soube do adultério de meu marido, nossa vida apressada pareceu exigir uma parada. Uma escuridão e uma solidão que eu nunca experimentara me envolveram. Cada experiência e cada situação foram maculadas por uma tristeza e uma escuridão esmagadoras – quase como se alguém tivesse morrido. Voltei-me para Deus e clamei desesperadamente por ajuda, dia e noite; mas a

> dor era intensa demais. Medo do futuro, a angústia da traição e a pergunta "Por que Deus permitiu que isso acontecesse?" cercavam-me constantemente. Minhas emoções oscilavam severamente entre sentimentos de grande tristeza, ira intensa, ciúme, temor e civilidade, a qual, analisada agora, creio estava enraizada num desejo autoprotetor de não ver meu casamento fracassar. Comecei a questionar o caráter de Deus acusando-o de severo, desleal e cruel. Eu dava completa vazão aos meus pensamentos, em acessos de raiva e surtos de choro. Depois, eu afundava em reprovação e depressão. Até meus sonhos eram assustadores – acordavam-me à noite. Conforme o tempo passava, eu me retraía muito e passava grande parte do tempo sozinha.

Sei que alguns dos leitores deste livro talvez sintam as palavras de Cindy como se fossem suas. A realidade, fria e severa, por causa da infidelidade de um cônjuge ou de outro pecado profundamente doloroso cometido contra você, atingiu seu coração. Agora, você está diante de uma situação que gostaria que não existisse. E se depara com a escolha de perdoar ou não o seu cônjuge. É uma escolha complicada por algo que todos os crentes têm de aprender.

O perdão é custoso e, às vezes, o seu preço é mais elevado do que pensamos que podemos pagar.

É como se o perdão fluísse entre nós por meio de um cano com três válvulas. Todas as três válvulas devem estar abertas para que o perdão mova-se de uma pessoa a outra. A primeira válvula, controlada pela pessoa que pecou, é o arrependimento e o pedido de perdão. Vimos como Jeremy começou a abrir esta primeira válvula. Ele viu seu pecado como um erro cometido primeiramente contra Deus e renunciou qualquer pretensão de justiça própria. Jeremy expressou seu arrependimento – um compromisso resoluto de deixar o seu pecado e trilhar os caminhos de Deus – por aceitar as conseqüências de suas ações e querer agradar a Deus, não importando

o custo. Triste por conta de seu pecado e decidido a vivenciar aquele arrependimento, ele pediu humildemente perdão a Cindy, sem impor qualquer exigência à resposta dela. O verdadeiro perdão é mais bem desencadeado quando o ofensor abre a sua válvula primeiro.

As outras duas válvulas são controladas por aquele contra quem o pecado foi cometido e podem ser tão difíceis de abrir como a primeira.

A segunda válvula é a da misericórdia. Ela livra a pessoa que pecou de estar sujeita a sofrer a punição por aquele pecado. Para abrir esta válvula, o ofendido deve renunciar a tentação de dizer como o servo rancoroso: "Paga-me o que me deves!" Ele fecha o fluxo da amargura abrindo o fluxo do amor. Lembre-se da resposta de Emma à confissão de Gordon no capítulo anterior. Quão fácil teria sido para Emma abrir as comportas da acusação por causa dos anos de crueldade. Em vez disso, Emma "cobriu" os anos de pecado cometidos contra ela com a misericórdia fortalecida pela graça – uma misericórdia que fez toda a diferença em sua família.

A abertura da terceira válvula exige a disposição, por parte do ofendido, de aceitar o custo do pecado. Você sentiu dor emocional por causa do que o seu cônjuge fez. A dor terminará em você, ou você a devolverá? A sua confiança foi abalada devido ao que ele fez durante certo tempo. O seu coração tentará forçá-lo a pagar o que deve? Ou você seguirá os passos do mestre e demonstrará uma disposição de aceitar o custo?

Uma reação natural ao pecado de nosso cônjuge é Mateus 18.28 – pague o que me deve agora mesmo. Nossa reação emocional nem sempre é espiritual, embora "pareça correta". Tememos que os métodos de Deus não funcionem. A reação bíblica – a idéia de perdoar um cônjuge completa, sincera e permanentemente, livrando-o de toda punição do pecado – pode parecer difícil e injusta.

No fim, o resultado mais comum é um meio-termo insípido – não é o furor pecaminoso de exigir satisfação, nem o estender piedoso do verdadeiro perdão. Pode ser o superficial "Ah! tudo bem!", que tenta fingir que nada aconteceu. Talvez seja o rápido "Claro, eu perdôo você" (deixando implícito: "Contanto que você não faça algo semelhante de novo!"). É claro que poderíamos nos recusar a perdoar, relembrando sempre o pecado de nosso

cônjuge, como uma antiga ordem de prisão que pode ser executada a qualquer momento – o que a Bíblia chama de amargura.

Mas o perdão verdadeiro vê o pecado do outro como algo realmente maligno, enfrenta-o e aceita, pelo poder da graça abundante de Deus, o custo do pecado. Esse tipo de perdão liberta o pecador; encerra, cancela e apaga a conta do pecado, como vemos em Mateus 18. Ken Sande diz:

> Perdoar pode ser uma atividade custosa. Quando você cancela um débito, ele não desaparece simplesmente. Em vez disso, você absorve a dívida que outra pessoa devia pagar. Semelhantemente, o perdão requer que você aceite certos efeitos dos pecados de outra pessoa; e você livra o ofensor de estar sujeito à punição. Foi precisamente isso que Cristo conquistou no Calvário.[5]

É isso mesmo. Não há nada em nós que escolheria naturalmente o caminho do perdão bíblico e pleno. É difícil demais, e o desafio se agrava pelo fato de que a concessão do verdadeiro perdão não garante que as pessoas não errarão mais para conosco. Então, por que considerar isso? Porque o perdão pleno e gratuito é precisamente o que foi conquistado para nós no Calvário. E aquele que foi perdoado é capaz de perdoar os outros. Pecadores perdoados perdoam pecados.

Foi essa verdade que fez diferença na reação de Cindy à confissão de Jeremy. Isso talvez o surpreenda, mas, a fim de perdoar o pecado de Jeremy, Cindy teve primeiramente de fazer uma nova consideração de seu próprio pecado.

> Eu sabia o que a Palavra de Deus afirma sobre o perdão – que eu posso e devo perdoar livremente à luz da grande misericórdia que Cristo manifestou para comigo, na cruz. Apesar disso, eu não conseguia ver meu próprio pecado claramente, e isso se tornou um obstáculo para que eu perdoasse Jeremy. Foi um processo que levou tempo

e pareceu insuportavelmente lento. Às vezes, eu achava que não agüentaria. Muitas vezes desejei desistir e findar o casamento. Eu não conseguia entender direito e desejava acabar o sofrimento imediatamente (achei que isso aconteceria se eu terminasse o casamento), mas não estava refletindo bem sobre as conseqüências de extensa duração. Só pela graça de Deus não segui esse caminho. Com freqüência, eu caía em amargura, arrependia-me e começava de novo. Entretanto, quanto mais ouvia o evangelho sendo pregado, tanto mais o entendia e o aplicava a mim mesma.

Com o passar do tempo, comecei a ver minha própria pecaminosidade, a graça e a misericórdia de Deus para com meus pecados. Foi muito difícil encarar a minha contribuição para a ruína de nosso casamento. Eu queria me concentrar só na parte de Jeremy e deixar a culpa ali, mas Deus me abriu os olhos e ajudou-me a ver que, embora fosse vítima do pecado de meu marido, eu não podia alegar inocência em meu casamento, certamente não diante de um Deus santo. O evangelho me deu poder para perdoar meu marido. Cristo morrera pelos nossos pecados, sofrendo em nosso lugar e bebendo o cálice da ira de Deus, o qual eu e Jeremy merecíamos pelos nossos pecados. Por meio da revelação dessa verdade, fui humilhada e desarmada – éramos mais parecidos do que diferentes. O perdão fluiu desse ponto de referência em minhas considerações.

Na prática, isso nem sempre pareceu fácil. Havia aqueles dias em que Deus tomava conta de mim e revelava-se a si mesmo e o evangelho de maneiras inacreditáveis. Eu experimentava esperança e alegria, sentindo que perdoara. Contudo, havia os momentos mundanos, todos os dias, quando eu não sentia nada. Apesar disso, Deus me

> ensinou a não confiar em meus sentimentos, e sim na sua graça que me fora dada na cruz. Como eu perceberia mais tarde, esta era a mudança fundamental que Deus queria realizar em meu caráter: tornar-me centrada no evangelho e fazer com que eu vivesse com base nessa centralidade.

Essa, talvez, foi a coisa mais difícil que Cindy fez. Ela perdoou genuinamente Jeremy quando entendeu que todo pecado é contra Deus e que o evangelho do perdão de Cristo abrangia o pecado dela, bem como o de Jeremy.

O PERDÃO RENUNCIA O VELHO PARA EDIFICAR O NOVO

Como vimos, a parábola de Jesus em Mateus 18 termina com uma advertência solene: aqueles que não perdoam não serão perdoados. Jesus queria que Pedro compreendesse que sua abordagem condicional do perdão não se parecia em nada com o perdão do reino que Cristo estava trazendo ao mundo. E nós, como Pedro, precisamos admitir que o perdão não é coisa de santos extraordinários. O perdão está no centro do evangelho e, por isso, deve ser uma característica que identifica todo crente.

A fim de praticar o perdão de forma plena, há uma última coisa que precisamos entender sobre ele: como harmonizar nossa motivação de perdoar com o propósito de Deus para o perdão.

O objetivo do sublime e admirável perdão de Deus se torna evidente no contexto que Jesus estabeleceu para a parábola do servo rancoroso. Antes da parábola, em Mateus 18.15-19, Jesus falou a respeito de como tratar, no ambiente da igreja local, o pecado do qual não houve arrependimento. Ele encerrou essa discussão com uma afirmação sobre a soberania de seu reino: "Porque, onde estiverem dois ou três reunidos em meu nome, ali estou no meio deles" (Mt 18.20). (Nesse momento, Pedro perguntou quantas vezes ele devia perdoar alguém.)

Portanto, a ênfase em Mateus 18.21-35, assim como nos sete ver-

sículos anteriores, é a maneira como os pecadores devem se relacionar uns com os outros no reino de Deus. A suposição implícita nesses versículos é que, embora o pecado possa ser admitido "onde estiverem dois ou três reunidos", ele nunca deve causar divisão. Nesta passagem, a realidade básica de viver após a Queda se cruza com o perdão, provendo esperança até para os casamentos mais desolados.

Assim, vemos que o perdão deve ser exercitado não somente por causa do desejo de evitar a desaprovação de Deus ou pelo intuito de acabar com o sofrimento emocional causado pelos pecados cometidos contra nós. O perdão foi uma idéia de Deus, foi exemplificado perfeitamente em Cristo e é ordenado nas Escrituras. Ao perdoar-nos, a intenção de Deus não é que permaneçamos como pessoas perdoadas e indolentes no reino de Deus. Somos chamados a buscar o perdão bíblico, a fim de que o povo de Deus seja um; e isso deve ocorrer numa amplitude única e extraordinária no casamento.

Lembremos que o evangelho criou algo admirável – relacionamentos entre pecadores que experimentam e expressam a lei do Rei! Você percebe assim o seu casamento? Acha que ele é constituído de dois pecadores que experimentam e expressam a lei de Cristo no mais significativo dos relacionamentos humanos que Deus criou? Quando os pecadores dizem "Sim", eles reconhecem a presença e o senhorio do Filho de Deus no empreendimento do casamento.

Você está confuso por causa do pecado grave de seu cônjuge? Se ele ou ela se aproximasse com uma confissão sincera e contrita, você estaria preparado para perdoar? Lembre-se: pecadores perdoados perdoam. Permita que Cindy e sua experiência lhe sejam inspiração.

> Com o passar do tempo, Deus nos mudava. Eu via mudanças genuínas em meu marido, mas estava muito relutante em confiar nele novamente. Contudo, a restauração ocorreu gradualmente. Comecei a ansiar pela companhia dele, e essa expectativa tem aumentado no decorrer dos anos – e continua! Deus estava

nos restaurando, e, enquanto O seguíamos e nos deleitávamos nEle, nosso relacionamento individual com o Senhor se refletiu em nós dois. Parecia haver uma incessante provisão de graça, e a esperança foi reacendida em meu coração – com muita alegria. Deus me trouxe ao ponto em que posso dizer honestamente que amo meu marido com todo meu coração e desejo segui-lo em tudo, à medida que ele segue a Deus – um milagre da graça

Outra coisa que realmente mudou para mim foi a maneira como passei a ver o caráter de Deus. Passei a vê-Lo como bom, fiel e gentil. Creio que isso aconteceu principalmente por causa do evangelho que eu ouvia ser pregado e do perdão que eu sabia ter recebido de Deus, mas também por ver esse evangelho sendo vivido por meu esposo, nossa família e outros ao meu redor. Isso levou a uma grande esperança e percepção, que reconheço contribuíram para a restauração de nosso casamento. Desde então Deus continua a mostrar-me seu grande amor, por meio da cruz. Aprendi que o entendimento do evangelho é inesgotável. Por isso, sinto-me estimulada a continuar buscando diariamente um maior entendimento da graça de Deus por mim.

Fico maravilhada com o milagre que experimentamos – isso foi possível tão-somente por causa da vitória de Cristo sobre o meu pecado, no Calvário. Ele me tem mostrado que minha vida não diz respeito a mim, e sim a Ele; e isso, por sua vez, é bom para mim. Os caminhos de Deus não são os meus, porém são bons e confiáveis. As riquezas do evangelho, a pérola de grande valor, são minhas em Cristo – o que será um forte alicerce para mim durante todo o caminho que conduz ao lar celestial.

Se tem faltado perdão em seu casamento, talvez Deus tenha um milagre para você e seu cônjuge.

Ou será que, assim como aconteceu a Jeremy logo no começo, existe contra seu conjugue alguma culpa ou pecado habitual que você ainda não confessou e do qual ainda não se arrependeu? Caso a sua resposta seja sim, busque a graça que eu acredito Deus deseja oferecer-lhe por meio do que você tem lido neste livro. O que você precisa é de sabedoria para humilhar-se a si mesmo, descartando todas as explicações, justificativas e defesas sob o penetrante olhar do Deus que tudo sabe. Você está pronto a reconhecer seu pecado contra Deus e contra os outros, por meio da confissão e do arrependimento? Leiamos mais uma vez sobre Jeremy:

> O epílogo de nossa história mostra a fidelidade de Deus para com um pecador infiel. A profundidade de meu pecado encontra-se em intenso contraste com a inesgotável glória da graça de Deus. Essa triste história me ensinou que nunca estamos afastados demais da graça de Deus.
> Levou anos para Deus restaurar nosso casamento. Sei que a lembrança de nossos anos sombrios nunca será apagada, mas o passado está inegavelmente limpo. Quando as Escrituras dizem que o Senhor restaurará os anos que o gafanhoto devorou, sinto-me como se o autor desta passagem estivesse pensando em nós. Eu amo Cindy cada vez mais; ela tem comprovado inúmeras vezes o seu perdão incondicional. Sei que isso é possível somente por causa do sangue derramado de nosso Salvador. Ele me deu uma justiça que sobrepuja todo o meu pecado. É como se tivéssemos vivido dois casamentos distintos – e, na realidade, vivemos. Desejo que muitas coisas tivessem sido diferentes, que eu não houvesse adulterado nem causado tanto sofrimento a Cindy. Desejo que pudesse dizer a meus filhos que fui fiel à minha esposa desde o dia em que nos casamos. Contudo, por causa

> de meu pecado, essas coisas são apenas desejos. E, em última análise, meus desejos empalidecem em comparação com o plano de Deus. Provavelmente nunca saberei, nesta vida, por que Deus escolheu usar meu pecado para trazer-nos ao ponto em que estamos. Contudo, estamos além de perguntas como essas, porque elas são ofuscadas pela glória do perdão e da bênção de Deus. Pela graça de Deus, não olhamos mais para trás com arrependimento; olhamos para a frente, antecipando aquilo para o que Ele nos tem chamado.
>
> As memórias permanecem, porém não influenciam mais a nossa vida. A cada ano, nosso casamento é mais agradável e mais satisfatório. Ao fixarmos nossos olhos no Salvador, recebemos dEle muito mais do que poderíamos pedir ou pensar. Quão surpreendente é isso!

Perdão e arrependimento são ferramentas poderosas que reparam o dano feito aos casamentos despedaçados pelo pecado. E, onde o perdão é empregado, e o arrependimento, vivenciado, ali acontece a transformação. O perdão buscado com humildade e oferecido com humildade expressa profundamente a glória de Deus. Por quê? Porque o perdão está no âmago do evangelho – a verdadeira demonstração do amor de Deus por aqueles que mereciam sua ira. Como John Newton disse tão bem: "A imutabilidade do amor do Senhor e as riquezas da sua misericórdia são mais ilustradas no fato de que Ele outorga muitos perdões ao seu povo do que no fato de que seu povo não necessita de perdão algum".[6]

Nossa grande dívida foi perdoada. Aprendamos a perdoar o devedor com que casamos. Esse é o caminho que os pecadores têm diante de si quando dizem: "Sim".

7

O Cirurgião, o Bisturi e o Cônjuge em Pecado

Cirurgia espiritual para pecadores

"Decorrido um ano, no tempo em que os reis costumam sair para a guerra..." É assim que começa o relato de 2 Samuel 11.1. É a história de uma série de atos desprezíveis: adultério, engano e assassinato, que se tornaram mais chocantes porque foram cometidos pelo mais importante e mais nobre rei de toda a história de Israel.

Davi, o homem que agradou o Senhor (1Sm 13.14), arriscou-se extraordinariamente, primeiro por favorecer e depois por disfarçar seu adultério com Bate-Seba. Ao saber que a engravidara, Davi trouxe da guerra o marido de Bate-Seba, num esforço para justificar publicamente a gravidez. Quando isso falhou, Davi perverteu sua autoridade ao extremo, arranjando as coisas de modo que o homem fosse morto na batalha. Para completar, Davi fez de Bate-Seba uma de suas esposas.

Um ano passou, o filho de Bate-Seba era bebê, e o juízo do pecado de Davi ainda não se manifestara. Talvez ele pensou ter escondido sua perversidade, enganando quase todos, até mesmo Deus. Problema resolvido – caso encerrado. Protegido pelas pompas do poder, Davi podia sentir-se seguro, protegido e elevado acima das meras leis de homens, por sua própria astúcia, poder e posição exaltada.

Mas Davi e tudo que ele estimava estavam em rota de colisão com a justiça de Deus. Subindo os degraus do palácio, vinha o seu velho amigo, o profeta Natã. E não era uma visita social. Era uma missão de restauração.

Natã se colocou diante de um homem que ele amava, mas quase não o reconheceu – um rei iludido, que caminhava perigosamente rumo à destruição.

O profeta não se alegrou com as palavras severas que se formaram em sua mente. Ele não havia previsto como Davi reagiria à sua repreensão. Mas, quando alguém chegado a você está se afastando da verdade, o amor exige que você fale. Às vezes, o amor deve colocar a paz em risco, por causa da verdade. Davi estava para receber uma demonstração de amor numa forma severa. E nem precisou sair de casa.

Natã contou a Davi a história de um rico que tomara a única ovelha de um homem pobre para alimentar um hóspede. Enfurecido com essa injustiça, Davi anunciou que tal homem deveria morrer. A reprovação súbita de Natã foi: "Tu és o homem".

TER UM NATÃ É NECESSÁRIO

Há duas dinâmicas impressionantes agindo nesse texto histórico. Em primeiro lugar, Deus busca pecadores. O amor de Deus é resoluto. Mesmo quando o pecado nos cega, Ele se recusa a desistir. Deus buscou Davi com um amor incansável.

Em segundo lugar, Deus usa pecadores para buscar pecadores. Natã, assim como Davi, era um homem propenso a tentações e falhas. Mas naquele momento Deus havia dado a Natã um ministério. Ele era um pecador chamado a ajudar outro pecador a reconciliar-se com Deus.

O papel de Natã na restauração de Davi prenunciava algo muito significativo sobre o evangelho. Jesus, o Filho de Deus, viria para confrontar nosso pecado. Por meio de seu sacrifício na cruz, Ele tirou o nosso pecado e nos reconciliou com Deus (Rm 5.10). Mas também, como temos aprendido, aqueles a quem foi dado um Salvador são chamados a imitar o seu Salvador. Neste livro, começamos a aprender como imitar Cristo ao demonstrarmos misericórdia e perdão. Agora, começaremos a aprender sobre a confrontação e a reprovação bíblica cujo propósito é a reconciliação.

Em 2Coríntios 5, Paulo disse que Deus nos outorgou o ministério da reconciliação: a reconciliação entre um pecador e Deus, entre um pecador e aquele contra quem o pecado foi cometido. Esse ministério tem como alvo não somente a salvação dos inimigos de Deus, mas também os filhos dEle (este é o

nosso foco neste capítulo) que lutam contra o pecado, visando ao seu constante crescimento e relacionamento com o Pai. Seja qual for a pessoa a quem ministramos a reconciliação, Deus faz, literalmente, seu apelo por nosso intermédio (2Co 5.17-21).

Além disso, Tiago nos informa que devemos ser pacificadores por causa da justiça (Tg 3.18). Ou seja, devemos estar dispostos a usar nossos vínculos de relacionamento para intervir e ajudar nossos irmãos e nossas irmãs a andarem de modo digno de seu chamado. Charles Spurgeon enfatizava este ensino: "Nosso amor deve seguir o amor de Deus em um ponto, isto é, em sempre buscar e produzir a reconciliação. Foi para este fim que Deus enviou seu Filho".[1]

Você não fica contente por saber que Natã teve coragem suficiente para dizer a verdade a um rei que estava sob o domínio do pecado e da confusão? Talvez não cheguemos a destruir reinos por causa de nosso pecado, mas o efeito de um pecado do qual não nos arrependemos prejudica a nós mesmos, nossa família, nossos relacionamentos, nossa igreja, negócios, ministério e profissão, de um modo freqüentemente devastador. Com o passar do tempo, pecados e erros morais que talvez pareçam insignificantes, comparados ao de Davi, podem causar dano profundo. Todos precisamos de um Natã. Todos precisamos de alguém capaz de discernir um lento desvio ou um rápido distanciamento de Deus, alguém que nos encare e diga: "Foi você".

É inevitável. Vivendo neste mundo caído e tendo um coração pecaminoso, de vez em quando seu cônjuge terá um padrão de pecado que acaba com a alegria e aborrece a alma, revelando uma corrosão perigosa no caráter ou no relacionamento com Deus. Talvez, assim como Davi, o seu cônjuge se feche numa atitude de negação, fazendo tudo que for possível para esconder a verdade. Tal pecado não pode e não deve ficar sem confrontação.

Olhe ao redor. Quem pode fazer o papel de Natã para seu cônjuge? Quem aceitará o ministério da reconciliação? Essa pessoa precisa ser alguém designado por Deus, bastante próximo para ver e bastante humilde para estar mais preocupado com a justiça de Deus do que com a opinião das pessoas. Realmente, só há um candidato apropriado: você.

O que você fará nos momentos em que a verdade for absolutamente necessária? O que você fará quando seu cônjuge precisar de um Natã?

ALÉM DA AUTO-ANÁLISE

Para responder a essas perguntas, voltemos às considerações sobre Mateus 7, que iniciamos no Capítulo 4. As considerações diziam respeito ao argueiro e à trave. Já vimos que, quando se trata de confrontação, o primeiro passo é a auto-análise e o suspeitar de si mesmo, retirando a trave de nosso próprio olho. Mas isso é só o começo.

> *Ou como dirás a teu irmão: Deixa-me tirar o argueiro do teu olho, quando tens a trave no teu? Hipócrita! Tira primeiro a trave do teu olho e, então, verás claramente para tirar o argueiro do olho de teu irmão (Mt 7.4-5, ênfase acrescentada).*

Parece óbvio, não? Esta passagem não pára na remoção da trave. Remover a trave é um meio essencial para atingir um objetivo maior.

Esta passagem apresenta duas razões por que devemos começar pelas nossas próprias traves. Primeiro, tratar de nosso pecado nos ajuda a ver com clareza (v.5). A remoção de meu pecado me garante a perspectiva e a clareza que acompanham a humildade. Aprimora meu discernimento e retira muitos dos fragmentos que obstruem minha visão. Nunca teremos uma visão perfeita nesta vida, mas a retirada de minha trave me permite ver por meio das lentes da compaixão e do cuidado, e não dos olhos insensíveis do julgamento e da justiça própria.

Em segundo lugar, um pouco de remoção da sujeira me prepara para o alvo fundamental do Salvador. Obter perspectiva tem um propósito: ministrar aos outros, neste caso, ao meu cônjuge. A auto-análise em si mesma não produz um casamento agradável, mas somente a auto-análise pode oferecer a percepção humilde que preciso para servir ao meu cônjuge. Meus esforços para retirar minhas próprias traves colocam-me na posição de removedor de argueiros.

A OBRA DA GRAÇA E DA VERDADE

Maurice não cometeu assassinato nem adultério. Ele não fez grandes esforços para encobrir feitos tenebrosos. Apesar disso, Maurice precisa de um Natã.

A empresa em que Maurice trabalha está sendo reduzida, seu cargo está "sendo revisto", e ele está atormentado. O futuro é incerto, e trabalhos em sua especialidade são difíceis de encontrar. Quando está em casa, a expressão de seu rosto revela ansiedade. As conversas vibrantes que ele travava durante o jantar foram substituídas por longos suspiros e silêncios prolongados. Quando sua esposa lhe pergunta a razão para aquilo, Maurice diz que só precisa de um tempo para pensar. Como Davi, ele não vê seu deslize espiritual. Contudo, Maurice está caindo, gradual mas resolutamente, num mundo de preocupações, num exercício atraente e entorpecente de pensar e repensar em cada possibilidade, de considerar todos os ângulos e conseqüências, como se analisar as circunstâncias e controlá-las fosse a mesma coisa.

Maurice fala sobre a fé e a confiança em Deus, mas seus comentários parecem superficiais e obrigatórios, uma negação da verdadeira batalha interior. As noites de insônia contam a verdadeira história. Quando acordado, com um olhar vago, a imaginação de Maurice voa longe: lá está ele, desempregado, a casa tomada pela hipoteca, a família pedindo esmolas nas ruas. Uma gota de suor forma-se em sua testa. Maurice está sozinho no escuro, como um homem sem Deus.

Maurice precisa da compreensão de uma esposa amorosa que se compadece de suas provações. Ela deve orar por ele e encorajá-lo em seus esforços de liderar e sustentar a família. Mas ele também precisa de algo mais da parte dela. Precisa que ela seja um Natã. Alguém que o conhece e o ama tanto que possa aplicar a verdade à sua preocupação que nega a Deus. Alguém que seja íntimo, que esteja firmado nas promessas de Deus e as declare com convicção amável.

Não é interessante como pecadores que dizem "Sim" sofrem tensões bíblicas irônicas? Somos chamados a ser misericordiosos e a reter o juízo. Mas também somos chamados a desafiar uns aos outros – corrigir, exortar e falar a verdade a quem amamos (Hb 3.12-13). Isso talvez pareça um paradoxo e uma aparente contradição em nosso chamado. Mas não é. Pelo contrário, Deus nos uniu em casamento, com nosso cônjuge, neste tempo, para que desempenhemos uma extraordinária função ministerial. Podemos cumprir o chamado da reconciliação – trazendo de volta ao Deus que salva um crente desviado. Podemos amar por apresentarmos a verdade de manei-

ras graciosas, aplicando a graça por falarmos a verdade. Quando cumprimos esse ministério, não somente desempenhamos o papel de Natã, mas também representamos nosso Senhor Jesus Cristo, que veio e habitou entre nós, cheio de graça e de verdade (Jo 1.14).

Então, como realizamos essa obra de graça e verdade?

O CIRURGIÃO E O SANTO EM PECADO

Matthew Henry disse certa vez: "As três qualificações de um bom cirurgião são indispensáveis à pessoa que repreende: deve ter olhos de águia, um coração de leão e as mãos de uma mulher. Em suma, ele deve ser dotado de sabedoria, coragem e mansidão".[2]

Esse grande puritano elaborou uma maravilhosa metáfora. A repreensão – o meio pelo qual um Natã alcança a alma de alguém preso em pecado, a fim de levar-lhe o ministério da reconciliação – é semelhante a uma cirurgia. Ambas exigem cuidado, sabedoria e precisão, bem como uma mão delicada e determinada.

É claro que, quando Matthew Henry escreveu essas palavras, há trezentos anos, uma das únicas coisas que a cirurgia tinha em comum com os processos cirúrgicos atuais era o objetivo de fazer as pessoas ficarem bem, reajustando as partes interiores de seu corpo. Não havia técnicas microcirúrgicas, artroscopia, anestesia, esterilização, antibióticos, nem teorias sobre germes. Era um procedimento rude e repulsivo. No entanto, os médicos da época desse puritano se dedicavam à tarefa do cuidado físico com tudo que podiam levar à mesa. Sabiam que conheciam muito pouco, mas eram profundamente empenhados em tentar ajudar e aprender tudo que podiam, a fim de poderem ajudar ainda mais.

No que diz respeito à cirurgia na alma, somos parecidos com aqueles médicos da era puritana. Mal entendemos a nós mesmos, então, como podemos entender outra pessoa? A única coisa que sabemos é que nem sabemos o que não sabemos! As habilidades que possuímos parecem tão inadequadas, que nos perguntamos se não seria menos traumático ao "paciente" não fazermos coisa alguma.

Mesmo assim, somos chamados a esta tarefa cirúrgica especializada, designados por Deus para exercer todas as nossas habilidades, ainda que escassas, e confiar nEle quanto ao resultado. Os instrumentos essenciais para esse trabalho nunca mudaram: sabedoria, coragem e mansidão.

UM BOM CIRURGIÃO DEMONSTRA SABEDORIA

Eis uma breve lição, tirada dos Relatórios Cirúrgicos de Harvey, sobre o modo segundo o qual não devemos corrigir.

Era um restaurante muito fino – do tipo em que um homem vestindo um smoking puxa a cadeira para você sentar e lhe pergunta educadamente que tipo de água você prefere. Havia luz de velas, um lugar para guardar os casacos (identificados sem números – eles lembrariam apenas seu nome), arte original nas paredes e música clássica ressoando pelos salões. Uma olhada rápida no menu revelou que pagaríamos caro pelo ambiente (pelo menos os preços estavam especificados!). Mas isso não importava. Tudo estava perfeito. Aquela seria uma memorável noite de encontro.

Sim, foi realmente memorável, não somente pelas razões que eu esperava.

Se eu pudesse escolher meu próprio superpoder, escolheria a habilidade de sugar de volta as afirmações estúpidas no momento em que escaparam de meus lábios. Eu poderia tê-lo usado naquela noite, quando ofereci à minha esposa algumas observações que estava guardando para "o momento certo". Aconteceu que aquela noite não era o momento certo. Nem de perto. Graças a mim, o que tivemos naquela noite foi apenas um conflito muito caro. Nada arruína tanto um bom jantar como uma discussão séria.

Um cirurgião sábio escolhe o momento certo. Mas uma cirurgia na alma e restaurantes finos não combinam. Pelo menos não para Kimm e eu. Ao escolher aquela noite para começar o delicado trabalho da cirurgia, eu estava mostrando uma ausência notável de sabedoria.

"O princípio da sabedoria é: Adquire sabedoria; sim, com tudo o que possuis, adquire o entendimento" (Pv 4.7). Esse versículo é bastante claro. Mas, o que é sabedoria? Como vimos no Capítulo 4, a sabedoria começa com o temor do Senhor – um modo de viver prático que tem em vista a glória de Deus. Ou,

como J. I. Packer escreveu: "A sabedoria divina não se tornará nossa, enquanto não nos tornarmos humildes e receptivos ao ensino, reverenciando a santidade e a soberania de Deus, reconhecendo nossa pequenez, desconfiando de nossos próprios pensamentos e desejando ter nossa mente transformada".[3]

O modo como Natã se aproximou de Davi é a sabedoria bíblica à mostra. Natã escolheu o momento certo e fez a sua busca, indo ao palácio para ver seu velho amigo, o rei. Ele escolheu um método sábio, a história de uma ovelha roubada, para induzir Davi a olhar para si mesmo. Natã foi muito claro a respeito da natureza do pecado e de quem era o culpado. Como reação, Davi poderia ter facilmente tornado infeliz a vida de Natã, que, apesar disso, assumiu o risco. Por quê? Porque Natã temia a Deus mais do que a Davi. Natã era um homem sábio, que se preocupava com os interesses de Deus acima de todas as coisas.

Para nos tornarmos verdadeiramente sábios no que diz respeito à confrontação do pecado, eis algumas técnicas cirúrgicas cruciais que podemos empregar.

OS PACIENTES DEVEM SABER QUE PRECISAM DE AJUDA

Imagine que um cirurgião esteja numa rua movimentada abordando pessoas que ele desconhece e oferecendo seus serviços: "Desculpe-me, senhora, existe algo que eu possa tirar do seu corpo hoje?" Essa abordagem é mais adequada para colocar uma pessoa na cadeia do que para conseguir um trabalho. Todos sabemos que bons cirurgiões não correm atrás de pacientes e que, em vez disso, operam aqueles que querem os seus serviços e precisam deles.

Os casamentos tornam-se desagradáveis quando os cônjuges ocupam-se em cirurgias de modo casual e descuidado, sem o consentimento do paciente. Mas o casamento torna-se agradável quando os cônjuges, reconhecendo que precisarão de cirurgia corretiva de tempos em tempos, permitem um ao outro o uso do bisturi, quando necessário.

Buscar correção regularmente é uma maneira excelente e humilde de demonstrar constante disposição de submeter-se ao bisturi bíblico. Isso diz ao seu cônjuge que, se você precisa, você quer a cirurgia. Com freqüência, o

meu amigo Mark me pergunta se tenho observações a fazer sobre seu caráter e comportamento. Neste sentido, ele é um "paciente modelo" e quero trazer o seu exemplo ao meu casamento. Julgo importante que minha esposa esteja ciente de que desejo a correção e não somente que vou tolerá-la. Quando busco a correção, isso diz a Kimm que ela pode realizar a cirurgia à vontade, porque sei que preciso de ajuda.

NUNCA OPERE QUANDO VOCÊ NÃO ENXERGA BEM

Se você ou alguém de sua intimidade se submeteu a uma cirurgia recentemente, talvez saiba das muitas análises médicas realizadas antes que o paciente seja levado à sala de cirurgia. São realizados vários exames e consultas; e são administrados medicamentos pré-operatórios. Os céticos talvez digam que o objetivo disso é evitar ações judiciais, mas há sabedoria sendo colocada em prática: quanto maior a preparação, tanto maior a possibilidade de bom resultado. Isso também se aplica à cirurgia de repreensão. Quanto mais bem preparados estivermos para falar a verdade, tanto maior a possibilidade de a verdade ser ouvida e levada ao coração. A boa experiência que eu esperava ter naquele jantar com minha esposa tornou-se pobre por uma simples razão: operei quando eu não estava enxergando bem.

Eis algumas perguntas de diagnóstico pré-operatório que ajudam a operar com sabedoria, quando é hora de fazer uma repreensão.

- *Eu orei pedindo a sabedoria que vem de Deus e reconheci a necessidade da ajuda dEle para servir ao meu cônjuge?* A oração não é apenas uma formalidade pela qual passamos antes de introduzir nosso cônjuge no centro cirúrgico espiritual. A oração deve ser uma expressão sincera de nossa dependência de Deus. Por meio da oração, somos lembrados de nossas limitações – podemos operar, mas não podemos curar; podemos falar, mas não podemos convencer do pecado. Só Deus pode fazer isso (Jo 16.8). A oração traz o temor do Senhor à vanguarda de nossa mente, e isso é o começo da sabedoria. Se nos unirmos a Deus antes de nos movermos em direção aos pecadores, fica muito mais fácil trazê-los de volta a Ele.

- *As minhas observações estão baseadas em padrões de comportamento ou apenas num único incidente?* Tome cuidado para não usar uma única ilustração – o que eu gosto de chamar *sola illustratione* – para enfatizar alguma preocupação com a alma de seu cônjuge. Se você tende a iniciar apressadamente uma apendicectomia espiritual, ao primeiro sinal de pecado, isso provavelmente significa que suas habilidades pré-operatórias são fracas. Como você está se saindo em suas orações pelo seu cônjuge, na paciência com a qual deve tratá-lo e no amor que lhe dedica?
- *Contento-me em abordar uma única preocupação, embora esteja ciente de várias preocupações?* Você não gostaria que a mudança fosse tão eficaz como um procedimento cirúrgico? (Sim, a analogia da cirurgia está longe de ser perfeita.) Imagine: raiva crônica hoje, cirurgia amanhã de manhã, alguns dias observando a recuperação, e a raiva desaparece deixando talvez uma pequena cicatriz! Mas a vida é diferente. A transformação acontece em meio à correria diária. As crianças ainda precisam ser alimentadas, e as contas, pagas, enquanto lutamos em nossa tristeza. Concentrar-se, ao mesmo tempo, em mais de uma área de crescimento pode ser difícil e desencorajador. Um bom cirurgião se mantém consciente disso.
- *Estou empenhado em não fazer incisões maiores do que o tamanho absolutamente necessário?* Quando tentamos trazer um cônjuge a uma convicção piedosa sobre o pecado, freqüentemente o oprimimos com grande volume de informação ou uma ladainha de exemplos. Talvez pensemos que esta é a maneira mais rápida de atingir o alvo. Contudo, muitas vezes, a força de nossa comunicação impele nosso cônjuge para além da convicção, para uma infecção séptica de condenação. No que diz respeito à mudança, geralmente queremos um "conserto rápido", mas "Deus estabelece um processo lento de resposta".[4] Ser sábio na graça é perceber que uma palavra bem ponderada e cuidadosamente aplicada é um bom remédio. É uma alma que você está operando. Vá muito devagar. Corte gentilmente.
- *Estou pronto a oferecer, com humildade, uma observação, em vez de uma suposição ou uma conclusão?* Você e eu nunca teremos um discernimento

perfeito do coração de nosso cônjuge. Supor que temos esse discernimento é fazer um julgamento e juízo reservado a Deus. Em seu mistério e misericórdia, Deus retém de nós o discernimento definitivo acerca do coração de outra pessoa, retém até daquelas duas pessoas que são capazes de terminar as frases uma da outra. Assim, a cirurgia mais proveitosa é geralmente exploratória. De modo semelhante, a reprovação mais útil vem, com freqüência, na forma de perguntas sinceras (não perguntas que induzem as respostas desejadas), porque perguntas criam o diálogo que produz observações mais profundas.

- *O meu objetivo é promover a verdade de Deus ou a minha preferência?* Em qualquer tempo de nosso casamento, há diversas áreas em que gostaríamos de ver nosso cônjuge mudar. Mas um bom cirurgião não opera só porque não gosta de alguma coisa no paciente – "Ei, enquanto estivermos operando o apêndice, façamos uma cirurgia plástica no abdômen!" Nossa melhor reprovação acontecerá se nosso objetivo for ajudar nosso cônjuge a ouvir a Palavra de Deus, aceitá-la com seriedade e responder a ela. Nossas observações devem ser feitas com o intento de levar à verdade de Deus, e não de substituí-la.

UM BOM CIRURGIÃO DEMONSTRA CORAGEM

Como vimos, Natã precisou de muita sabedoria para confrontar Davi. Também precisou de coragem para entrar naquele palácio e falar a verdade. Reprovar um rei que se mostrara perfeitamente disposto a matar um homem que poderia descobrir seu pecado era um passo arriscado para Natã – ele só não tinha certeza de quão arriscado era. Mas o bem-estar da nação dependia do corajoso compromisso de Natã em dizer: "Tu és o homem".

De fato, a verdadeira sabedoria bíblica possuirá com freqüência certo aspecto de coragem, à medida que andamos na fé, procurando agradar a Deus em todas as coisas. Talvez a vida pareça mais fácil se evitarmos verdades desconfortáveis ou fecharmos os olhos para determinados pecados, mas sempre colhemos o que plantamos (Gl 6.7-9). Se plantarmos honestidade amorosa e cuidado corajoso, colheremos crescimento na piedade. Se evitarmos a confrontação, teremos

confrontação de qualquer maneira, porque pecado não tratado é pecado não restringido. Numa tentativa de preservar a paz, semeamos a guerra.

Um segundo tipo de coragem também é necessário ao cirurgião espiritual. Se o primeiro tipo é como a ousadia necessária para começar a cirurgia – passando o bisturi através da carne esterilizada para realizar a primeira incisão –, o segundo tipo de coragem mantém você trabalhando até ao fim da cirurgia e, depois, o mantém atencioso e cuidadoso durante o tempo de recuperação. Esse é o tipo de coragem que se compromete a permanecer envolvido no ministério pessoal depois de começarmos a falar.

Muitas vezes, os casais pensam na confrontação como sendo uma granada – retira-se o pino, ela é atirada ao ar, e corre-se em busca de abrigo. Mas a reprovação bíblica não é um tipo de ataque repentino para surpreender o inimigo. É um cuidado cirúrgico em favor da alma, meticuloso e comprometido. Um bom cirurgião compromete-se não somente com a operação, mas também com os cuidados pós-operatórios. Por que isso requer coragem? Porque o propósito de Deus para a repreensão não é produzir um casamento livre de discussões, e sim inspirar o arrependimento da impiedade. Amigos, o arrependimento e a mudança demandam tempo. Quando pecadores dizem "Sim", devem comprometer-se com todo o processo de ajudar um ao outro a crescer em piedade, durante a vida.

Cirurgiões corajosos encorajam o arrependimento

Em 1517, Martinho Lutero pregou na porta de uma igreja, em Wittenberg (Alemanha), o que ele acreditava ser verdades evidentes das Escrituras que estavam sendo negligenciadas. Quando a igreja oficial daquela época discordou de Lutero sobre a essência de suas asserções, desencadeou-se uma controvérsia à qual geralmente nos referimos como Reforma Protestante. As verdades bíblicas – teses, como Lutero as chamava – eram noventa e cinco. Qual delas ocupou o primeiro lugar? "Ao dizer: 'Arrependei-vos' (Mt 4.17), nosso Senhor e Mestre Jesus Cristo quis que toda a vida dos crentes fosse marcada por arrependimento".[5] Lutero estava confrontando um sistema cerimonial, amplamente insensível de livramento religioso da culpa. Na opinião de Lutero, instruído pela Palavra de Deus, a reação oportuna de qualquer pecador à obra redentora

de Cristo na cruz seria afastar-se do pecado e de si mesmo e aproximar-se do Salvador de nossa alma – uma vida de arrependimento. À medida que a igreja protestante crescia, com base na recuperação da doutrina da justificação pela fé somente, ela incluiu este discernimento essencial (e ainda válido!) sobre como as pessoas mudam.

Para que você expresse preocupação verdadeira por seu cônjuge no momento da confrontação, suas palavras e sua maneira de falar devem ter o desígnio de encorajar o arrependimento. Muitas vezes, a palavra é mal interpretada. Portanto, antes de nutrir pensamentos de que seu cônjuge trocará a aparência de fim de semana por pano de saco e cinza, sejamos claros a respeito do que Deus está buscando.

O arrependimento não significa ficar morbidamente envolvido consigo mesmo, ficar preocupado em analisar cada palavra, falha e nuança da personalidade. Conforme aprendemos no exemplo de Jeremy, no capítulo anterior, o arrependimento, no final das contas, não está relacionado principalmente a nós mesmos, e sim a Deus. O arrependimento envolve nos tornamos tão conscientes de Deus, de seu caráter e do que Ele tem feito, que buscamos abandonar diligentemente o pecado e seguir a justiça. Parte das boas notícias do evangelho (como veremos no próximo capítulo) é que a graça não pára na cruz. Ela brota da cruz com uma força cirúrgica penetrante e infinita, para assegurar que mudaremos, que nossa vida e casamento agradarão a Deus e que, por fim, chegaremos ao lar no céu (Jd 24).

No arrependimento, cooperamos com Deus nesta obra maravilhosa, cumprindo o papel crucial que Ele espera realizemos e nos dá graça para que o executemos. De fato, sempre somos convidados por Deus a desenvolver a nossa "salvação com temor e tremor" (Fp 2.12), a fazer morrer nossa "natureza terrena" (Cl 3.5), a andar no Espírito (Gl 5.16) e a renegar "a impiedade e as paixões mundanas" (Tt 2.12). O arrependimento não é simplesmente desejar mudar. É fazer a mudança.

Não quero que minha esposa seja convencida por minha seriedade, como se minhas boas intenções outorgassem qualquer poder de mudança. Quero que a minha amada se volte para Deus em arrependimento, se, de fato, ela pecou. Não quero que as minhas palavras façam minha esposa sentir-se "apa-

nhada" em pecado, porque não desejo provocar nela a tentação de ficar mais preocupada em consertar um problema do que em encontrar-se com Deus. A confrontação não é um caso do tipo "eu te peguei".

Quero que minha esposa ouça o Espírito Santo, enviado para convencer o mundo do pecado (Jo 16.8), e, assim, experimente a obra purificadora e inspiradora de fé, resultante da tristeza santa por causa do pecado. É isso que vemos em Davi, quando a gravidade de seu problema começou a ser-lhe manifestada. "Pequei contra o Senhor" (2Sm 12.13). Paulo descreveu essa tristeza santa aos cristãos de Corinto:

> *Porquanto, ainda que vos tenha contristado com a carta, não me arrependo; embora já me tenha arrependido (vejo que aquela carta vos contristou por breve tempo), agora, me alegro não porque fostes contristados, mas porque fostes contristados para arrependimento; pois fostes contristados segundo Deus, para que, de nossa parte, nenhum dano sofrêsseis. Porque a tristeza segundo Deus produz arrependimento para a salvação, que a ninguém traz pesar; mas a tristeza do mundo produz morte (2Co 7.8-10).*

Para Paulo, sentimentos de tristeza não são necessariamente convicção. Podemos nos entristecer por muitas razões, até por razões egoístas. Podemos ficar tristes por causa das más conseqüências de nosso pecado, ou porque fomos apanhados no erro, ou porque perdemos o respeito de alguém. Esse tipo de sentimento mundano não lida com a verdadeira transgressão do pecado e não pode começar a transformar-nos. Somente a tristeza segundo Deus traz arrependimento. E somente o arrependimento dá testemunho sobre o efeito restaurador da verdade de Deus aplicada ao nosso coração pecaminoso.

UM BOM CIRURGIÃO DEMONSTRA MANSIDÃO

Mansidão é uma das grandes palavras do evangelho. Jesus disse: "Bem-aventurados os mansos, porque herdarão a terra" (Mt 5.5). Paulo disse que

devemos nos revestir de mansidão (Cl 3.12). E Tiago instou: "Despojando-vos de toda impureza e acúmulo de maldade, acolhei, com mansidão, a palavra em vós implantada, a qual é poderosa para salvar a vossa alma" (Tg 1.21).

Mansidão não significa, de modo algum, fraqueza ou passividade. Mansidão é poder governado por amor. É uma expressão de humildade que não atacará nem se defenderá quando desafiada sobre as motivações demonstradas. De fato, uma pessoa mansa entende que pode ter motivações egoístas e precisa avaliar-se a si mesma. Este fruto do Espírito nos ajuda a governar nossa ira, a conter nossa língua e a manter nossa paz. A. W. Tozer disse: "O homem manso... terá encontrado descanso para a sua alma. Se andar em mansidão, ele ficará satisfeito em permitir que Deus o defenda. Já não precisa lutar para defender o seu "eu", porque encontrou a paz que a mansidão proporciona".[6]

No casamento, ser manso não significa ser fraco ou vulnerável; significa ser tão comprometido com seu cônjuge que você se sacrifica pelo bem dele. Uma pessoa mansa percebe a futilidade de reagir ao pecado com outro pecado.

Você já passou por isto. Seu cônjuge diz algo, intencionalmente ou não, e a alma sente como se recebesse um golpe severo. Você se sente agredido, rejeitado, constrangido. Imediatamente, uma estratégia de contra-ataque começa a se formar em sua mente, uma estratégia que rivaliza com o "Dia D" em seu impacto esmagador. Você quer carregar a sua boca e puxar o gatilho. Quer reunir uma série de análises devastadores que dizimam a alegação de seu cônjuge, como um ataque aéreo bem-sucedido. Você quer descarregar um ataque verbal aflitivo que recuperará o terreno perdido e compensará toda dor emocional de um orgulho ferido. Você quer deixar a mansidão na base área e ir à guerra.

No Capítulo 6, falamos a respeito de como o perdão se dispõe a aceitar o custo do pecado, sem buscar retaliação ou compensação. O que fortalece esse tipo de reação espiritual? A mansidão.

A pessoa mansa também compreende alguns princípios bíblicos essenciais sobre a comunicação e os aplica ao casamento.

1) Ficar irritado não é um convite a falar. "A ira do insensato num instante se conhece, mas o prudente oculta a afronta" (Pv 12.16).
2) Uma resposta branda tem mais poder do que uma língua irada. "A resposta branda desvia o furor, mas a palavra dura suscita a ira" (Pv 15.1).

3) O falar com brandura fomenta a vida, quer em conversas, quer em conflitos. "A língua serena é árvore de vida, mas a perversa quebranta o espírito" (Pv 15.4).

Finalmente, toda mansidão apresenta um alvo comum. A pessoa mansa deseja não somente refletir a mansidão de Cristo (2Co 10.1), mas também unir o cônjuge a Cristo.

Qual é o meu plano, a minha motivação, ao chamar a atenção de meu cônjuge quanto a algum pecado? Freqüentemente, essa motivação não é nobre. Extravasar ansiedades, garantir concessões, satisfazer temores, punir a pessoa que machucou você – esses desejos podem nos levar a falar rápido demais, por razões erradas. Acredite em mim, eu sei disso! Mas o alvo de uma conversa restauradora não é apenas atenuar as coisas. É cuidar da pessoa que amamos e, por fim, aproximá-la de Deus.

Anos atrás, Kimm e eu vimos surgir um tipo de conflito a partir da maneira como eu falava com ela, ao tentar fazer cirurgias espirituais. A meu ver, a minha tarefa era persuadir, e não conectá-la de novo com Deus. Eu sentia que o alvo era ter certeza de que haveria uma resposta, em vez de compartilhar-lhe meus pensamentos e entregá-la aos cuidados de Deus. Na verdade, eu estava usando minha posição, a confiança de Kimm e as minhas habilidades argumentativas com propósitos egoístas. Não havia mansidão ali.

O pecado de seu cônjuge não diz respeito a você em primeiro lugar. Pode afetá-lo, porém a coisa mais importante que o pecado revela é o relacionamento de seu cônjuge com Deus. Um cônjuge manso que procura ajudar o outro fará do relacionamento com Deus a prioridade. Reconhecerá que a principal esperança de mudança está numa resposta a Deus, e não numa rendição ao cônjuge que acusa. Por isso, encorajar o cônjuge a buscar a Deus e entregá-lo aos cuidados de Deus deve ser o estágio final de qualquer correção.

As pessoas que amamos precisam saber que confiamos mais na capacidade de Deus para operar a mudança do que na capacidade do pecado para enganar. Deus quer tornar-se a si mesmo grande em nosso casamento – tão grande que a nossa reprovação torna o esposo e a esposa mais conscientes da ação de Deus do que dos efeitos do pecado. Meu amigo C. J. Mahaney chama isso de evidências da graça. "Isto significa procurar diligentemente por maneiras pelas quais Deus está agindo na vida de outras pessoas."[7]

A graça é um agente de cura essencial na sala de cirurgia de nosso pecado. Ela fornece razão para a esperança e poder para a mudança. Esse ponto é tão importante que usaremos um capítulo inteiro para falar sobre ele. Fique atento! Entretanto, antes de terminarmos este capítulo, pense nisto: um bom cirurgião leva a cruz para dentro do centro cirúrgico. A cruz é a primeira e última coisa que ele usa durante a cirurgia. Ela tanto abre como fecha o paciente. A cirurgia só é bem-sucedida quando levamos as pessoas para além de seus problemas, para o Grande Médico.

REVENDO NATÃ E DAVI

Aprendemos que a repreensão, assim como a cirurgia, é difícil de ser compreendida e, muito mais, de ser realizada. E, se for realizada sem sabedoria, coragem e mansidão, o remédio talvez pareça pior do que o problema. Mas, como um marido que tem repreendido e recebido repreensões, posso lhe dizer isto: poucas coisas têm sido mais proveitosas para meu casamento do que as feridas leais feitas por meus amigos, especialmente por minha melhor amiga, Kimm. Encerremos este capítulo observando o impacto final das feridas leais feitas por Natã, amigo de Davi, em seu rei.

A repreensão de Natã não impediu a disciplina de Deus sobre Davi, mas o preparou para ela. E o relato pessoal de Davi sobre este acontecimento foi registrado por Deus, para nosso encorajamento, nas palavras do Salmo 51. Ali vemos um homem experimentando a humilde clareza de convicção e o arrependimento, uma obra que Deus fez por meio da repreensão fiel de um amigo.

Eu conheço as minhas transgressões,
e o meu pecado está sempre diante de mim.
Pequei contra ti, contra ti somente,
e fiz o que é mal perante os teus olhos,
de maneira que serás tido por justo no teu falar
e puro no teu julgar...
Eis que te comprazes na verdade no íntimo
e no recôndito me fazes conhecer a sabedoria...

Esconde o rosto dos meus pecados
e apaga todas as minhas iniqüidades.
Cria em mim, ó Deus, um coração puro
e renova dentro de mim um espírito inabalável.
Não me repulses da tua presença,
nem me retires o teu Santo Espírito.
Restitui-me a alegria da tua salvação
e sustenta-me com um espírito voluntário.
(Sl 51.3-4, 6, 9-12)

Em toda a História, homens e mulheres de Deus têm meditado neste salmo de confissão de Davi, a fim de acharem a fé que precisam para aceitar a disciplina de Deus. Mas, o que houve no restante da história? O que aconteceu com Natã e Davi? Essa repreensão prejudicou o relacionamento deles, arruinou a confiança? Em que estado ficou a amizade deles depois desse encontro?

Ao fim da vida de Davi, mesmo quando os filhos estavam contra ele, um homem ficou ao seu lado. Natã, seu amigo, o cirurgião de sua alma estava lá – sábio, corajoso e manso –, fiel para com a verdade e para com seu amigo, até ao fim.

A amizade deles foi forjada no fogo da correção sincera. Quanto mais vivo, mais aprecio o amor que Kimm me dedica semelhante ao de Natã. Esse amor me impele a buscar o meu Grande Médico, cheio de graça e de verdade, para as ocasiões de necessidade. Que você receba, de bom grado, o Natã que o Grande Médico colocou em sua vida, por meio do dom do casamento!

8

Graça Resoluta

Poder perseverante para corrermos juntos

Sou masculino demais para apreciar os livros de Jane Austen. Sei que as mulheres geralmente lêem essa afirmação assim: "Não sou muito inteligente para entender Jane Austen"; e creio que talvez haja alguma verdade nisso. Entretanto, ainda que homens como eu não a compreendam, tenho de respeitar qualquer autor que consegue prender a imaginação de um público sem mencionar um atirador de granadas. Nenhuma vez. Todavia, ainda sou masculino demais para apreciar Jane Austen.

Num toque de humor divino, Deus me deu uma esposa e duas filhas que amam tudo no estilo de Jane Austen. Talvez eu não consiga perceber alguma coisa, mas parece-me que o enredo é sempre o mesmo. A única diferença que consigo ver é o nome da mansão.

Se você nunca leu um romance de Jane Austen ou nunca viu uma adaptação para o cinema, deixe-me poupar um pouco do seu tempo. Eis o enredo. Começa com uma mulher solteira e ansiosa, na Inglaterra do final do século XVIII, cuja mãe é mais complicada do que ela. Acrescenta um homem rico e inexplicavelmente solteiro, que nem sequer imagina que precisa da solteira temperamental para torná-lo normal. Introduz uns personagens excêntricos, roupas cheias de babados, um baile formal e muitas zonas rurais inglesas. Termina com uma delirante festa de casamento, muito feliz, que deixa a nítida impressão de que este casal jamais conhecerá algo além da harmoniosa alegria conjugal. Adiante até aos créditos, ouça os violinos e vá comprar o CD com a trilha sonora. Isso resume quase tudo.

Por que nada acontece nos romances de Jane Austen depois do casa-

mento? Não há continuação? Sobre o período posterior à festa de casamento, eis algumas histórias de Austen que eu gostaria de ver:

Razão e Sensibilidade, Episódio II – Sinto Falta de Mamãe
Orgulho e Preconceito – A Continuação: Os Colegas de Caça de Darcy Tomam Conta da Casa
O Retorno de Emma: A Casamenteira Ataca Novamente

Eu sei... é improvável. Por isso, prefiro filmes de homem. Eles terminam no lugar certo – geralmente quando alguém morre. Um filme de faroeste nunca termina antes de os dois personagens principais se enfrentarem na rua, com as armas brilhando. Filmes de guerra não terminam exatamente quando um ataque aéreo começa. E os filmes de esporte não acabam até que você veja como o grande jogo termina. Mas no mundo de Jane Austen as histórias terminam no altar, exatamente onde a realidade está para bater à porta. Não entendo isso.

Na verdade, eu entendo. São filmes românticos. Falam a respeito de como o extasiante tornado do amor romântico pode apanhar você em seu funil giratório e colocá-lo às portas da igreja, atordoado e finamente vestido. Aonde o vendaval vai depois? Parece que ninguém sabe. Há vida na ficção depois do "Sim"? É difícil responder, visto que raramente vemos um filme romântico sobre pessoas casadas.

No entanto, seria natural num livro sobre casamento partir dessa ilustração para um discurso a respeito de como manter vivo o romance no casamento. E isso é, de fato, um objetivo valioso (na verdade, é tão importante que encorajo-o a ler esta nota bibliográfica sobre alguns materiais extraordinários que tratam do romance no casamento).[1] Contudo, tenho em mente um propósito diferente. Quero analisar uma palavra que pode inspirar fé e esperança quando os pecadores dizem "Sim". A palavra é *graça*.

Com freqüência, a graça é vista, erroneamente, como se desempenhasse um papel muito parecido com o do romance no enredo de Jane Austen. A graça nos leva ao altar com Deus. É uma força misteriosa e poderosa que nos tira de nosso isolamento pecaminoso e nos coloca num relacionamento prazeroso com Deus, por meio de Cristo. Mas, quando a graça salva, a história termina.

Às vezes, nos deparamos com isso em testemunhos sobre a salvação. Vários detalhes são apresentados quanto aos pecados cometidos na época da incredulidade. Depois, seguem a miraculosa intervenção de Deus, a profunda alegria no novo nascimento e – bem, pode passar os créditos. A graça realiza a tarefa sublime, impossível de levar-me, em segurança, ao altar da conversão; mas, depois, ela parte a fim de salvar mais alguém, deixando-me andar com minhas próprias pernas. É assim mesmo que a salvação acontece?

GRAÇA PERSEVERANTE PARA CORRERMOS A CARREIRA

Um grande teólogo de nosso tempo, J. I. Packer, observou: "A necessidade mais urgente da cristandade é a de uma renovada conscientização do que a graça de Deus realmente é".[2] Concordo plenamente. Cristãos que cultivam uma apreciação pela graça de Deus e buscam aplicar essa graça a cada área de sua vida, condicionam-se a conhecer um júbilo e um poder que somente Deus pode dar. Também concordo que a profundidade e a amplitude da graça de Deus é compreendida de modo tão insuficiente entre os cristãos, que "urgente" já não é uma palavra tão forte. Para os cristãos casados, nenhuma área de aplicação dessa graça é mais urgente do que o casamento.

Nossa tentação é acreditar que o caminho para um bom casamento cristão é o ensino correto, o agir correto, trabalho árduo, mais arrependimento e uma mudança de sentimentos. Com certeza, essas coisas são cruciais, mas não são graça. Repito: para você e eu não há necessidade mais urgente do que uma profunda conscientização sobre o que a graça de Deus realmente significa quando pecadores dizem "Sim". Em Tito 2.11-14, Paulo nos leva para além da nossa tendência, semelhante à de Jane Austen, de deixarmos a graça no altar:

v. 11) Porquanto a graça de Deus se manifestou salvadora a todos os homens,
v. 12) educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente,
v. 13) aguardando a bendita esperança e a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus,

> v. 14) o qual a si mesmo se deu por nós, a fim de remir-nos de toda iniqüidade e purificar, para si mesmo, um povo exclusivamente seu, zeloso de boas obras.

Estes versículos contêm as boas novas! Há uma continuação gloriosa da graça salvadora e justificadora. A graça que justifica (declarando-nos santos aos olhos de Deus) torna-se a graça que santifica (tornando-nos cada vez mais santos no viver diário). É uma graça predominante e incessante; não pára no dia seguinte à oração do pecador. É o poder de Deus para ajudar-nos a vencer o pecado e uma arma potente nas lutas violentas que acompanham a vida após a lua-de-mel da conversão. A conversão, como um casamento, não é o final da história — é apenas o começo!

Nestes versículos, Paulo nos mostra como a graça salvadora torna-se graça santificadora. Examinemos atentamente a passagem, a fim de que obtenhamos, como disse J. I. Packer, "uma renovada conscientização do que a graça de Deus realmente é".

No versículo 11, vemos que a graça começa com nosso Salvador – a encarnação da graça –, aparecendo e trazendo salvação aos perdidos, reconciliação aos inimigos de Deus. O milagre de sua encarnação e a magnificência de sua expiação tornaram a salvação uma realidade. Este é o alicerce e a fonte da graça. A graça se manifestou em Cristo.

Esclarecendo, a graça salvadora e a santificadora são a *mesma* graça. Os nomes diferentes apenas indicam o foco da atividade da graça; não significam que um *tipo* diferente de graça está agindo. De fato, quando chegarmos ao dia final, veremos claramente que a vida nesta terra se deu totalmente pela graça, a mesma graça de Deus em Cristo e por meio de Cristo, graça sobre graça, do começo ao fim (Zc 4.7; Ap 22.21)! Assim, a graça santificadora não é uma nova graça ou uma mudança na graça. É a graça – a mesma graça que nos salvou – aplicada ao novo coração do filho de Deus, um coração transformado pela graça salvadora.

A graça santificadora é boas novas, as boas novas de que Deus concede *graça perseverante para corrermos a carreira*. É proveitoso que vejamos a graça dessa maneira, porque isso mantém o equilíbrio ao qual Paulo está chegando.

Paulo não está dizendo que a graça realiza a mudança em nós contra a nossa vontade. Tampouco ele está descrevendo a graça como uma barra energética, um impulso oportuno do tipo que nos faz levantar e agir quando nos sentimos desanimados. Não, a graça age em nós constante, gradual e crescentemente, a fim de que corramos, com paciência e diligência, a carreira que nos está proposta. E o nosso casamento é uma parte significativa dessa carreira.

Pense nas áreas em que você sabe precisa crescer – a reação crítica à menor provocação, a autocomiseração, a ira descontrolada ou o descontentamento. Deus promete graça perseverante para ajudá-lo a fugir do pecado e terminar bem. "O pecado humano é resoluto", disse Cornelius Plantinga, "mas não é tão resoluto quanto a graça de Deus, não tem a metade da persistência dessa graça, nem a metade da prontidão de sofrer para se estabelecer".[3] Resoluta, persistente e incessante é a graça que nos transforma. Isso, de fato, é boas novas.

GRAÇA: O PODER PARA RENUNCIAR O VELHO PROCEDIMENTO

No versículo 12, descobrimos que a graça de Deus se manifesta com um propósito que vai além da salvação. Ela se manifesta "educando-nos para que, renegadas a impiedade e as paixões mundanas, vivamos, no presente século, sensata, justa e piedosamente". A graça de Deus não somente se manifestou; ela trouxe consigo uma obra de ensino. Para o crente, a graça está aqui para nos ensinar como viver cada momento único e particular da vida que levamos.

A palavra grega traduzida por "educar" é complexa. Significa muito mais do que uma transmissão de conhecimento de uma pessoa para outra. É mais do que uma lição aqui e outra ali, com um vazio entre elas. A graça é um instrumento permanente na vida de cada crente, um poder divino em atividade constante, um agente da verdade que trabalha 24 horas por dia, todos os dias, e supervisiona tudo que fazemos. A graça é o treinador que insiste que corramos em direção a Deus.

Quando eu estava na Liga Infantil de Beisebol, nosso treinador possuía o raro dom de fazer com que as crianças dessem o melhor de si. Isso era um verdadeiro desafio, se considerarmos com quem ele tinha de trabalhar.

O treinador Hayes era um homem áspero que muitas vezes nem tirava a barba; era operário de uma siderúrgica. Suas duas paixões, crianças e baseball, juntavam-se duas vezes por semana durante o verão – ou mais, quando havia jogos de compensação.

O treinador Hayes tinha um jeito peculiar. Com suas palavras, ele despertava a excelência de um defensor que estava jogando somente porque sua mãe queria que ele respirasse um pouco de ar puro. Ele ensinava e treinava com plena expectativa de que você colocasse em prática o que ele dizia. Como resultado, ele pegou um grupo de meninos desorganizados e os transformou num time campeão. Isso aconteceu não porque ele tinha jogadores excepcionais, e sim porque o seu treinamento era excelente. Não porque éramos grandes estudantes do jogo, e sim porque Hayes era um grande professor.

John Stott disse: "Paulo personificou essa graça de Deus. A graça que salva torna-se a graça que ensina".[4] Tito 2.12 nos lembra que o crescimento espiritual é inevitável, não porque somos grandes alunos, e sim porque a graça é um mestre excepcional. É assim que a graça opera. Ela é o treinador que nunca desiste, o professor que sempre tem tempo. A graça persevera em nos capacitar a correr a carreira.

Então, qual é o primeiro exercício de nosso treinamento? A graça nos ensina a "renunciar". Isso significa negar, rejeitar ou recusar. Há dois alvos na mira da graça: impiedade e paixões mundanas. Com isso, Deus nos lembra que o maior desafio em nosso casamento é a nossa tendência de viver mais como o velho homem (ou mulher), que já fomos, do que como o novo homem ou mulher que nos tornamos em Cristo. Mas não tema: Deus fez provisão para a mudança! A graça nos encontra exatamente onde estamos, para nos levar aonde Deus quer que estejamos. Na salvação, a graça nos concedeu novos desejos de agradar a Deus e viver para a sua glória. Na salvação, a graça trabalha para superar a oposição remanescente do pecado e nos impelir ao alvo que a graça salvadora estabeleceu em nosso coração.

Esse poder é muito prático. Suponha que seu cônjuge lhe diga palavras furiosas, sua esposa seja desrespeitosa, seu marido seja insensível (ou faça algo estúpido, como lançar do alto da escada a roupa que já foi dobrada). A graça se

introduz para nos ajudar a renunciar as frases que se formam em nossa mente e o desejo de punição que brota em nosso coração.

Visto que a graça é de Deus, ela se opõe fortemente ao pecado. Ela nos instrui a sufocar, mortificar, guerrear e matar o pecado. O conselho da graça é simples: deixe o pecado encurralado, carregue a arma, aponte para ele e puxe o gatilho. À semelhança de um míssil teleguiado, a graça trava o alvo nessas áreas da velha natureza e entra em ação, afugentando-as de nossa vida. Deus opera a libertação do pecado mostrando-nos áreas de impiedade e fortalecendo-nos a renunciá-las, negando assim satisfação ao pecado.

Talvez Deus esteja lhe mostrando áreas de pecado. Se isso está acontecendo, a intenção dEle é que você as renuncie. O que você está esperando?

GRAÇA: O PODER PARA VIVER

Imagine alguém que está assentado diante de um pastor para receber aconselhamento pré-nupcial, e cada recomendação começa com "Não". Não critique a comida dela. Não ria do modo como ele combina as roupas. Não reclame, não minta, não engane, não roube... não, não, não! Sou a favor dos "nãos" bíblicos. Precisamos deles para nos ajudar a identificar e fugir da insensatez e do pecado. Mas uma avalanche de "nãos" é incapaz de produzir um casamento formidável. A maturidade vem não somente por saber o que evitar, mas também por saber o que buscar.

É por isso que a graça santificadora tem dois aspectos: renunciar e aceitar – abandonar o que é errado e voltar-se para o que é certo. Esses aspectos estão na segunda parte do versículo 12. A graça nos ensina a viver "no presente século, sensata, justa e piedosamente" (Tt 2.12).

Enquanto praticamos a renúncia do pecado, a graça santificadora nos ensina como substituir as paixões deste mundo pela piedade. Como resultado, crescemos em pensamentos amorosos, em paciência para com nosso cônjuge, em autocontrole no lugar de palavras iradas; crescemos em amor, alegria, paz... uma multidão quase ilimitada de motivações e ações piedosas que se assemelham cada vez mais com o caráter de Cristo e se combinam para tornar agradável o casamento.

GRAÇA: O PODER PARA ESPERAR

Odeio esperar. Para mim, a fast-food demora a ser preparada, o café expresso é tedioso, e mensagens instantâneas levam muito tempo para ser digitadas. Quero viver num mundo que ande segundo meu relógio biológico. Sim, o Mundo de Dave, gosto disso... Mas Deus está no controle, não eu. Logo, para mim é ótimo que o terceiro componente da graça apresentado nessa passagem seja o poder para esperar. Somos chamados a viver "no presente século... aguardando... a manifestação da glória do nosso grande Deus e Salvador Cristo Jesus".

Retirei algumas palavras desta passagem para enfatizar o seguinte princípio: esperar é uma marca da vida cristã genuína, uma das principais coisas que fazemos como crentes que buscam glorificar a Deus. Nosso casamento se desenvolve numa sala de espera histórica, entre a primeira vinda de Jesus e o seu retorno final. Paulo chama esta sala de espera de "presente século". Em meio a todas as atividades e a todo o volver-nos do pecado à piedade, esperamos.

Como isso funciona? Qual é o propósito de coexistirem atividade e inatividade? O que significa agir e esperar ao mesmo tempo? Para responder isso, observemos o que Paulo nos diz nesta passagem.

Observe o foco duplo que Paulo une numa única frase. Num momento, ele está falando sobre realidades óbvias, tangíveis e atuais do cotidiano (viver sensata, justa e piedosamente); um pouco depois, ele dá um passo à frente e fala sobre o retorno do Senhor. Como é isso?

Paulo está mantendo nossa esperança onde ela realmente deve estar – em Cristo. Esta vida, leitor, não diz respeito a mim e a você. Diz respeito à glória de Deus expressa *por meio* de nós. Nesta sala de espera, Deus promete santificação, um padrão de crescimento espiritual que glorifica a Ele e se realiza por intermédio do poder de sua graça perseverante. Entretanto, nesta vida, Deus não promete subjugar todo pecado, fortalecer cada fraqueza, criar uma harmonia inabalável em seu casamento ou curar toda enfermidade.

Se Deus consertasse todos os itens da sua lista atual, você não acha que faria outra lista? Depois, outra; e, depois, mais uma? Qual é o fim desse

processo? Perfeição, que não conseguimos nesta vida. Essa é a razão por que esperamos. A perfeição está vindo. A perfeição chegará quando o Filho de Deus retornar e habitarmos com Ele nos novos céus e na nova terra.

No presente século, recebemos a graça santificadora e perseverante de Deus, para vivermos sensata, justa e piedosamente. Compreendemos que alguns pecados, desafios e fraquezas podem nunca ser completamente vencidos e que toda mudança exige tempo. Contudo, visto que a graça é tão poderosa, completa e abrangente, até essa espera é para o nosso bem.

A espera faz, em nossa alma e em nosso casamento, coisas que nada mais poderia fazer. Essa é uma lição que tenho de aprender com regularidade. Quando, em meu casamento, há um assunto não resolvido, que acredito exigir clareza e solução *agora*, não quero ouvir "confie e espere". Quero ouvir "faça isto e veja o problema desaparecer". Geralmente quero que a mudança em meu casamento seja imediata, que a mudança em minha esposa seja imediata. Quero que seja como apertar a tecla *Delete* em meu computador.

Mas Deus não é um Sr. Conserta Tudo armado de fita adesiva e supercola. Ele é um artesão paciente que atenta generosamente ao menores detalhes. A criação de um caráter que exibe piedade e sensatez acontece lentamente, com o passar do tempo.

A graça interage com o tempo e com a eternidade. A graça santificadora acalma a nossa alma, de modo que, nesta sala de espera, possamos trabalhar e aguardar, crendo que Deus está exercendo sua vontade perfeita, mesmo naquelas áreas em que esperamos, esperamos, esperamos. Em última análise, todas as incontáveis esperas, extensas e breves, e as esperanças que as acompanham são parte de nossa maior espera e de nossa esperança suprema. Quando a graça santificadora e perseverante age em nosso casamento, para nos tornar mais *semelhantes* a Cristo, esperamos *por* Cristo. Ele é tão glorificado em nossa espera paciente quanto O é em nosso trabalho dedicado.

GRAÇA: O PODER PARA QUERER

Antes de aceitarmos a Cristo, estávamos comprometidos com as paixões mundanas. Todos explorávamos e satisfazíamos os nossos desejos pecamino-

sos. Zelosos em seguir o nosso próprio caminho, éramos fervorosos no tocante às coisas erradas e anelávamos pelo pecado. Mas, agora, manifestou-se a graça por meio de Cristo, para nos educar e redirecionar nosso coração para Deus. Vemos isso no final do versículo 14, no qual Paulo mostra que um dos primeiros objetivos de Deus em nos salvar era que fôssemos um povo "zeloso de boas obras" (Tt 2.14).

O que é zelo? Zelo é a vontade anabolizada. Um fã de futebol comum senta na arquibancada e aplaude, mas um fã zeloso torce sem camisa, num tempo congelante, tendo o corpo pintado com as cores do time. Zelo é acordar às 5h da manhã para aguardar, ainda no escuro, o início de uma megapromoção e comprar a preços baixos. Zelo é um desejo profundo que define como vivemos e revela o que amamos.

A graça não somente educa. Ela nos transforma desde o íntimo. Perscruta os nossos desejos mais íntimos e os direciona para Deus. O que queremos na vida realmente muda. A graça renova nosso zelo e não pára até que as boas obras fluam.

O seu casamento poderia ser melhorado por algumas boas obras? Talvez as coisas tenham chegado a um ponto em que até a menor gentileza parece um grande passo. Talvez as janelas fiquem cobertas de geada toda vez que você e seu cônjuge estão no mesmo cômodo. Não se desespere, Deus nos enviou graça – graça santificadora, perseverante! Ela pode agir poderosamente em você, e não somente inspirar obediência respeitosa. Pode torná-lo "zeloso de boas obras" no casamento.

Uma graça que nos transforma de dentro para fora. Não admiramos que ela seja chamada de graça maravilhosa!

TRANSMITINDO ESTA GRAÇA

Enquanto nos preparamos para concluir este capítulo, consideremos a próxima afirmação de Paulo nesta discussão sobre a graça. No versículo 15, ele continuou: "Dize estas coisas; exorta e repreende também com toda a autoridade. Ninguém te despreze". Com essas palavras, Paulo estava, em primeiro lugar, instruindo um pastor chamado Tito. Mas você e eu também

somos chamados a transmitir a palavra da graça, por meio de falar e exortar, especialmente, o nosso cônjuge. Quando seu cônjuge estiver lutando com algum problema, você poderia falar-lhe e exortá-lo com uma variação da seguinte afirmação:

> Querida, a graça de Deus se mostrou a você. Cristo tornou você uma parte do povo dEle. A graça de Deus lhe supre um poder espiritual perseverante e eficaz, que a educa a renunciar a impiedade e as paixões mundanas – neste exato momento, mesmo no decorrer desta provação! Deixe-me encorajá-la a lembrar e a agir de acordo com isso. Recorra à graça perseverante de Deus.

Com que freqüência você leva seu cônjuge de volta à graça de Deus? Quão regularmente você o faz lembrar que a graça de Deus está sempre trabalhando para nos educar e modificar? Não creio que eu faça isso de modo suficiente. Robert Murray M'Cheyne disse certa vez: "Cada vez que você olhar para si mesmo, olhe dez vezes para Cristo".[5] Para que isso aconteça, precisamos de ajuda. É fácil ter nossa perspectiva espiritual distorcida por prestarmos excessiva atenção ao que vemos em nosso íntimo. Como podemos ajudar uns aos outros? Eis quatro coisas que devemos ter em mente enquanto encorajamos nosso cônjuge na graça de Deus.

1. SEU CÔNJUGE É INCLINADO A DESVIAR-SE DA GRAÇA PARA O ESFORÇO PRÓPRIO.

Preciso fazer mais coisas, trabalhar mais, me esforçar mais. Somos como o executivo que não consegue delegar funções porque supõe que tem de fazer tudo sozinho, mas a sua saúde e surtos de exaustão contam a verdadeira história. O esforço próprio pode nos fazer sentir melhor em certo nível, mas, no final das contas, é fútil. Quando temos mais consciência das coisas que precisamos fazer do que da obra que Cristo já fez, estamos nos desviando – e isto não é incomum, especialmente no casamento.

Quanto ao seu casamento, entenda o seguinte: uma das principais razões por que Deus os uniu é a aplicação do ensino do versículo 15 – lembrar um ao outro o evangelho. Devo lembrar à minha esposa que ela precisa de Deus naquela situação ou conflito específico e que Ele tem um poder prontamente disponível para realizar a sua vontade. Esse é o tipo de exortação que Deus nos chama a realizar.

Eis algumas dicas práticas que você pode seguir:

• Pregue o evangelho para seu cônjuge.

Jerry Bridges disse: "Precisamos ouvir continuamente o evangelho, todos os dias de nossa vida cristã".[6] O único antídoto verdadeiro para o esforço próprio é sermos lembrados de quão impotente éramos para salvar a nós mesmos. O evangelho é o poder de Deus que opera toda mudança de vida (1Co 1.18).

• Encoraje a meditação sobre as riquezas do evangelho.

As nossas afeições seguem a nossa meditação. Por isso, é importante explorar os hábitos mentais, reconhecer rotinas mentais e fazer da verdade um foco regular. "A mente é a faculdade que conduz a alma. Quando a mente se fixa num objeto ou num curso de ação, a vontade e as afeições (o coração) seguem-na. Elas são incapazes de qualquer outra consideração... A função da mente é guiar, dirigir, escolher e liderar".[7]

• Encoraje-o a descansar em Deus quando a batalha é furiosa.

Jesus disse: "Vinde a mim, todos os que estais cansados e sobrecarregados, e eu vos aliviarei. Tomai sobre vós o meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração; e achareis descanso para a vossa alma" (Mt 11.28-29). Essa promessa de descanso não é como um cochilo ocasional ou como um dia de folga inesperado. É um lembrete de que aproximar-se de Cristo rejuvenesce continuamente a alma. Certifique-se de que seu cônjuge lembra-se disso!

A cultura secular nos diz que estamos no controle e que tudo cabe a nós. Isso é o oposto do que encontramos nas Escrituras. A Palavra de Deus destrói

essa maneira de pensar lembrando-nos o poder absoluto da graça de Deus. Ele nos chama, como Paulo chamou Timóteo, a fortificar-nos "na graça que está em Cristo Jesus" (2 Tm 2.1).

2. SEU CÔNJUGE PODE TER A TENDÊNCIA DE FICAR DESENCORAJADO.

Você é impaciente como eu no tocante ao ritmo em que a mudança acontece? É possível que seu cônjuge também o seja. Em nossa luta, todos somos vulneráveis ao desencorajamento. O conflito que parece não acabar ou o filho que não fala conosco há muito tempo e não está mudando – essas são oportunidades de exercitar e exemplificar a paciência, embora a mudança não aconteça de acordo com o nosso tempo. Nesses momentos, precisamos lembrar um ao outro que há graça perseverante para corrermos a carreira.

E se o seu cônjuge não vê progresso *algum*? Como podemos encorajar um ao outro de forma prática, quando o desencorajamento começa a aparecer?

- *Lembre ao seu cônjuge que Deus trabalha no interior, muito antes de a mudança tornar-se visível*. Uma semente pode estar crescendo, mesmo que não vejamos evidências de crescimento. Encoraje seu cônjuge a não subestimar a graça. Ela está agindo, quer vejamos, quer não.
- Celebre o que você vê, ainda que não seja algo relacionado diretamente à área da mudança desejada. A graça deve ser reconhecida e celebrada onde quer que ela se manifeste, na forma em que vier. Às vezes, a graça está trabalhando onde não esperamos. O marido que está lutando contra a concupiscência encontra graça para solucionar o seu hábito de comer demais ou, de repente, obtém o poder de dizer não à pornografia. A esposa crítica sai de sua zona de conforto para compartilhar o evangelho com um vizinho e vê seu deleite em Deus crescendo rapidamente. Não nos cabe ditar a maneira como a mudança deve acontecer; cumpre-nos ser gratos pela graça de Deus, onde quer que se manifeste.
- *Reveja a estratégia de mudança*. Se você é como eu, às vezes a estratégia

é: preocupar-se primeiro e orar depois. No entanto, Deus tem muito mais a nos oferecer! Sente-se com seu cônjuge e, juntos, discutam uma estratégia. Perguntem-se: "Que disciplinas espirituais podemos usar para resistir nesta área? A quem, em nossa igreja, podemos pedir que nos aconselhe e ore por nós?" Às vezes, a graça vem por meio de uma simples disposição de agir; e, quando ela vem, age decisivamente.

3. SEU CÔNJUGE PODE PERDER DE VISTA O ALVO PRINCIPAL.

Em nossas batalhas espirituais, podemos ficar tão dominados pela consciência de que estamos lutando para superar tendências específicas de pecado, que começamos a pensar que a vida cristã consiste apenas de lidar com o pecado. Isso é completamente errado. Sim, somos chamados a combater o pecado de modo mais eficaz. Mas tudo que fazemos neste mundo transitório serve como treinamento para o mundo permanente que está por vir. É fácil esquecermos essa perspectiva mais ampla.

Para nos lembrar o alvo principal da vida, não há ninguém mais adequado do que a pessoa que nos acompanha, nos laços do matrimônio, rumo a este mesmo alvo.

4. SEU CÔNJUGE DEVE SER DIRECIONADO NÃO SOMENTE À GRAÇA, MAS TAMBÉM ÀQUELE DE QUEM FLUI TODA GRAÇA.

Quando minha filha tinha aproximadamente quatro anos de idade, ela decidiu que estava pronta para pedalar sua bicicleta sem a ajuda das rodinhas. Minha esposa e eu festejamos aquele grande momento e a levamos a um estacionamento espaçoso e vazio. Tiramos a bicicleta de dentro do carro, removemos as rodinhas e colocamos nossa filha no assento. Ela estava rindo de tanta alegria. "Estou pronta", ela disse. Dei um empurrãozinho e comecei a dar instruções: "Você tem de pedalar, vá!", mas eu continuava segurando atrás do assento. Começamos a ir mais rápido, até que tive de correr para acompanhá-la. O tempo todo ela gritava: "Olhem para mim! Olhem para mim! Estou andando em minha bicicleta!", sem perceber que papai estava segurando-a.

Assim somos nós. Andamos pensando que somos a razão do progresso de nosso casamento. É possível que vivamos totalmente alheios ao fato de que o Pai está atrás de nós, uma mão divina no assento e outra no guidom. O casamento nos oferece a oportunidade de lembrar um ao outro o verdadeiro poder que está por trás de nosso progresso e direcionamento. Nosso cônjuge já ficou encantado com o seu próprio pedalar? É por isso que Deus nos deu um ao outro.

Algumas semanas atrás, Kimm e eu levamos as crianças para uma caminhada. Deveria ser um dia de ar puro e exercício entre as folhagens de outono. Em vez disso, o passeio tornou-se uma lembrança do tipo "Papai não consegue ler o mapa da trilha, então vamos andar à toa por horas". Minha família descobriu que, a fim de desfrutarem um dia de descanso, eu preciso ir para o trabalho.

Entretanto, durante aquilo tudo, numa interseção de trilhas desconhecida, em algum lugar lá no meio do mato, encontrei um intenso momento de graça. Quando o grupo percebeu que nossa localização era incerta, e mentes jovens começaram a ponderar sobre os sinalizadores e o racionamento de comida, Kimm anunciou, com um sorriso: "Isto é ótimo. Temos exercício extra e podemos ver mais trilhas".

Finalmente, achamos a saída, de algum modo. Mas eu não conseguia parar de pensar no comentário de Kimm – como ele nos levou para além do meu erro e nos fez ver o bem resultante. Lentamente, um sorriso espalhou-se pelo meu rosto. Quando um cônjuge transmite graça, nos movemos para além dos erros e a viagem torna-se divertida. É assim que as coisas devem ser quando pecadores dizem "Sim".

A graça – maravilhosa, perseverante – está nos ajudando, cada dia, a correr a carreira do renunciar, do viver, do esperar, do querer. Jane Austen talvez nunca tenha visto o valor dessa carreira, mas, no meio do mato, na Pensilvânia, numa trilha sem nome, eu o vi com certeza. Você também pode perceber o valor da graça? A graça de Deus se manifestou com um poder tão resoluto, que não permitirá que o pecado vença no final. Essas são notícias extraordinárias para a jornada do casamento.

9

Sobre Sexo

A essência daquilo que nos separa – sem rodeios

SEXO CHAMA A ATENÇÃO

Não lembro muitas coisas sobre o restaurante Dairy Queen, no meu bairro... exceto o QUADRO. Lá estava ele, pendurado provocantemente acima do balcão de atendimento, prendendo a atenção de cada adolescente que ia em busca de um *Blizzard*, o sorvete mais apreciado no Dairy Queen. Alguns quadros ensinam, outros advertem, e outros proíbem certas ações. Mas o título daquele quadro era muito atraente à nossa atenção. Dizia: "SOBRE SEXO". Passar perto daquele quadro poderia derreter o sorvete de qualquer menino adolescente.

Mas o título era só para chamar a atenção. O quadro não tinha nada a ver com sexo. Não descrevia nada mais do que uma lista de boas maneiras para os clientes. Inteligente. Apesar disso, toda vez que eu entrava naquele restaurante, imaginava que aquele quadro podia revelar algum segredo "sobre sexo". *Talvez eles tenham acrescentado uma informação nova*. Então, eu o lia mais uma vez. Agora, quando penso nisso, não sei se desejaria aprender algo sobre sexo num lugar onde tudo que vendem é gelado. Mas a realidade não pode ser mais clara: sexo chama a atenção.

Falar sobre sexo no casamento pode ser complicado. Contudo, os pontos fortes e os fracos de um casamento muitas vezes são mais óbvios no quarto do que em qualquer outro lugar. Eis uma frase que talvez você lembre do Capítulo 2: "Quando o pecado é amargo, o casamento torna-se doce". A qualidade do sexo pode ser uma coisa frágil. A sua doçura torna-se azeda facilmente pela

obra do pecado em nossa vida. Mas a graça inspira vida e fé em cada área vulnerável de nosso casamento – inclusive o sexo.

Não é necessário que nos preocupemos com diagramas ou descrições gráficas. Pretendo ser cuidadoso, pastoral e prático. Quero ajudá-lo a aplicar a Palavra de Deus nesta área. E ministrar esperança. Ainda que esta seja uma área de frustração, contenda ou desespero, Deus quer reacender a fé de seu casamento para uma experiência sexual mutuamente agradável. Deus criou o sexo para ser satisfatório dentro do casamento. Foi idéia dEle.

Quando eu era um menino que ia ao Dairy Queen, o sexo chamava atenção por todos os motivos errados. Mas, na Bíblia, o sexo no casamento exige atenção por motivos corretos. Como um magnífico presente outorgado por nosso Criador, o sexo é dado para ser celebrado. Todavia, o impacto deste notável presente não se limita a nós. Casamentos que são sexualmente satisfatórios levam à esfera pública certo brilho, uma demonstração perceptível de alegria e unidade que pode levar as pessoas ao Criador do casamento. Quando Deus nos fala "sobre sexo", vale realmente a pena considerar o que Ele diz.

UM QUEBRA-GELO BÍBLICO

Para começarmos a discussão, deixemos de lado nosso desconforto e ouçamos o que nosso Criador diz sobre este assunto. Quem quebrará o gelo? Paulo, o Teólogo do Tema Desconfortável, entra em cena. Mais uma vez, Deus usa este homem corajoso para nos falar sobre a graça numa área muito vulnerável. Eis o que Paulo escreveu em seu próprio quadro "SOBRE SEXO":

> *Quanto ao que me escrevestes, é bom que o homem não toque em mulher; mas, por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido. O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido. A mulher não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim o marido; e também, semelhantemente, o marido não tem poder sobre o seu próprio corpo, e sim a mulher. Não vos priveis um ao outro, salvo talvez por mútuo*

> *consentimento, por algum tempo, para vos dedicardes à oração e, novamente, vos ajuntardes, para que Satanás não vos tente por causa da incontinência (1Co. 7.1-5).*

Paulo não prescreveu essas ordens a uma igreja ou sociedade neutra quanto ao assunto de sexo. Como nunca foi o tipo de pessoa que ignora o elefante dentro da sala, Paulo falou na época de uma cultura conhecida por sua corrupção moral. Quando ele escreveu essas palavras, Corinto era mal-afamada devido a pecados sexuais. Na cultura grega, o verbo *corinthiazethai* chegou a representar imoralidade grave e devassidão resultante de bebedeira.[1] John MacArthur escreveu: "As pessoas depravadas sexualmente, as avarentas, enganadoras e idólatras às quais Paulo se referiu eram membros da igreja que se recusavam a abandonar essas práticas ou haviam retornado ao estilo de vida devasso de Corinto".[2] Essa igreja era um escândalo por causa de sua perversão. É claro que o sexo era muito popular... exceto, talvez, no casamento.

Entretanto, os problemas eram oportunidades para o grande apóstolo. Em vez de render-se à pressão de ignorar as "escolhas de estilo de vida" da igreja de Corinto, Paulo trouxe clareza ao assunto controverso da sexualidade. Colocou o sexo sob o gracioso interesse do Deus santo. Numa cultura de poligamia, homossexualidade, divórcios e tolerância sexual máxima, esse não foi um ajuste insignificante. Paulo se preocupava com o comportamento, mas o seu foco era o coração – o que verdadeiramente determina como reagimos ao sexo, dentro e fora do casamento. A leitura de 1Coríntios não deixa dúvida: Deus se preocupa com a sexualidade – e se preocupa muito com sua expressão correta e sua expressão incorreta. Já sabemos mais do que precisamos a respeito da segunda categoria. Está na hora de focalizarmos a primeira.

Usando as Escrituras para introduzir uma discussão honesta sobre a sexualidade no casamento, eu gostaria de apresentar uma variação do quadro SOBRE SEXO. Neste caso, o título é: "O SEXO NO CASAMENTO É UMA AVENTURA". Espero que isso chame a sua atenção e prometo desenvolvê-lo com um material mais relevante do que as dicas a respeito de ser um consumidor de fast-food consciente.

Quero discutir algumas implicações do sexo que creio têm suas raízes

no desafio de Paulo aos cristãos de Corinto – o desafio apresentado aos casais acerca dos direitos e das responsabilidades, das causas e dos efeitos, dos problemas e dos sucessos da intimidade. Nesta discussão, veremos a sexualidade no casamento como uma aventura de devoção, deleite e dependência.

VAMOS CONVERSAR

Ao final de cada seção, oferecerei algumas maneiras simples pelas quais você e seu cônjuge podem discutir o assunto abordado. Por quê? Bem, porque no casamento talvez não haja uma área sobre a qual as pessoas pensem mais e falem menos do que o sexo. Mas um casamento é um chamado à unidade – e unidade requer comunicação. Essa foi a razão por que R. C. Sproul escreveu: "A comunicação sobre a sexualidade no casamento é imperativa".[3] Embora talvez seja difícil para os casais começarem a dialogar sobre este assunto, cônjuges que têm se esforçado por discutir abertamente seus medos e expectativas quanto ao sexo descobrem uma vida amorosa mais rica, bem como um casamento mais intenso, mais confiante.

O SEXO NO CASAMENTO É UMA AVENTURA DE DEVOÇÃO

A menção da palavra "devoção" no contexto do sexo talvez lhe pareça estranha. ("É claro que ele falará sobre ser dedicado ao sexo. Ele é um homem, não é?") No entanto, por favor, acompanhe meu raciocínio até ao fim. Quando falo em devoção, isso não significa uma mentalidade insensata, cumpridora de deveres, tal como "meu cônjuge precisa mesmo disso, acho melhor suprir-lhe esta necessidade". O meu objetivo é o mesmo de Paulo: colocar em ordem algumas idéias básicas que temos sobre sexo.

Devoção à proteção mútua

Em 1Coríntios 7.2, Paulo descreve o propósito protetor do sexo no casamento: "Por causa da impureza, cada um tenha a sua própria esposa, e cada uma, o seu próprio marido".

Para o cristão, o sexo no casamento é uma defesa estabelecida por Deus contra a tentação. O nosso mundo é como Corinto – está sempre apregoando o sexo fora do casamento, como se o sexo oferecesse nada mais do que prazer e aventura ilícitos. Os maridos são alvo da indústria pornográfica que tem à sua disposição milhões de websites e spams reprogramados constantemente para passar pelos filtros de e-mail e firewalls.[4] Editores e produtores têm em mira as esposas quando produzem em grande quantidade, com rapidez, novos romances e novelas. Vivemos numa sociedade obcecada por sexo – isso é indiscutível. O modo como a sociedade se deleita na lascívia muda de cultura a cultura, mas a tentação é universal – e potencialmente avassaladora.

Como os cristãos casados podem ser protegidos desse ataque sexual crescente e violento? Por meio da fiel provisão de Deus no casamento – a sua proteção dorme ao seu lado, todas as noites. O casamento existe por muitas razões maravilhosas, algumas misteriosas e algumas intensamente práticas. Essa questão de proteção é intensamente prática. Nosso cônjuge é a primeira linha de defesa contra os convites de Corinto.

A maioria dos casais que tem uma vida sexual saudável não sabe que seu relacionamento físico trabalha silenciosa mas poderosamente contra a tentação sexual. Recentemente, o cano de escapamento de nosso carro quebrou. Nunca penso nele. Tampouco lembro de agradecer a Deus pelo cano de escapamento. Ele fica lá, sob o carro, desempenhando silenciosamente a sua mágica sutil, protegendo-nos de vapores prejudiciais e de um barulho horrível. Entretanto, quando ele quebra, todos percebem, e dirigir torna-se uma experiência diferente. Apertar o acelerador produz uma série de barulhos abomináveis. As pessoas olham para você de um jeito engraçado nos estacionamentos. Quando você pára num sinal que demora a abrir, surge o espectro de toda a família sofrendo envenenamento por monóxido de carbono. Um cano de escapamento em ótimo estado trabalha silenciosa mas poderosamente para nos proteger de alguns problemas sérios.

No casamento, o sexo protege. Age de modo invisível mas poderoso para diminuir a tentação da imoralidade sexual. Precisamos reconhecer que essa proteção moral não é somente um resultado prazeroso da intimidade conjugal. É a razão central dessa intimidade.

O sexo matrimonial (que glorifica a Deus, honra o casamento e satisfaz os cônjuges) existe em parte para evitar o adultério (que insulta a Deus, trai o casamento e humilha os cônjuges). Quando privamos nosso cônjuge da aventura da devoção sexual, nós o deixamos desprotegido, sujeito a tentações físicas e emocionais que podem tornar o casamento vulnerável a ações e hábitos destrutivos. Em nossa cultura de auto-satisfação, esse aspecto protetor da intimidade sexual foi obscurecido por um foco no prazer sexual. Mas a Bíblia não separa proteção de prazer. Ambas são expressadas na sabedoria do relacionamento sexual no casamento.

VAMOS CONVERSAR

Você tem uma compreensão básica do que pode levar seu cônjuge a enfrentar a tentação de intimidade física ou emocional fora de seu casamento? Homens, a sua esposa tem consciência de como seus olhos podem ser tentados na praia? Mulheres, o seu esposo está ciente de como filmes e shows românticos podem tentá-la a sentir desgosto em seu casamento? Todos temos vulnerabilidades e devemos auxiliar um ao outro em resistir-lhes e batalhar contra elas. Conversemos sobre a tentação.

Devoção aos direitos mútuos

No versículo 3, Paulo continua: "O marido conceda à esposa o que lhe é devido, e também, semelhantemente, a esposa, ao seu marido". O versículo 4 nos dá a razão: não pertencemos a nós mesmos.

Só podemos imaginar como essas idéias atingiram os coríntios: o sexo começa e termina com um esposo e uma esposa; cada um tem direito sobre o outro; nosso corpo não é nosso... UAU! Que ignorância! Para uma cultura que viu a satisfação desenfreada do prazer pessoal como algo normal e como uma virtude, reconhecer o valor dos "direitos do corpo" de outra pessoa como essencial ao casamento monógamo deve ter parecido absurdo.

Mas o casamento torna-se uma aventura por salientar a natureza de nossa união centralizada no outro. O casamento significa que nosso corpo

é reivindicado por Deus para agradar e servir a outra pessoa. Nossa ligação é tão abrangente que Deus dá ao nosso cônjuge direito sobre nosso corpo. Isso é um quadro notável do escopo de "tornarem-se os dois uma só carne". Somos chamados por Deus a nos tornamos devotados a satisfazer sexualmente nosso cônjuge.

Façamos uma pausa e analisemos nosso coração. Reconheço que haverá alguns leitores que não podem imaginar o tipo de relacionamento físico que Paulo indica. Para você, a intimidade com seu cônjuge pode ser entrelaçada com um senso de apreensão, rejeição ou vergonha. Esse é um desafio real em muitos casamentos e não pode ser ignorado.[5] Mas não pensemos agora nesse problema. Reflitamos primeiro sobre a realidade do que Deus tem reservado para nós. A visão de Deus para nossa vida sexual é maravilhosa e extasiante. Antes de podermos vivê-la plenamente, devemos tentar entender e experimentá-la.

É claro que, como filhos de Deus, somos responsáveis por viver de acordo com suas palavras. Como filhos de Deus *casados*, somos responsáveis também por ordenar nosso *casamento* de acordo com as palavras dEle. Ou seja, temos uma vida dedicada a Deus por vivermos devotados aos outros. No casamento, ninguém é mais importante do que seu cônjuge. Paulo toma o assunto bíblico do servir e aplica-o à intimidade sexual. Ao fazer isso, ele nos lembra que servimos ao nosso cônjuge com nossa sexualidade de duas maneiras: proteção da tentação sexual e concessão de direitos conjugais.

VAMOS CONVERSAR

Muitos casais têm lutas referentes à freqüência do sexo, tendo cada cônjuge expectativas diferentes sobre como deveria ser uma vida sexual satisfatória. Conversem sobre quais seriam seus ideais particulares de freqüência – vejam quão próximos estão um do outro. Falem sobre as distrações ou desencorajamentos que podem tornar o sexo um pensamento secundário, e não uma prioridade para vocês. Busquem, como objetivo comum, organizar seu horário e ambiente de modo que possam, com fidelidade, dar-se aos "direitos conjugais" um do outro.

O SEXO NO CASAMENTO É UMA AVENTURA DE DELEITE

Enquanto escrevo este capítulo, falta aproximadamente uma semana para o Natal, e estou ansioso pela distribuição de presentes que nossa família realiza nas manhãs de Natal. Quando eu era criança, esperava o Natal com uma obsessão, anelando muito pelos presentes que eu receberia e pela aventura de abrir todas as maravilhosas coisas novas. Mas a minha perspectiva mudou no decurso dos anos. Em algum momento (não tenho certeza quando isso aconteceu), descobri que é melhor dar do que receber. Ao mesmo tempo que sou grato pelos presentes que minha família me dá, o meu maior deleite e aquilo pelo que mais espero no Natal está em trazer alegria à minha esposa e aos meus filhos – ser um esposo e pai que abençoa a família simplesmente pelo prazer que isso lhes causa.

Isso também é uma realidade fundamental do casamento. A intenção de Deus é que *nossa* maior alegria no casamento resulte de sermos uma fonte primária de alegria *para o nosso cônjuge*. John Piper disse: "A razão por que há tanta infelicidade no casamento não é que esposos e esposas buscam seu próprio prazer, e sim que eles não o buscam no prazer de seu cônjuge".[6] Deus designou o relacionamento sexual como uma expressão essencial dessa realidade; pois, quando o sexo acontece no seu melhor, o meu deleite e satisfação no sexo são quase indistinguíveis daqueles que meu cônjuge experimenta. A satisfação do sexo está no prazer resultante de conceder ao cônjuge seus direitos conjugais. Observe que Paulo não enfatiza o obter *de* nosso cônjuge *nossos* direitos conjugais. Em vez disso, ao enfatizar a concessão desses direitos um ao outro, Paulo identifica a generosidade como a chave do sexo excelente.

Sabe o que torna isso uma aventura real? A maioria de nós entra no casamento completamente despreparado para ele. Não importa qual tenha sido a nossa experiência anterior, recém-casados devem chegar à noite de núpcias vendo-se a si mesmos como principiantes na aventura do sexo bíblico. De maneira ideal, o relacionamento sexual no casamento torna-se um processo de descobrir como deleitar o cônjuge com meu corpo. E sabe uma coisa? A aventura permanece durante todo o tempo em que ambos forem vivos. Não é alterada pelos filhos, pela idade ou corpos que perderam seus contornos anteriores.

C. J. Mahaney disse: "De fato, qualquer pessoa casada que entende esses versículos como mandamentos de Deus trará ao leito nupcial uma mentalidade que coloca a ênfase primária na satisfação sexual do cônjuge".[7] Isso é uma parte daquilo que torna o casamento prazeroso – a alegria de viver para outra pessoa, e não para nós mesmos.

O egocentrismo no que diz respeito ao sexo, incluindo o privarem-se um ao outro (como Paulo advertiu os coríntios), é comum porque, sem a ação da graça, somos egocêntricos em tudo que fazemos. Mas há outro caminho à nossa disposição. Se você está privando seu cônjuge de intimidade ou se comporta de modo egoísta na vida íntima com seu cônjuge, Deus quer chamar a sua atenção, pois tem algo muito melhor para você. Muitos de nós nos afastamos quando somos feridos; ou, quando desencorajados, nos afastamos ou somos tentados a manipular nosso cônjuge usando o corpo como instrumento de barganha. Podemos ser tentados pelo "sexo solo" – fantasias, pornografia e/ou masturbação. Essas tentações são comuns, mas não estão, de modo algum, fora do alcance da graça de Deus. Ele sempre provê um livramento de qualquer tentação (1Co 10.13). E, para os casados, o caminho do livramento da tentação sexual conduz, eventual e inevitavelmente, ao seu cônjuge.

Sabe uma coisa? Se os cônjuges estão comprometidos com o prazer um do outro, ninguém dormirá desapontado. Não tenho de me preocupar com obter o que é *meu*, pois o meu cônjuge já está pensando em formas agradáveis de desfrutarmos o que Deus *nos* deu. E, quando os cônjuges têm o intento de obter seu prazer por serem um deleite... bem, nada pode ser melhor do que isso!

Afastei-me do sentido destas palavras de Paulo dirigidas aos coríntios? Creio que não. Ele poderia ter dito algo diferente, como: "Pessoal, essa coisa de sexo é complicada demais para lidarem com ela sem pecado, vocês precisam encontrar um meio de minimizar a influência dele no casamento". Paulo diz o oposto e une os cônjuges especificamente para a prática do sexo!

Pense sobre a graça que flui dessa passagem. Deus se preocupa tanto conosco que oferece sua amorosa orientação até para os aspectos mais íntimos da vida. A sabedoria dEle não se esgota nas coisas grandiosas como a administração do universo. Deus vem até à criação, nos alcança em nosso quarto e diz: "Podemos conversar sobre sua vida sexual com seu cônjuge? Vejamos se ela se

realiza como eu a designei, porque desejo que vocês se deleitem um no outro!" Deus se preocupa com essas coisas e nos oferece a graça de desfrutarmos plenamente a aventura do deleite conjugal mútuo.

A alegria que resulta de agradarmos nosso cônjuge é uma das razões por que o sexo nunca foi designado para ser uma busca individual. O sexo bíblico, com a sua ação de servir alegremente e a intimidade incomparável que dele resulta, é uma expressão gloriosa daquilo que Deus planejou que sejamos – homem e mulher, criados à imagem de Deus para desfrutarem a intimidade de um relacionamento em sua expressão mais profunda. É um dom que eu posso desfrutar em qualquer dia!

VAMOS CONVERSAR

Você já compartilhou abertamente com seu cônjuge o que lhe dá prazer? Há algo em seu relacionamento sexual que inibe seu prazer ou é desagradável? Reconheça que as preferências sexuais são como apetites alimentares, ou seja, ninguém é exatamente igual. No começo pode ser difícil, porém, quanto mais capaz de ser graciosamente sincero em discutir aquilo de que você gosta, tanto mais ensinará seu cônjuge e ajudará ambos a desfrutarem cada vez mais o tempo em que estão juntos.

O SEXO NO CASAMENTO É UMA AVENTURA DE DEPENDÊNCIA

Embora o prazer no sexo deva ser o transbordamento do amor, no casamento cristão, nem todo encontro será acompanhado de exultação ou competirá com lista de dez momentos mais românticos. Aventura implica descoberta, e, enredado na própria natureza da descoberta, existe um elemento de imprevisibilidade.

Certa vez, Kimm e eu combinamos uma fuga romântica a um resort serrano. Vestidos em alto estilo, chegamos lá com uma expectativa feliz de um jantar romântico para dois. Quando a recepcionista nos mostrou nossa mesa, percebemos que outros quatro casais já estavam sentados... em nossa mesa! Imaginem só que aventura. Sentei perto de um homem que, por alguma razão,

pensava que eu necessitava de uma narração completa da história de sua vida. Acredito em evangelismo como uma vocação da vida, mas aquele homem estava seriamente errado a respeito de minha missão naquela noite. Kimm e eu nos acostumamos com essas pequenas distrações de nossas buscas por momentos românticos – os engarrafamentos, que tornam a ida a um concerto como uma aventura de alta velocidade; as ligações que as babás fazem dizendo coisas assim: "Nunca vi um bebê vomitar tanto". Você sabe o que estou falando. Costumávamos nos perguntar se Deus era contra o romantismo. Agora sabemos que Ele gosta de criar histórias engraçadas junto com o romantismo.

No nível dos simples detalhes diários, o casamento é, em si mesmo, uma aventura. Adicione sexo e romance, e o casamento se torna uma busca épica. Para ter sucesso nessa jornada vitalícia devemos entender que Deus é mais do que um padrão reconfortante ou um guia útil. Ele é o centro, Aquele em quem "vivemos, e nos movemos, e existimos" (At 17.28). Somos chamados a depender dEle em cada momento e cada área – incluindo nossa vida sexual.

Uma das primeiras coisas que aprendemos sobre sexo no casamento é a sua fragilidade. Cedo, no casamento, muitos casais que "ardiam" de expectativa pelo êxtase nupcial noturno descobrem que o sexo pode facilmente ceder o lugar às pressões e às distrações da vida. Você conhece o inventário: agenda sobrecarregada de trabalho, a lista de afazeres, assuntos de saúde, estresse, distância no relacionamento, as "mesmas velhas" rotinas no quarto, disfunções físicas – são apenas algumas das razões mais comuns pelas quais o sexo pode se tornar um competidor que não consegue lugar prioritário no casamento.

Oh! sim... filhos. Quase esqueci. Ser pai ou mãe nos faz sentir menos amantes.

Mas a Palavra de Deus fala conosco, pessoas reais, na vida real – e não personagens de filmes românticos ou "atletas do sexo". As Escrituras trazem sabedoria perfeita à experiência diária do casamento, no qual pessoas têm problemas concretos e precisam de ajuda prática de um Deus verdadeiro. Isso é uma coisa boa porque o sexo, como você talvez saiba, pode complicar as coisas, particularmente quando as "coisas" no casamento não estão indo muito bem. Nessas ocasiões, precisamos da ajuda especial de Deus para nos guiar, nas divergências, até à raiz do problema.

Durante vários anos tivemos um forno que não se decidia. Uma vez Kimm o programou para 550 graus, e demorou horas para a comida ficar pronta. No dia seguinte, para assar um peru, ela o colocou em forno baixo, mas em trinta minutos o peru quase virou carvão. O jantar sempre era uma aventura. Descobrimos que o problema não estava no seletor de potência, e sim na parte interna. Achar a raiz de um problema é importante quando fazemos o jantar, mas é absolutamente crucial quando tentamos entender os problemas que nos afastam no casamento. Às vezes, técnicas e idéias novas podem ajudar, mas você pode surpreender-se ao descobrir que a maioria dos problemas sexuais de pessoas casadas têm sua raízes no coração. Vale a pena dedicar tempo para descobrir esses problemas. Assim como o fizemos com nosso forno, o casal sábio examina o interior de seu relacionamento, quando a temperatura torna-se um problema.

Consideremos agora a apatia, a incredulidade e a amargura, três pecados comuns que podem roubar a doçura do relacionamento sexual no casamento.

APATIA

A apatia é uma assassina do romance. Até a palavra esfria o ar. Ao empregar o termo *apatia*, refiro-me simplesmente à preguiça no que diz respeito à intimidade conjugal. Os frutos mais comuns dessa condição do coração são passividade e indiferença. Deixamos de preocupar-nos com nossa aparência. Conformamo-nos com a monotonia da vida a dois naquele quarto. Toleramos a falta de desejo sexual e deixamos sempre que o outro tome toda a iniciativa.

Às vezes, a apatia sexual decorre de ficar ocupado com as coisas erradas. Um homem que trabalha regularmente durante muitas horas pode tornar-se indiferente em suas escolhas a respeito de como aplicará seu tempo e energias, não deixando espaço para o romance com sua esposa. Por que o trabalho árduo pode significar apatia na relação íntima? Porque um marido crente é chamado a assegurar que sua esposa esteja recebendo dele, freqüentemente, um tratamento romântico. Se o romance e a intimidade estão sendo preteridos, ele precisa tomar a decisão que pode ser a mais difícil: colocar o trabalho de lado e dedicar-se à sua esposa.

O livro de Provérbios ilustra um atributo central da pessoa indolente, "preguiçosa" na linguagem da sabedoria: "Como a porta se revolve nos seus gonzos, assim, o preguiçoso, no seu leito" (Pv 26.14). Este é um quadro tragicamente cômico de alguém que rejeita a responsabilidade a favor da comodidade. Você e seu cônjuge rejeitam um ao outro quando se trata de sexo, porque parece não valer a pena gastar tempo ou energia nisso? Não dependa de si mesmo. Volte-se para Deus e dependa do poder dEle para avivar seu desejo e fortalecer sua decisão de superar os efeitos destruidores da apatia no sexo.

INCREDULIDADE

Este capítulo é dedicado a reforçar a crença nas promessas de Deus para o relacionamento sexual no casamento. Mas, quando permitimos que a incredulidade prenda suas raízes em nosso coração, começamos a acreditar em suas mentiras. "Não consigo gostar de sexo." "As coisas nunca mudarão." "O passado sempre me incomodará." "Não consigo corresponder às expectativas dele." "Não consigo agradá-la."

Ou talvez as mentiras sejam direcionadas ao seu cônjuge. "Você não me entende." "Você não pode satisfazer as minhas necessidades." "Você não sabe o que é ter sido criado em minha família." "Você não entende que, quando me toca, penso nele me tocando." "Você não pode entender toda a bagagem que trago comigo."

Não estou falando dos questionamentos e dúvidas normais que enfrentamos em tempos de dificuldade. Estou falando de uma abordagem do sexo que diz, na verdade, que ele está fora do alcance de Deus; pois, quer essas mentiras aconteçam de forma verbal, quer não, cada uma delas aponta, em última análise, para o céu. "Deus não pode responder essa oração." "As suas promessas não se aplicam à minha situação." "Deus não pode mudar o meu desejo." "Não posso confiar em Deus." "A graça não chega até aqui."

Irmãos e irmãs, esse tipo de incredulidade é devastador não só para a nossa vida sexual, mas também para toda a nossa vida espiritual. Ela duvida da própria natureza de Deus (Hb 11.6) e coloca a nossa pessoa frágil e inconsistente no centro da realidade.

Também há outro tipo de incredulidade menos blasfema, mas igualmente séria e prejudicial. É uma incredulidade que diz: "Acho que Deus pode ajudar-nos em nossa vida sexual, mas não imagino que Ele se importe muito com isso". Tenho fé quanto às finanças? Claro. Tenho fé para testemunhar? Pode apostar que sim. Tenho fé no que diz respeito ao meu trabalho? Sem problema. No entanto, a fé no tocante à intimidade sexual pode parecer egoísta ou frívola. Eu não deveria estar comprometido com Deus num assunto mais espiritual? Acho que temos andado por áreas aonde Deus prefere não ir.

Devemos combater essas duas formas de incredulidade por dependermos do que Deus tem revelado sobre si mesmo em sua Palavra. As Escrituras nos dizem que servimos a um Deus onipotente e soberano, que vê o sexo como central e vital para o relacionamento mais íntimo que duas pessoas podem ter.

AMARGURA

A amargura difere da incredulidade simplesmente na intensidade e na profundidade – no grau – de sua rebelião. Como meu amigo Andy Farmer ressaltou, as duas são distintas simplesmente pela diferença que existe entre "Não posso fazer isso" e "Não farei isso". A incredulidade diz: "Não posso fazer isso", enquanto a amargura diz: "Não farei isso". A incredulidade diz ao cônjuge: "Você não consegue mudar", e a amargura declara: "Você não vai mudar". A incredulidade afirma: "Deus não pode realizar o que eu gosto ou não gosto", enquanto a amargura diz: "Deus não o realizará".

A incredulidade se afasta das promessas de Deus; a amargura fecha a porta às promessas. "Você me defraudou, portanto não confiarei em você." "Você não teve autocontrole antes de casarmos, e não o terá depois."

A amargura é uma das causas mais comuns de negligência em relação ao sexo. A amargura brota da raiva e dos conflitos não resolvidos e se torna rapidamente uma erva daninha que sufoca a intimidade. Casais amargurados usam seu corpo como arma, arma que machuca por evitar. Essa arma é usada para punir o outro por ter pecado contra nós. Isso requer perdão.

Apatia, incredulidade e amargura são pecados comuns, mas sérios, que negam a verdade do evangelho. Quando rejeitamos a verdade de Deus e acolhemos mentiras, nosso casamento e nossa fé sofrem juntos. Mas não precisamos, nem devemos tolerar esses padrões de pecado entorpecentes. Em vez disso, devemos procurá-los em nós mesmos e admiti-los sempre que os acharmos. Devemos suplicar o perdão de Deus e buscar o poder para nos arrependermos e mudarmos.

DEPENDÊNCIA DIÁRIA: QUANDO PECADORES CORTEJAM

A aventura da dependência não é apenas a graça de dizer não às coisas que impedem nossa intimidade; é a graça de criar um ambiente em que a intimidade sexual flui do romantismo. Esse tipo de dependência alicerçada na graça não ocorre com uma previsibilidade do tipo "flores no dia dos namorados, um jantar no aniversário". Também não ocorre nas grandiosas, caras e infreqüentes expressões de reconhecimento. A aventura da dependência é uma oportunidade diária de amar nosso cônjuge com a atenção criativa que diz: "Você é mais importante para mim do que qualquer outra pessoa".

Talvez você conheça esta história: um homem perguntou a sua esposa o que ela gostaria de receber como presente de aniversário. Ela respondeu saudosamente: "Gostaria muito de ser menor outra vez". Na manhã do aniversário, ele acordou cedo e preparou uma tigela do cereal que ela mais gostava quando criança. Então, logo depois, levou a aniversariante a um parque de diversões onde tiveram um dia indescritível. Algodão doce, cachorros-quentes, montanha russa, tirolesa – tudo que havia disponível. O parque a deixou tonta, ela andava pesadamente e sentia náusea. Ao sair de lá, ele a levou a um McDonald's, para comerem um McLanche Feliz, com batatas fritas extras e um refrescante McShake de chocolate. A seguir, foram ao cinema assistir ao mais novo lançamento e, é claro, comeram M&M's, pipoca, tudo a que tinham direito.

Ao final do dia, sua esposa chegou em casa cambaleante e caiu exausta na cama. Ele, à porta, com um sorriso largo, disse: "Bem, querida, como foi ser criança de novo?" As únicas palavras que ela murmurou foram estas: "Estava me referindo ao tamanho das roupas que eu gostaria de usar".

Mulheres, acreditem em mim, se vocês não viveram uma experiência semelhante a essa, em que o marido tem uma iniciativa mal orientada, é provável que ainda passarão por isso. Gosto dessa história porque ela mostra um homem que *faz algo criativo* para galantear sua esposa. No que diz respeito ao esposo e à esposa, a aventura da dependência leva inevitavelmente à aventura do investimento criativo.

Para aqueles que gostam de poucas coisas, além de um dia perfeitamente planejado e previsível, a palavra criatividade pode causar arrepios. Mas não estamos falando de pintar uma paisagem ou escrever uma sonata. Quando se trata de nosso casamento, devemos pensar em criatividade apenas como uma obra inspirada por fé, uma conseqüência natural da crença de que Deus se preocupa com o casamento e quer ajudar-nos a melhorá-lo. O que importa não é quão naturalmente criativos ou imaginativos somos, mas se estamos dependendo verdadeiramente de Deus no que se refere ao progresso de nosso casamento. Como Gary e Betsy Ricucci escreveram: "Não existem peritos em romance ou profissionais da paixão. O romance deve ser praticado continuamente, como uma arte".[8]

Tive o privilégio de crescer na fé ao lado de algumas pessoas surpreendentemente dotadas e diria que são poucas as pessoas a quem idéias românticas e criativas ocorrem espontaneamente. A maioria das pessoas que sei estarem buscando romance e intimidade em seu casamento gastam tempo planejando, fazendo perguntas e investigando o que é romântico para seu cônjuge. Elas não supõem que já possuem todas as respostas. Assim como acontece a qualquer obra artística, há mais idéias descartadas do que obras-primas. Mas para conseguir uma obra-prima, você deve se dispor a trabalhar a criatividade. Garanto que, se você encontrar alguém que é realmente bom em tratar seu cônjuge com romantismo, talvez não estará testemunhando algo natural a essa pessoa. O que você terá diante de si é alguém que desenvolve a criatividade e faz um planejamento cuidadoso parecer fácil. Essa, meus amigos, é uma arte que vale a pena buscar.

O sexo excelente no casamento resulta de uma dependência consciente da bondade e da soberania de Deus, que trabalha poderosamente para tornar nosso casamento uma fonte de alegria espiritual e física.

VAMOS CONVERSAR

Pergunte ao seu cônjuge se ele tem consciência de que a apatia, a incredulidade ou a amargura são obstáculos potenciais a uma vida sexual que glorifica a Deus. Se esse é o caso, separe tempo para conversar sobre isso tendo em vista confessar qualquer pecado, pedir perdão, perdoar e andar em reconciliação. Além disso, pense em expressar sua dependência de Deus quanto a essa área de sua vida, orando juntos sobre o assunto. Ora, alguns de vocês talvez vejam isso como um tremendo choque mental – oração e sexo ao mesmo tempo? Mas, conforme temos visto, o sexo é um presente de Deus, que deve ser recebido com gratidão e administrado com fidelidade. Então, a oração pode ser uma parte totalmente apropriada de sua vida sexual, um ingrediente que está faltando.

DEPENDÊNCIA DIÁRIA: QUANDO PECADORES DIZEM "UAU!"

Neste capítulo, minha expectativa era apresentar a sensível discussão do sexo à luz da esperança do evangelho, a esfera em que o assunto deve ser tratado. De certo modo, estava levando-nos de volta ao casamento original, quando Deus colocou Adão e Eva juntos, para ajudarem um ao outro em áreas que iam além da obrigação de cuidarem do jardim. Já foi muito bem argumentado que a resposta de Adão, quando viu Eva pela primeira vez, poderia ser traduzida por "Uau!" A resposta de Adão nos diz muito a respeito da alegria do sexo como algo que Deus criou para acontecer entre um esposo e uma esposa na aliança do casamento. A maldição levou embora o "Uau!" e nos deixou o "Ai!"

Louvado seja Deus, o evangelho desfez a maldição do pecado e proveu aos pecadores que dizem "Sim" um retorno do "Ai!" para o "Uau!" Não importa onde estamos em nosso casamento, comecemos a trabalhar juntos para essa finalidade. Antecipemos o dia em que o quadro que colocaremos acima do nosso leito será: Sobre Sexo?... UAU!

10

Quando Pecadores Dizem Adeus

O tempo, o envelhecimento e a nossa gloriosa esperança

Escrevo este capítulo certo de que, se você chegou até aqui, gastou algum tempo pensando em coisas sobre as quais talvez nunca pensou antes. Talvez você tenha a mesma sensação que eu tenho: estamos percorrendo caminhos pelos quais poucas pessoas andam. Subimos juntos o atordoante caminho da doutrina e entramos nas sombrias profundezas da auto-análise. Nosso caminho nos conduziu às amplas campinas da misericórdia e da graça, bem como aos árduos terrenos da confissão e do perdão. Minha maior esperança é que, por onde quer que tenhamos andado, não tenhamos deixado de contemplar a cruz – o único indicador seguro para o casamento, quando pecadores dizem "Sim". Antes de terminarmos, gostaria de levá-lo a mais um passeio, talvez a um lugar que pode surpreendê-lo.

De modo estranho, os cemitérios sempre fizeram parte de minha vida. Quando era criança e fugia da supervisão dos adultos, eu e meus amigos nos escondíamos num cemitério que ficava perto de nossa casa, enquanto passava a raiva por causa de nossas trapaças. Mais tarde, Kimm e eu moramos próximo a um cemitério. Na maioria das vezes, as pessoas não têm encontros em lugares assim. Não há área para piquenique; não há playground, nem filial da Starbucks. Você só vai lá quando tem de ir. Eu costumava andar com nossos filhos pelos arredores de nossa vizinhança tranqüila, no cemitério amplo e calmo, de modo que podíamos olhar as lápides juntos. Isso talvez pareça um modo estranho de passar um tempo de comunhão com os filhos, mas eu queria convencê-los de que o hoje é importante, porque não temos certeza do amanhã. Até as crianças precisam aprender sobre a brevidade da vida.

Às vezes, quando estou no cemitério, vejo pares de lápides em que uma lápide é igual à outra, sendo que uma delas ainda está em branco. Então, paro e penso que a história do casamento está ilustrada ali. Nos olhos de minha mente, vejo um jovem casal inebriado de romance, de pé, no altar, com olhar expressivo... depois os vejo segurando um bebê recém-nascido e mais outro... memórias e imagens de uma vida juntos. Agora um cônjuge jaz aqui, o outro está sozinho.

Mas, espere um pouco – antes de jogar este livro num canto qualquer, resmungando: "Os outros capítulos foram bons, mas este está ficando deprimente", ouça-me. Sofrer a conseqüência inevitável do pecado de Adão – a morte – é uma parte da vida neste mundo caído. Os estudos são conclusivos. Dos que nascem, todos morrem. Não há situações especiais, e ninguém está isento. (É claro que estou excluindo Enoque e Elias. Entretanto, se ninguém mais – Isaías, João Batista, os doze apóstolos, Paulo – livrou-se da morte, você e eu não somos exatamente os candidatos mais fortes a não passarem pela morte.)

De fato, as Escrituras propõem um alvo antiquado para os crentes: Deus quer que morramos bem. Isso não tem qualquer relação com o planejarmos o testamento. Refere-se à nossa alma: se ela está, por meio da santificação, preparada para a inevitável realidade da morte. A natureza da cultura ocidental, escapista, obcecada por juventude, que não aceita sofrimento algum, é uma anomalia na história da humanidade. Nessa cultura, a preparação para a morte parece mórbida. Mas, em toda a História e na maior parte do mundo contemporâneo, a morte sempre fez parte da vida e sempre foi digna de atenção. Os puritanos, em sua admirável perspectiva que dizia: "Coloquemos a Deus em cada momento", viam o casamento não somente como uma grande maneira de viver, mas também como um campo de treinamento para o que estava por vir. O pastor Richard Baxter julgava que este era um dos alvos do casamento: "Preparar um ao outro para a chegada da morte e confortar um ao outro nas esperanças de vida eterna".[1]

É claro que raramente a morte chega ao mesmo tempo para o esposo e a esposa. Você e seu cônjuge foram unidos ao outro, mas provavelmente não partirão juntos. Como D. A. Carson nos diz prudentemente: "Tudo que temos de fazer é viver bastante, até sermos entristecidos pela perda de parentes".[2]

Ele tinha um objetivo em dizer isso. E como reagiremos quando acon-

tecer o "até que a morte nos separe"? No Salmo 90, Moisés orou: "Os dias da nossa vida sobem a setenta anos ou, em havendo vigor, a oitenta... tudo passa rapidamente, e nós voamos". Moisés entendeu que o tempo passa rápido e, com ele, se vão o nosso marido, a nossa esposa e o nosso casamento. A nossa visão do casamento ignora ou admite essa realidade inevitável?

PECADORES DIZEM "SIM" PARA O TEMPO DA VELHICE

Cresci praticando esportes. Na verdade, eu gostava muito de esportes. Mesmo quando mais velho, corri, regularmente, por anos. Agora tenho dificuldades no joelho e nas costas. Eles são como gangue de rua entre meus membros, desafiando-me a fazer um movimento errado, a fim de acabarem comigo. Embora meu orgulho odeie admitir, este corpo está decaindo. Então, agora, em vez de correr, eu ando (não muito, como uma façanha atlética da qual possa gabar-me no escritório). Pergunto-me se essa situação se encaminha a um ponto em que, por exercício, apenas me arrastarei.

Acredito que Paulo poderia identificar-se comigo neste aspecto. Ele encorajou os cristãos de Corinto, dizendo: "Por isso, não desanimamos; pelo contrário, mesmo que o nosso homem exterior se corrompa, contudo, o nosso homem interior se renova de dia em dia" (2Co 4.16). Ao descrever a si mesmo, Paulo nos oferece um diagnóstico preciso. Essa corrupção inevitável procede de nosso antepassado Adão, cujo afastamento de Deus para uma atitude de auto-suficiência nos condenou ao destino físico universal de vir do pó e retornar ao pó. A vida envolve decadência física. A única questão é quando reconhecemos isso.

Mas Paulo reveste essa realidade física com a radiante verdade do evangelho. A decadência do corpo não é a única coisa que está acontecendo. Também estamos sendo renovados gloriosamente desde o interior. Você sabe, o novo nascimento, o conceito bíblico da regeneração, não é semelhante ao velho nascimento. No que se refere ao velho nascimento, o nascimento físico, começamos a morrer logo que saímos do ventre. No novo nascimento espiritual, a vida de Deus vivifica a nossa alma morta em pecado, e o processo é revertido. Na verdade, ficamos *melhores* à medida que o tempo passa!

O que acontece espiritualmente dentro de nós é impressionante. Nossa alma está sendo preparada para a eternidade com Deus. Essa foi a razão por que Paulo disse que não devemos desanimar. Com certeza, no que diz respeito à vida física, as coisas não são grandiosas. Qualquer coisa que talvez tenhamos considerado vantagens físicas tornam-se desvantagens rapidamente. O rosto está criando rugas, o cabelo, ficando branco ou caindo, os músculos, perdendo a firmeza, e a barriga, crescendo. Vejo isso no espelho todo dia! Nos primeiros anos de matrimônio, os casais falam ansiosamente sobre envelhecer juntos. Contudo, acredite em mim, é mais difícil do que parece.

Quando a vida toma um rumo que você não esperava, lembre isto: a regeneração é a primeira manifestação da vida espiritual em nossa alma. A renovação é esse mesmo poder manifestando-se em cada faceta de quem somos, adequando-nos, por assim dizer, à vida eterna com Jesus.

UMA HISTÓRIA DE RENOVAÇÃO: MARK E CAROL

A vida conjugal de Mark e Carol era complicada. Eles se conheceram na faculdade, apaixonaram-se e começaram seu primeiro ano de casamento. Entretanto, como recém-casados, Carol caía em momentos de profundo desencorajamento, e Mark achava dificuldade para ajustar-se ao seu papel como esposo. Ele passava muito tempo com os amigos, praticando esportes ou assistindo a programas esportivos na TV. De acordo com Mark, ele e Carol pareciam solteiros que, por acaso, estavam casados.

Mark acusava Carol: "Eu pensava que todos os problemas estavam nela... e continuei me afastando". O trabalho de Mark exigia que ele passasse muito tempo com mulheres. Ele disse: "Minhas afeições estavam sendo afastadas de Carol; eu estava me envolvendo emocionalmente com outras mulheres". Finalmente, Mark e Carol buscaram ajuda, e um conselheiro sugeriu um exercício: vão para casa e escrevam três razões pelas quais vocês casaram um com o outro, depois conversem sobre isso. "Aquela foi a tarefa mais difícil que alguém já me havia dado", Mark recorda.

Quando eles sentaram e compartilharam suas listas um com o outro, Deus começou a agir, e Mark viu, com assustadora clareza, a profundidade de

seu egoísmo e irresponsabilidade. "Fui quebrantado naquele momento", Mark recorda. "Naquele exato momento, o Senhor começou a restaurar a minha maneira de ver o casamento e o meu amor por Carol."

Por meio da confissão e do arrependimento, Deus iniciou uma renovação no coração de Mark. Por fim, ela se estenderia a todas as áreas de seu casamento. Também o prepararia para algumas notícias desastrosas.

Cuidado pelo vaso de barro que está enfraquecendo

Cada pessoa casada está unida a um cônjuge que está enfraquecendo. "Tesouro em vasos de barro" – é assim que Paulo nos chama (2Co 4.7). Essa é uma figura bem apropriada, quer você esteja na fase do noivado, quer esteja casado há décadas. O cuidado pelo vaso de barro é parte do chamado do casamento. Temos a alegria de preparar um ao outro para o céu, exatamente quando a terra reivindica o corpo. Temos prazer de ser os primeiros a contemplar a renovação interior, mesmo quando vemos o exterior deteriorar-se.

Enquanto o casamento de Mark e Carol começava a prosperar, eles mal sabiam que uma tempestade se formava no corpo de Carol. Sintomas estranhos começaram a aparecer: formigamento nas mãos e nos pés, problemas em sua visão. Parecia sério, e uma visita ao médico confirmou os temores. Foi diagnosticado que ela tinha esclerose múltipla progressiva. A deterioração do vaso de barro começou logo depois disso. No início, Carol andava mais devagar. Depois, ela precisou de uma bengala; mais tarde, de uma cadeira de rodas e, por fim, de uma cama. E tudo isso aconteceu numa rapidez devastadora.

No entanto, algo muito mais significativo estava acontecendo também – uma renovação. Embora a saúde de Carol estivesse decaindo, sua alma estava viva para Deus, e seu esposo, experimentando uma renovação completa. Mark diz: "Na época em que a esclerose múltipla começou a manifestar-se, o Senhor já tinha começado sua obra de volver meu coração para Carol. O diagnóstico veio quase ao mesmo tempo que houve o progresso em nosso casamento. A doença afetou a visão de Carol, as habilidades motoras, as feições, a mobilidade – parecia que nada ficara intacto. Mas eu me apaixonei de novo por Carol. Eu via apenas como ela era linda para mim".

Há mais de doze anos Carol não pode sair da cama. Para seus amigos

e sua família, ela é uma carta de Cristo, escrita numa frágil forma humana. Nas raras ocasiões em que ela pode sair de casa, Mark tenta aproveitar a chance para fazer coisas especiais com ela. A cadeira de rodas que ela usa, quando fora da cama, é projetada para mantê-la deitada. É uma façanha da engenharia. Mark quase não vê a cadeira. Ele ama demais a mulher que está deitada nela.

Não desanime

Um casamento maduro é aquele que vê longe, que vê a linha final da história e mais além. Visto que somos cristãos casados, Deus nos dá a extraordinária honra de cultivar a renovação interior e celebrá-la, enquanto também cuidamos da decadência exterior. É uma aventura irônica, possibilitada pelo evangelho, o único tesouro verdadeiro em nossos vasos de barro. Nem todo cristão casado vê isso claramente. Mas há alegria abundante para aqueles que o vêem.

Recentemente, Mark surpreendeu Carol num encontro de casais da igreja local deles. Esse é um evento que os dois amam, e Mark tinha algo especial em mente. Durante uma dança lenta, Mark caminhou até Carol, segurou sua cadeira e começou a dançar com ela. Ele girava a cadeira e dizia à sua esposa o quanto a amava. Foi um momento intenso para Mark, Carol e as outras pessoas que estavam lá, que se afastaram para dar mais espaço aos amantes no salão de dança.

Do ponto de vista humano, as coisas pioram cada vez mais para Carol. A sua saúde deteriorará, e ela morrerá de complicações relacionadas à sua condição, a não ser que Deus intervenha. Mark sabe disso, mas ele também sente uma profunda honra em ser capaz de cuidar de sua esposa enquanto ele a tiver. Mark diz: "Vejo como um privilégio e uma honra servir a Carol desta maneira. Com certeza há dificuldades, mas esta é a maneira pela qual Deus me mostra o quanto me ama. Sinto o seu amor *por* mim no fato de que Ele a confiou *a* mim".

Mark e Carol são dois dos meus heróis. Em sua prolongada e extraordinária provação, eles estão preparando um ao outro para um mundo diferente, por meio da maneira como vivem neste mundo. De vez em quando, Deus age na vida deles para aguçar seu gosto por aquilo que está por vir. "Há dias", Mark diz,

"em que Carol e eu sentamos juntos e oramos; é como se andássemos em solo sagrado. Sentimos a presença de Deus e sentimos que Ele está conosco. Acho que esses momentos nos trazem um pouco da sensação de estar no céu".

Um dia você ou eu poderemos ser chamados a fazer algo semelhante em favor de nosso cônjuge. Se esta oportunidade vier, reconheceremos como expressão do amor de Deus por nós o fato de que Ele nos confia um cônjuge sofredor, de quem cuidaremos e a quem amaremos nas provações? O nosso casamento nos dará um pouco da sensação de estarmos no céu? Alegro-me por que Mark e Carol podem mostrar-me como isso acontece.

PECADORES DIZEM "SIM" PARA O TEMPO DO ADEUS

Paulo entendeu algo importante. Enquanto a renovação interior é a realidade mais importante, não podemos anular ou negar a realidade do envelhecimento exterior. A morte opera em todos nós (2Co 4.12). A pergunta é: quando e como ela virá?

Todo casamento tem o seu momento final. Geralmente, a morte visita um cônjuge e entristece o outro. Se o evangelho foi entesourado no casamento, ambos os cônjuges estão preparados. Para aquele que parte, uma recepção celestial o aguarda – a experiência inimaginável de cruzar dois mundos, para chegar ao lugar para o qual fomos criados.

Mas, na providência misteriosa de Deus, um cônjuge fica para trás. A viagem de um dos vasos de barro ainda não terminou. Uma provação de tristeza começou, uma tristeza que pode moldar cada hora e esgotar toda força emocional. O luto é uma caminhada no desconhecido; é uma experiência universal que termina de maneiras intensamente pessoais. C. S. Lewis teve o seguinte pensamento durante sua dor de perda da esposa: "Ninguém nunca me disse que o luto se parece tanto com o medo".[3] Entretanto, mesmo nos momentos mais sombrios da perda, desejamos agradar a Deus em nossa dor. Não sofremos como aqueles que não têm esperança (1 Ts 4.13), porque temos esperança – esperança sublime, fascinante, exultante. A ressurreição do Salvador garantiu isso. O fogo da esperança do evangelho arde no íntimo, mesmo quando nos sentimos incapazes de alimentá-lo.

UMA HISTÓRIA DE LIBERTAÇÃO E ESPERANÇA: ALBERT E JERE

Jere inclinou-se, aproximando-se do ouvido de Albert. Ela queria ter certeza de que suas palavras seriam ouvidas, que o alcançariam enquanto ele estava entre os dois mundos. Ele estava em sua segunda semana no abrigo de pessoas doentes, mas as coisas pioravam rapidamente. Ele não estava mais consciente e seu corpo parava de reagir. "Querido, vá para Jesus. Não se preocupe comigo, Ele cuidará de mim. Você pode ir."

Eram casados havia quarenta e dois anos. Ela passara os últimos onze anos cuidando dele, em sua batalha contra o câncer. Houve a radioterapia, a medicação, os efeitos colaterais, a batalha diária contra o medo. Deus poupou a vida de Albert até chamá-lo pelo poder do evangelho e criar algumas memórias preciosas no casamento. Mas, no fim, o câncer prevaleceu.

Jere entendia o plano de Deus. Temera aquele momento, mas, de joelhos, diante de Deus, resolvera que procuraria servir ao marido em sua morte, como o servira em sua vida. Afinal, Albert era um homem amoroso e responsável. Jere sabia que o marido lutaria contra a morte, se não estivesse convencido de que ela poderia sobreviver sem ele. "Eu vou ficar bem, querido. Espere por mim lá." Ela segurou-lhe a mão, e ele se foi.

No vale da sombra da morte, enquanto o marido partia, Jere não se agarrou a ele como se fosse um ídolo. Apenas o deixou ir. Não era como resignação. Também não era como erguer as mãos e dizer: "Bem, Deus, acho que este é o seu jogo; tenho de concordar com os termos". Não, havia a confiança resoluta de que Deus sabia o melhor e era digno de confiança. Havia coragem para enfrentar o futuro, depois de terminado casamento. Isso se chama fé. É o tipo de fé que diz: "O SENHOR o deu e o SENHOR o tomou; bendito seja o nome do SENHOR!" (Jó 1.21). Uma esperança divina iluminou o luto de Jere.

Em sua Palavra, Deus oferece uma verdade saturada de esperança a qualquer cristão que sofre a perda de alguém. "Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação" (2Co 4.17). Essas realidades inspiram esperança quando vasos de barro quebram e não podem mais ser consertados. Quando pecadores

dizem "Adeus", aqueles que ficam devem sempre ter em mente as sublimes realidades da esperança.

Minha perda é leve

A palavra grega traduzida por "leve", em 2Coríntios 4.17, significa leve em peso, fácil de carregar, sem muita substância. É a mesma palavra que Jesus usou em Mateus 11.30, quando disse: "O meu fardo é leve". Paulo não estava retratando a dor como irrelevante ou insignificante. Talvez todos nós já estivemos envolvidos no processo de perda de uma pessoa querida e sabemos que o sofrimento de perder uma pessoa amada é real.

Paulo também não estava tentando banalizar a aflição. O seu desejo era elevar a nossa perspectiva *acima* da aflição. A perda *é* real, mas a tristeza não precisa tornar-se um fardo esmagador. Na verdade, a palavra "leve" foi escrita intencionalmente, em contraste com o "peso de glória, acima de toda comparação", que nos aguarda no céu. John Piper escreveu: "Quando Paulo disse que suas aflições eram leves, ele não quis dizer fáceis ou sem sofrimentos. Ele quis dizer que, comparadas ao peso da glória vindoura, as aflições são como penas na balança".[4] Nesta vida, a morte de um cônjuge é um momento decisivo que nos marcará até que morramos. Entretanto, comparado com a realidade a que nos encaminhamos, isso é apenas uma leve mudança de curso no oceano da eternidade.

O luto de Jere era completamente real. Ela teve insônia, apatia, desatenção e incapacidade de lembrar a aparência de Albert – depois de quarenta e dois anos de casamento! Mas ela tinha esperança. Sua confiança em Deus a ajudou a elevar os olhos para além de si mesma. A fé começou a produzir boas obras nela. No começo, eram pequenas – a vontade de levantar-se de manhã, a coragem de sair de casa. Mas, à medida que semeou obediência, começou a colher percepção. Ao seu redor, pessoas estavam sofrendo, e ela estava livre para ajudar. Ela podia suportar a tristeza e, ao mesmo tempo, servir a outros. Naquela época, o seu pastor disse: "Ela sofreu, mas também dedicou-se com zelo à igreja local. Ela se reuniu comigo para avaliar como poderia servir à igreja. Arrumou um trabalho, mas planejou seu horário de modo que pudesse servir ao povo de Deus. A morte de Albert lhe deu nova direção e fez surgir o desejo crescente de não perder coisa alguma!"

Minha provação é momentânea

Nenhuma provação parece ser momentânea. Há uma característica desgastante que infecta toda provação. Ela continua acontecendo e acontecendo, pelo menos isso é o que parece. Mas Deus nos convida a levantarmos e caminharmos para o outro lado. Ele deseja que examinemos nossa vida à luz de uma perspectiva diferente.

Assim como "leve", em 2Coríntios, é contrastada com "*peso* de glória", "momentânea" é contrastada com "*eterno* peso de glória". Avaliada pela eternidade, esta vida mortal é apenas uma brisa, um vapor, uma nuvem que se dissipa rapidamente com o menor vento. Seja qual for a provação pela qual você está passando, ela terminará, e um dia você a verá como ela realmente é: momentânea e leve.

Muitas vezes, a tristeza parece estender-se diante de nós como uma estrada que serpenteia um vale longo e profundo. A autocomiseração e o medo estão sempre implorando por acompanhar-nos na viagem. No começo, foi assim com Jere. Seus pensamentos eram: *O que vou fazer? Tudo que fiz foi cuidar de alguém por onze anos e cuidar da casa por quarenta e dois anos*. Mas, para o crente, há coisas mais poderosas do que a tristeza. Há esperança para o futuro. Há trabalho no presente. E, o que é mais importante, existe a cruz tanto no passado como sempre.

A cruz tornou-se o ponto de partida para a vida de Jere e a lente pela qual ela interpretou tudo. "Meu entendimento daquilo que aconteceu na cruz, por mim, e do sacrifício de Cristo fez toda a diferença. Para mim não há nada mais importante do que a cruz. O que Deus me deu por meio da perda de meu esposo foi um entendimento maior de quem Cristo é e do que Ele fez por mim e um poderoso senso da obra do Espírito Santo em mim." Jere viu que Deus enviou seu Filho como Salvador, que sofreu para morrer no lugar dela. Isso significava que havia intensa alegria em segui-Lo, mesmo no sofrimento. O sofrimento de sua perda não permaneceria. Era momentâneo.

Em vez de entregar-se ao desespero, Jere fez, todos os dias e, às vezes, a cada hora, decisões de aceitar a graça soberana de Deus e de olhar para além de si mesma. Decidiu transformar os anos que seguiriam o término de seu casamento em um tempo de "devoção inabalável" ao seu Salvador e à sua igreja. Ela

se engajou no ministério dos solteiros (acompanhando os jovens), tem se relacionado com os idosos e viajado a conferências somente para servir. Jere não está em casa assistindo ao relógio de sua vida diminuir o ritmo. E, com certeza, não está se consumindo nas agradáveis atividades dos anos de aposentadoria. Por mais de uma década, ela tem-se dedicado – o poder da graça externando a eternidade em sua vida.

Minha perda é uma preparação

É difícil pensar no sofrimento como uma preparação. Seja o sofrimento uma dor de dente ou a perda de um cônjuge, ele parece uma experiência tão presente, que o futuro raras vezes entra em nosso pensamento.

No entanto, Deus nos convida a ver o sofrimento de perda como uma preparação para algo incompreensível. Nossa perda no presente não somente abre a porta à glória, ela produz glória. "A nossa leve e momentânea tribulação *produz para nós* eterno peso de glória" (2Co 4.17). E, ainda mais, esta glória está "acima de toda comparação". Pense nessas quatro palavras por um momento. Paulo não pôde nem citar uma analogia ou ilustração para nos ajudar a entender a glória que se encontra além do nosso sofrimento! Ele disse que a glória é insondável, inconcebível, inimaginável, *acima de toda comparação*. O cônjuge que permanece deve estar sempre anelando por isto: a glória incomparável.

O funeral de Albert aconteceu há mais de onze anos. Às vezes, Jere ainda não acredita que é viúva há tanto tempo. A sua casa – com seus trinta e dois anos de memórias da educação de três filhos, de feriados juntos, festas na vizinhança, o lugar onde esposo e esposa sussurraram "Eu amo você" pela última vez – foi vendida há dez anos. Isso foi difícil. Agora, ela mora sozinha num confortável apartamento de um quarto. Mas raramente está lá. Há tanta coisa para fazer!

Jere ama estudar. Agora mesmo, aos setenta anos, o seu entusiasmo por aprender coisas novas é contagiante. Ela estuda regularmente a Palavra de Deus e bons livros. Isso não somente prepara sua alma para seu Salvador, mas também lhe dá mais para oferecer aos outros. Uma mãe de três adolescentes disse: "Por meio de seu exemplo e de sua honestidade, Jere tem-me encorajado e exortado a amar mais meu Salvador e a zelar mais por minha família. E não

foi só isso, agora tenho uma percepção de como Deus me encontrará quando eu for mais velha".

Jere vê algo que muitos viúvos e viúvas não vêem. Visto que ela não tinha mais deveres para com o esposo e os filhos, Deus a deixou livre para dedicar-se aos outros; e as Escrituras lhe pedem isso (Tt 2.3-5). Ela tem uma grande filosofia de vida: "Uma pessoa sábia está sempre se preparando para o próximo estágio. Estou no fim de minha vida. Quero viver preparando-me para o que virá depois. Quero gastar meu tempo e dinheiro de um modo que reconheça a eternidade". Ela não perde tempo tentando adivinhar como será o futuro. Apenas se prepara para ele.

Quero ser assim quando envelhecer. E, se eu não for assim, não terei desculpas. Você sabe, Jere não é apenas um exemplo inacreditável para mim. Ela é minha mãe. E estou aqui, na primeira fila, assistindo a sua corrida e aplaudindo-a até ao final.

USANDO ESTE DIA PARA AQUELE DIA

Matthew Henry disse certa vez: "A preparação para nosso último dia deve ser um trabalho diário".[5] Esse pastor puritano tinha consciência de que estava completando a carreira. Uma parte vital dessa carreira é o companheirismo que se inicia quando pecadores dizem "Sim". No começo deste livro, pedi que você considerasse com seriedade o pecado e a maneira como ele age no casamento, o mais íntimo e significativo dos relacionamentos humanos. Espero que agora você perceba que, ao considerarmos o pecado biblicamente, mantemos nossa atenção no que realmente importa no casamento: o amor e a misericórdia insondáveis de Deus derramados sobre nós por meio do Salvador.

Quando olhamos para a cruz, começamos a ver a aurora de um dia glorioso. O seu casamento e o meu casamento nos preparam agora para aquele dia. O casamento existe para nos conduzir àquele dia. Que dia? A ceia das bodas do Cordeiro, que Charles Spurgeon descreve como "o feriado do céu". Não há outra maneira melhor de terminar este livro do que me colocar ao lado do pastor Spurgeon e espreitar com ele através da janela da eternidade, captando um vislumbre do que nos aguarda.

> O céu é sempre o céu. E está indescritivelmente repleto de bem-aventurança. Contudo, até o céu tem seus feriados, até a felicidade tem as suas exuberâncias. Naquele dia, quando a primavera do infinito oceano de alegria tiver chegado, que imensa onda de deleite inundará a alma de todos os espíritos glorificados, quando perceberem que a consumação do grande plano de amor aconteceu – "São chegadas as bodas do Cordeiro, cuja esposa a si mesma já se ataviou"! Não sabemos ainda, amados, quão felizes nos sentiremos... Oh! quanto desejo estar lá!... Se eu puder apenas contemplar o Rei em sua beleza, na plenitude de sua alegria, quando tomará, pela sua destra, aquela por quem Ele derramou seu sangue precioso e desfrutará a alegria que Lhe foi proposta, em razão da qual Ele suportou a cruz, não fazendo caso da ignomínia, serei realmente bendito! Oh! que dia grandioso aquele em que cada membro de Cristo será coroado nEle, com Ele, e cada membro do corpo espiritual será glorificado na glória do Noivo! Um dia virá, o dia dos dias, a coroa e a glória do tempo, quando... os santos, vestidos com a justiça de Cristo, serão eternamente um com Ele em vida, amor e união permanente, participando da mesma glória, a glória do Altíssimo. Como será maravilhoso estar lá![6]

Nosso casamento neste mundo é uma figura imperfeita do que anelamos desfrutar no relacionamento eterno com nosso Salvador. Creio que este livro lhe deu uma compreensão do modo como Deus age neste mundo para o bem de nossa alegria no céu.

Não importando em que situação o seu casamento esteja neste momento, ele está indicando a mais forte realidade possível. Embora nosso casamento seja bastante real para nós, neste mundo, ele é apenas uma sombra da realidade

que experimentaremos quando Cristo vier para reivindicar sua noiva. Naquela ocasião, teremos uma festa de casamento pela qual celebraremos nossa união com Cristo e será bem diferente de qualquer festa celebrada antes. Toda a família de Cristo estará presente – não faltará nenhuma pessoa de toda a terra. A alegria que desfrutaremos naquela festa não será maculada pelo pecado, pela luta, pelo sofrimento ou pelo desapontamento. Estaremos para sempre com Cristo em nosso novo lar. Que glória se nos apresenta como pecadores que disseram "Sim"!

Notas

AGRADECIMENTOS

1. PIPER, John. *Uma vida voltada para Deus*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2007. p. 145.

PREFÁCIO

1. WATSON, Thomas. *The doctrine of repentance*. Edinburgh: Banner of Truth Trust, 1987. p. 63. Reimpressão.
2. SPAFFORD, Horatio G. "It Is Well With My Soul", estrofe 3, 1873.

CAPÍTULO 1

1. SPROUL, R. C. *Knowing Scripture.* Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 1978. p. 22.
2. KNIGHT, George. Husbands and wives as analogues of Christ and the church. In: PIPER, John; GRUDEN, Wayne (Ed.). *Recovering biblical manhood and womanhood:* a response to evangelical feminism. Wheaton, IL: Crossway, 1991. p. 175-176.
3. PLANTINGA, Cornelius. *Not the way it's supposed to be:* a breviary of sin. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1995. p. 199.
4. TOZER, A. W. *The knowledge of the Holy.* San Francisco: HarperCollins Publishers, 1961. p. 1.

CAPÍTULO 2

1. SCOUGAL, Henry. *The life of God in the soul of man:* or the nature and excellency of the christian religion. Harrisonburg, VA: Sprinkle Publications, 1986. p. 81
2. DALLIMORE, Arnold A. Spurgeon: uma nova biografia. São Paulo, SP. Editora PES, 2007.
3. MACARTHUR JR., John F. *The vanishing conscience:* drawing the line in a no-fault, guilt-free world. Dallas: Word, 1994. p. 11.
4. BRIDGES, Jerry. *The discipline of grace:* God's role and our role in the pursuit of holiness. Colorado Springs: NavPress, 1994. p. 193.
5. PACKER, J. I. *Rediscovering holiness*. Ann Arbor: Servant Books, 1992. p. 135.
6. OWEN, John. *Sin and temptation.* Vancouver, B.C.: Regent, 1995. p. xvii. Condensado e editado por James M. Huston.

CAPÍTULO 3

1. GOODWIN, Doris K. *Team of rivals*. New York: Simon and Schuster, 2005. p. 371.
2. E, como todo pecado é guerra contra Deus – não importa se o pecado acontece no restrito campo de batalha de seu coração ou no campo de batalha mais amplo do seu casamento –, você é chamado, neste sentido, simplesmente a entregar-se a Ele. Seu objetivo é confessar, arrepender-se e receber perdão.

3. NEWTON, John. *Letters of John Newton, nº 23*. Carlisle, PA: Banner of Truth Trust, 1990. p. 129. Reimpressão.
4. SPROUL, R. C. *Pleasing God*. Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 1994. p. 150.
5. WATSON, Thomas. *The doctrine of repentance*. Edinburgh: Banner of Truth, 1988. p. 110.

CAPÍTULO 4

1. GOLDSWORTHY, Graeme. *Gospel and wisdom:* Goldsworthy trilogy. Carlisle, UK: Paternoster Press, 2000. p. 528. Reimpresso em *The News Journal* (Wilmington, DE).
2. PACKER, J. I. *A Quest for godliness:* a puritan vision of the christian life. Wheaton, IL: Crossway Books, 1990. p. 118.
3. HELLMICH, Nanci. Couples manage conflicts best with empathy, respect, love. *USA Today*, McLean, 26 Sept. 2005.
4. CALVIN, John. *Institutes of the christian religion*. Louisville-London: Westminster John Knox Press, 1960. p. 604. Editado por John T. McNeill. Calvino o afirma nos seguintes termos: "Ensinamos que todos os desejos humanos são maus, e nós os carregamos de pecado – não porque são naturais, e sim porque são imoderados".

CAPÍTULO 5

1. MILLER, Kevin A. Character. In: GOETZ, David (Ed.). *Christian leadership:* cultivating a leader's heart. Wheaton, IL: Tyndale House Publishers, 2001. p. 26.
3. Em seu livro *Relationships, A Mess Worth Making* (Cincinnati: New Growth Press, 2007), Tim Lane e Paul Tripp abordam alguns dos temas da misericórdia aplicada aos relacionamentos.
3. TRIPP, Paul. *Instruments in the Redeemer's hand*. Phillipsburg, NJ: Presbyterian & Reformed, 2002. p. 136-137.
4. Susannah Wesley, nascida em 1669, ficou conhecida como a "Mãe do Metodismo". Ela era esposa de um pastor e mãe de 19 filhos, nove dos quais sobreviveram até à idade adulta. Durante toda a sua vida, ela passou por muitos dificuldades e tristezas. Seus filhos Charles e John tornaram-se dois dos fundadores do metodismo, um avivamento que enfatizava o estudo metódico da Bíblia e uma vida santa.
5. STOTT, John. *Basic christian leadership:* biblical models of church, gospel and ministry. Downers Grove, IL: InterVarsity Press, 2002. p. 38.
6. SHAKESPEARE, William. *The merchant of Venice*. In: GREENBLATT, Stephen et al (Ed.). New York, London: W. W. Norton, 1997. 4.1.179-182.

CAPÍTULO 6

1. Disponível em: http://en.wikipedia.org/wiki/31st_G8_summit
2. Pode-se argumentar que às vezes perdoamos uma pessoa inacessível, porque já morreu, está distante ou nos rejeita. Mas este é um livro sobre casamento em que o pecado acontece entre duas pessoas que dormem na mesma cama. Então, para nossos propósitos, analisaremos o relacionamento íntimo da experiência do perdão.
3. BENNETT, Arthur S. (Ed.). Humiliation. *The valley of vision:* a collection of puritan prayers and devotions. Edinburgh: Banner of Truth, 1975. p. 143.
4. FRANCE, R. T. *Tyndale New Testament commentaries: Matthew*. Leicester, England: InterVarsity Press, 1985. p. 277.
5. SANDE, Ken. *The peacemaker*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1991. p. 163.
6. NEWTON, John. *Letters of John Newton, nº 24*. Edinburgh: Banner of Truth, 1988. p. 132-133.

CAPÍTULO 7

1. CARTER, Tom (Comp.). *2200 quotations from the writings of Charles H. Spurgeon*. Grand Rapids, MI: Baker Books, 1988. p. 172.

2. HENRY, Matthew *The quietness and meekness of soul*. Morgan, PA: Soli Deo Gloria. p. 113.
3. PACKER, J. I. O Conhecimento de Deus. São Paulo, SP. Mundo Cristão.
4. POWLISON, David. *Suffering and the sovereignty of God*. Wheaton, IL: Crossway Books, 2006. p. 145.
5. SPAETH, Adolph; REED, L. D.; JACOBS, Henry E. et al (Trad. e Ed.). *Works of Martin Luther*. Philadelphia: A. J. Holman Co., 1915. Vol. 1, p. 29-38. Disputa do Dr. Martinho Lutero sobre o poder e a eficácia das indulgências.
6. TOZER, A. W. *À procura de Deus*. 4ª Ed. Belo Horizonte, MG: Editora Betânia, 1985. p. 84.
7. MAHANEY, C. J. *Humildade, verdadeira grandeza*. São José dos Campos, SP: Editora Fiel. p. 82.

CAPÍTULO 8

1. Recomendo os seguintes livros que abordam o assunto de romance no casamento: *Love That Lasts* (Gary e Betsy Ricucci); Sexo, Romance e a Glória de Deus (C. J. Mahaney); *Sex and the Supremacy of Christ* (John Piper); *The Intimate Marriage* (R. C. Sproul).
2. PACKER, J. I. *Vocábulos de Deus*. 2ª Ed. São José dos Campos, SP. Editora Fiel, 2002. p. 86.
3. PLANTINGA, Cornelius. *Not the way it's supposed to be:* a breviary of sin. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1995. p. 199.
4. STOTT, John. *The message of 1 Timothy and Titus*. Leicester, England; InterVarsity Press, 1996. p. 193.
5. BONAR, Andrew A. *Life and remains:* letters, lectures and poems of the rev. Robert Murray M'Cheyne, minister of St. Peter's church, Dundee. New York: Robert Carter, 1848. p. 209.
6. BRIDGES, Jerry. *Disciplines of grace*. Colorado Springs: NavPress, 1994. p. 21.
7. OWEN, John. *Sin and temptation.* Portaland: Multnomah, 1983; Vancouver, B.C.: Regent College, 1995 (reimpressão). p. 36-37.

CAPÍTULO 9

1. Extraído do *Dictionary of Paul and His Letters* (p. 172-173): "Como um rico centro de comércio e de marinheiros, Corinto era uma cidade grega famosa por sua maldade (em especial, a corrupção sexual), bem como por seus muitos templos e ritos religiosos. Aristophanes (cerca de 450-385 a.C.) cunhou o termo *korinthiazesthai* ('agir como um coríntio', isto é, 'praticar fornicação'), devido à reputação da cidade. Platão usou o termo 'garota coríntia' como um eufemismo de prostituta. E, embora sua exatidão histórica seja contestada, o relato de Estrabão sobre as 1000 prostitutas no templo de Afrodite reflete a imagem da cidade, na qual os muitos templos cumpriam o seu papel no tom imoral da vida da cidade".
2. MACARTHUR, John F. *1Corinthians commentary*. Chicago: Moody Publishers, 1984. p. ix.
3. SPROUL, R. C. *The intimate marriage*. Phillipsburg, NJ: P & R Publishing, 1975. p. 89. Reedição em 2003.
4. 60% dos sites acessados na Internet são de natureza sexual (*Pesquisa da MSNBC de 2000*). Atualmente, Hollywood lança 11.000 filmes pornográficos por ano – vinte vezes mais que a produção cinematográfica geral (*LA Times Magazine, 2002)*. Um entre quatro americanos adultos avaliados em 2002 admitiu ter visto um filme pornográfico no ano anterior (*National Opinion Research Letter)*. Extraído de: *http://www.blazinggrace.org/pornstatistics.htm*.
5. Um dos grandes desafios em adotar uma visão bíblica do sexo no casamento é que nossa experiência atual pode ser desencorajadora e incorrigível. Podemos trazer culpa ou vergonha ao nosso casamento devido a coisas que fizemos ou foram feitas conosco. E nossa interação sexual no casamento pode ser destituída de amor, manipuladora ou motivada por luxúria. Essas lutas são reais e poderosas. Minha esperança é que, ao ler este capítulo, você comece a ter uma percepção a respeito do que o sexo PODE ser e a trabalhar com seu cônjuge para tornar essa percepção a experiência de vocês. Tenho certeza de que o poder transformador do evangelho pode alcançar qualquer relacionamento ou experiência, introduzindo vida e alegria onde tem havido derrota e pesar.

6. PIPER, John. Em busca de Deus – A plenitude da alegria cristã. São Paulo, SP. Shedd Publicações, 2008.
7. MAHANEY, C. J. Sexo, Romance e a Glória de Deus. Rio de Janeiro, RJ. CPAD, 2007.
8. RICUCCI, Gary; RICUCCI, Betsy. *Love that lasts:* when marriage meets grace. Wheaton, IL: Good News-Crossway Books, 2006. p. 117.

CAPÍTULO 10

1. PACKER, J. I. *A quest for godliness*. Wheaton, IL: Crossway Books, 1990. BAXTER, Richard *Works* IV:234 (*The Poor Man's Family Book,* 1674).
2. CARSON, D. A. *How long, o Lord?* Grand Rapids, MI: Baker Books, 1990. p. 109.
3. LEWIS, C. S. *A grief observed*. New York: Harper Collins, 1961. p. 3.
4. PIPER, John. Sermão pregado na Igreja Batista Bethlehem, em Minneapolis (Minnesota), no dia 6 de setembro de 1992.
5. Citado em: ALCORN, Randy. *In light of eternity*. Colorado Springs, CO: Waterbrook Press, 1999. p. 137.
6. SPURGEON, C. H. *The marriage of the Lamb,* nº 2096. Sermão pregado no Tabernáculo Metropolitano (Newington, Inglaterra), na manhã do domingo 21 de julho de 1889.

A Editora Fiel tem como propósito servir a Deus através do serviço ao povo de Deus, a Igreja.

Em nosso site, na internet, disponibilizamos centenas de recursos gratuitos, como vídeos de pregações e conferências, artigos, e-books, livros em áudio, blog e muito mais.

Oferecemos ao nosso leitor materiais que, cremos, serão de grande proveito para sua edificação, instrução e crescimento espiritual.

Assine também nosso informativo e faça parte da comunidade Fiel. Através do informativo, você terá acesso a vários materiais gratuitos e promoções especiais exclusivos para quem faz parte de nossa comunidade.

Visite nosso website

www.editorafiel.com.br

e faça parte da comunidade Fiel

Editora Fiel

QUANDO *PECADORES* DIZEM "SIM"

O casamento é a união de duas pessoas que chegam ao altar com uma bagagem surpreendentemente grande. Em geral, ela se abre durante a lua-de-mel; às vezes, espera até à semana seguinte. A Bíblia chama-a de pecado. Compreender a sua influência pode fazer toda a diferença para um homem e uma mulher que estão construindo a vida juntos. Quando Pecadores Dizem "Sim" aborda a importância do poder transformador do evangelho na imprevisível jornada do casamento. O estilo de redação de Dave Harvey cativa o leitor, enquanto fala com honestidade e, às vezes, humor a respeito do pecado e do poder do evangelho para vencê-lo. Ele descortina a maravilhosa verdade da Palavra de Deus e encoraja o leitor a perceber com mais clareza o glorioso panorama do que Deus faz quando pecadores dizem "sim".

"Dave Harvey expõe com muita habilidade a verdadeira fonte dos problemas da maioria dos casamentos – cada cônjuge é um pecador. Contudo, ele não nos deixa a revolver em nosso pecado. Antes, mostra o escape por meio do incessante poder do evangelho. Este livro será proveitoso para todo casal, quer estejam unidos há cinco ou há cinqüenta anos."

• ***Jerry Bridges,*** *autor de "The Pursuit of Holiness"*

"Este livro é maravilhoso. É sincero, estimulante, prático e, acima de tudo, bíblico. Estas páginas, escritas com cuidado, exalam verdade e graça. Este livro é cristocêntrico e libertador, mostrando o caminho para um casamento que desfruta do poder de Deus."

• ***Randy Alcorn,*** *autor de "Heaven"*

"Dave Harvey não somente apresenta um diagnóstico bíblico do conflito conjugal, mas também prescreve a cura – o evangelho. *Quando Pecadores Dizem "Sim"* proporciona clareza no conflito, esperança no desespero e mostra o caminho para um casamento que é pleno de alegria e glorifica a Deus."

• ***C. J. Mahaney,*** *autor de "Humildade, Verdadeira Grandeza"*

EDITORA FIEL

ISBN 978-8599145-71-5

9 788599 145715

Categorias: Família / Vida Cristã